This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

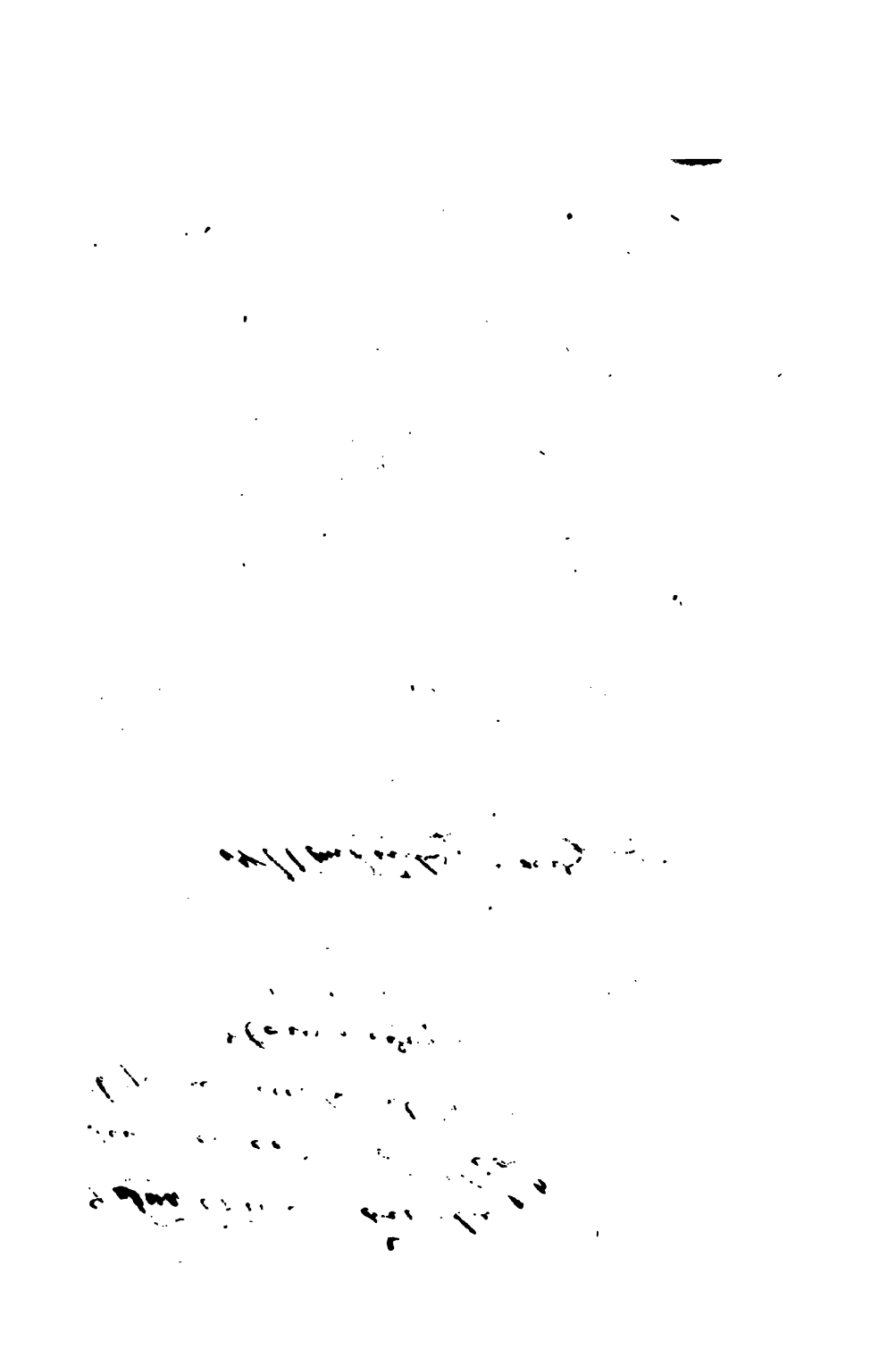
348
me

A 474027 DUPL

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

A Sua Irmã Emilia,
Bem pertecde á "Pia"
Offerece neste dia
O Comprador.

A Monteiro Jorge



MEMORIAS

DE

GUILHERME DO AMARAL

OBRA POSTHUMA

EDITADA

POR CAMILLO CASTELLO-BRANCO

LISBOA
LIVRARIA DE MANOEL ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR
37—Rua Augusta—81
1863

A Sua irmã Emilia,
Bem parecida á Pia,
Offerece este dia
O Compreador.

A. Martinho Gomes

MEMORIAS

DE

GUILHERME DO AMARAL

OBRA POSTHUMA

EDITADA

POR CAMILLO CASTELLO-BRANCO

LISBOA
LIVRARIA DE MANOEL ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR
77—Rua Augusta—81
1863

869.8
C348me

INTRODUCÇÃO

Na memoria de algumas pessoas, vivem ainda os meus romances, denominados «Onde está a felicidade?» e «Um homem de brios». Guilherme do Amaral, Augusta, Francisco, e o jornalista, amigo de todos, conseguiram captar a sympathia de leitores, que ainda me perguntam por elles, menos por ella, pela adoravel costureira da rua Armenia, que essa lá está no reino da justiça, ou n'uma estrella, que eu, no alto silencio da noite, contemplo, scismando com a vaga impressão de sua imagem, vista n'uma primavera do Candal.

Por Guilherme do Amaral, perdoado pelo

muito que penou, é que me perguntam não só os moços da indole viciosa d'elle, porém avêssos á gloria de tamanha expiação; mas até sujeitos graves e severos, que tem um codigo seu particular em juizo de culpas alheias, codigo incompativel com as leis da divina misericordia. Signal é isto de que o fidalgo beirão, aquelle gentil galan que brilhou, no Porto, por aquelles annos em que a cidade heroica era toda em si um festim de explendidas alegrias, signal, digo, de que elle passou d'esta vida sem odio de ninguem, lastimado por muitos que o invejaram ainda mesmo nos seus dias de purgatorio, e verdadeiramente só o viram desgraçado depois que eu escrevi com o sangue escorrido d'aquelle coração as derradeiras paginas do «Homem de brios».

Agora direi o que ainda hontem me foi communicado pelo jornalista; e, se o leitor consente, direi primeiro d'este homem, a quem eu devo um grande numero de historias obscuras, que passam como obra de invenção minha nos romances em que o leitor tem consummido algumas horas, não de todo estereis para si, conjectura a minha vaidade, mas certamente de

muita ufania para mim — legitimo desvanecimento, e suprema e mais presada retribuição do meu lavor de quinze annos.

O jornalista voltou do imperio brazileiro, onde estanceou dez annos. Não diz que vem rico; mas os tres meninos, que elle abraça no regaço de sua esposa, são thesouros de que elle tira a cada hora doçuras de incomparavel felicidade. A mãe d'estes anjos é brazileira. Está nos seus florentissimos trinta e dois annos. Descende das raças fortes indigenas do clima ardente. Não lhe vejo um certo languor e quebranto que individualisa a mulher do novo-mundo, e nol-a faz cá parecer mais que muito amavel.

— Conta-me a historia do teu venturoso casamento — disse eu ao litterato — Conquistaste intellectualmente esta dama?

— Não — respondeu elle — Minha mulher é uma sincera creatura, que diz sempre a verdade, e lisamente se mostra qual é. Os meus dotes litterarios não a moveriam mediocremente, por que, se ha coisa refractaria á acção do talento, é o coração da mulher. Nenhuma, que eu saiba, até á data de hoje, se apaixonou pelo ge-

nio. Se alguma o disse, mentiu. O poeta inspirado, ou o prosador-poeta alguma vez terão conseguido levar de assalto as diamantinas muralhas dos corações de notaveis senhoras; seja assim; mas o talento, n'estas victorias, não é principio nem fim: é meramente um meio. O poeta, o philosopho, o historiador, o romancista, e o dramaturgo não conseguem fazer-se amar pelo seu nome, nem pelo prestigio dos seus triumphos litterarios.

—E tem razão as senhoras—atalhei eu—Tu, que foste poeta, e publicaste volumes, cantando em cada volume dez differentes mulheres, que confiança podes inspirar?

—Ora ahi está! Com esse mesmo argumento ia eu justificar minha mulher de me não ter amado como poeta, esperando que tu, benemerito d'esta lealdade custosa ao amor proprio, me confessasses se alguma distincta victoria alcançaste com os teus romances.

—Victorias negativas todas, no rigor philosophico da coisa; mas não é de mim que se trata. Bem vês que não tenho a dar-te a historia do meu casamento, nem eu, respeitador da virtude, ousaria emparelhar os successos da minha

vida com o venerabundo objecto da nossa palestra. Perguntei eu se conquistaste intellectualmente esta excellente senhora. Já respondeste que não.

—O meu casamento foi assim. Estava eu, pois, no Rio de Janeiro vivendo, como te disse, na minha carta de 20 de julho de 1856, n'uma agua-furtada da rua do Rozario, menos pobre do que fôra, em virtude da pequena herança, que me legou o condiscipulo fallecido em Santos [1]. Senhoreara-se de mim um completo desfallecimento de força intellectual. Tinha dinhei-

[1] Vem a ponto informar o leitor da situação do jornalista, com referencia á carta citada, e anterior ao seu casamento. Eu planiei em 1858 escrever um romance, intitulado O PHILOSOPHO DE TRAPEIRA, em que o philosopho vinha a ser o meu amigo jornalista, residente na agua-furtada da rua do Rosario. Os elementos essenciaes do romance seriam aproveitados das cartas auto-biographicas de Ernesto Pinheiro, que assim, pouco mais ou menos, se chama o amigo de Guilherme do Amaral. Escrevi os dois primeiros capitulos, que viram a luz em um jornal litterario de Coimbra, o qual se apagou, ao mesmo tempo que uma subita borrasca das muitas da minha vida me apagou a intelligencia. D'essas poucas paginas, publicadas e já esquecidas, me pareceu necessario transcrever alguma na parte d'este livro, que vem a proposito de Ernesto Pinheiro.

Ernesto Pinheiro desapparecêra um dia de Portu-

ro, que me assegurava a parca subsistencia de alguns annos, e contava morrer antes que o peculio da herança se exhaurisse.

Ninguem me conhecia, ninguem pensava em mim, excepto um guarda-livros de casa ingleza, um lisboeta que vivia estreitamente com o conto de réis de seu ordenado, e scismava em casar-se com uma viuva abastada. Este meu visinho de trapeira contava-me os pormenores da sua atravessada existencia, e fazia-me rir, quando me lia volumes de papel assetinado em que elle repetia mensalmente á sua amada a mesma his-

gal. De bordo do navio, fundeado no Tejo, duas horas antes de subir ao tombadilho para sondar, por ultimo, o formoso ceu, que impassivel lhe vira as inclemencias da vida, escreveu-me esta carta:

«Esperei esta hora solemne para dizer-te o *valè* dos infelizes, que se afastam cada um com sua cruz por differentes sendas, mas sempre com os olhos fitos no mesmo Golgotha. Á hora em que te escrevo, tangem a finados os sinos de Lisboa. Bem vinda seja esta melancolica toada, que me alanceia o coração, d'onde as lagrimas não podiam sahir. Não é saudade de pai, de mãe, de irmãos. Não tenho alguem que me chore, Choram-me estes sinos. É para mim que a Providencia reservava este dobre á hora em que morreu a minha mocidade, passado, esperança, e patria!

«Que deixo eu aqui? A luz moribunda da ultima paixão, que devêra ter sido a primeira. Ahi me fica

toria com lindissima letra ingleza, e phrases não de todo despeciendas. Não sei se a viuva casou com elle por amor, se por commiseração. A elle dizia eu jocosamente que a viuva, de certo, preferiria recebêl-o como esposo á obrigação de lêl-o mensalmente em volume, afóra as cartas diarias, que deviam ser paginas soltas do volume. O certo é que elles casaram, e o meu visinho, bem que rico e chamado a outra esphera de relações, conservou-se meu amigo, e chamou-me á intimidade de sua familia, obsequio que eu, a grandes intervalos, acceitei.

essa martyr, que a sociedade crucificou, por que a viu tirar-me do coração os espinhos, e beber-me dos labios a peçonha que os homens me haviam vertido com a mal-querença, a inveja, a calumnia e o insulto.

«Ella ahi fica duvidando de Deus, da virtude, e de mim. Pensava aquella santa que seria obra meritoria a olhos divinos erguer-me do impio desalento, em que me encontrára, até os augustos affectos do coração, e rehabilitar-me, por influxo do amor humano, a outro mais seguro e esperançoso amor. Pensava ella que a propria sociedade, obrigada a confessar que meus vicios se depuravam na flamma de uma affeição generosa, lhe abençoaria um amor, que viria a restaurar a honra degenerada no animo do homem abominado. Pensava ella que eu, depois de vêl-a descrer da justiça dos homens e da misericordia do Senhor, continuaria a tomal-a como instrumento de castigo a inve-

A esposa do meu hospedeiro amigo tinha uma irmã, que me recebia friamente, depois que o cunhado lhe dera a lêr os meus quatro volumes de versos. Dizia ella que eu depois de ter amado todas as mulheres do velho-mundo, ia talvez á America devastar novos corações. Firmava ella a sua conjectura lisongeira no facto de serem os meus quatro volumes uma especie de vocabulario de nomes proprios femeninos, em que predominavam as *Coras*, as *Hemas*, as *Berthas*, e as *Racheis* e *Suzannas*, e outros muitos nomes judeus com que eu enco-

josos, e me affrontaria com os poderosos inimigos que urdiam a sua irremediavel perdição.

«Fujo á infeliz, meu amigo, e deixo-lhe de mim um conceito bastante immerecido para que seja ella a ultima a vilipendiar minha memoria.

«Estás no Porto. Vai ás praças. Escuta os maltrapidos illustres da honra, quando elles discutirem a minha expatriação. Ouvil-os-has dizerem que eu paguei com o desprezo á mulher perdida, que pozera aos pés do meu cynismo a sua honra e os fóros da opinião publica. Verás por que lameiro de calumnias elles arrastam essa mulher, que poderia ainda ser grande e soberba de seu crime, se a eu incitasse a affrontar a difamação com rosto alegre.

«A sociedade estorce-se em phrenesis de raiva, quando o crime francamente se mostra e ri. Essa mesma sociedade cospe desprezos no pesar, que se humil-

bria umas certas *Joannas* e *Thomasias* e *Felisardas*, nomes christianissimos refractarios á rima e ao bom gosto.

Além d'isto, achava-me ella triste, aborrecido, e somnolento.

O meu amigo dizia-lhe que eu era desgraçado, e Gabriella candidamente me pedia a narração da minha vida, com a historia de cada uma das moças, que eu tinha amado, e cantado nos meus versos.

Eu achava a isto infinita graça, e não contava a historia de ninguem, nem a minha por preguiça.

da até implorar perdão. Eu vi ahi, n'essa fetida sentina, fartas vezes, a immoralidade contumaz vencer com o despejo a guerra que uns aos outros, e umas ás outras se fazem os biltres chamados *homens serios*, e as illustres collarejas chamadas *senhoras honestas*. Conheci as Cecilias e as Carvalhosas [1], que tu hasde, a medo, bosquejar nos teus romances, quando lançares mão d'esse extremo desforço dos teus brios esmagados por estupidos ociosos e devassas recatadas. Se, alguma vez, imprudente mulher, avêssa aos ardis da hypocrisia, resvalava até ás botas d'essa gente, explicando, com lagrimas e contricção, o impulso da sua queda, de que muitas vezes a estava absolvendo a honra do coração, os infames punham-lhe o pé no peito, e esmagavam no pesar o reagente da virtude que rehabilita.

[1] Allude a personagens dos romances «Onde está a felicidade?» «Homem de brios» e «Vingança».

Um dia perguntou-me o cunhado de Gabriella se eu gostava de sua cunhada. Respondi o mais brevemente que pude, sem dar a explicação por que gostava. No dia seguinte achei-a pensativa extraordinariamente; gostei mais d'ella por vêl-a triste; sahi da minha usual taciturnidade; fallei-lhe com amizade sem requebros; e passei a noite, em vista do mar, pensando n'ella.

Disse-me o meu amigo que lhe escrevesse, na certeza de que sua cunhada me receberia agradavelmente a carta. Escrever muito era o

«Não posso ainda arrancar do peito a garra do meu demonio. Apenas trato de mitigar estas dôres com a uncção de não sei que esperanças de encontrar, alguma hora da vida, o anjo da divina justiça com o premio de tantas afflicções obscuras.

«Não sei o que vou ser duas mil leguas distante da patria. Nenhuma cobiça me incita. Não sinto o aguilhão que impelliu por esta mesma esteira aventurosa aquelle nosso amigo que lá se despenhou de um terceiro andar, d'onde os braços caridosos de um negro o levantaram com o craneo espedaçado, e o fel do coração a escorrer-lhe em fio dos labios [1]. Não, meu amigo.

[1] Referencia ao bacharel Fernando Jacome, de uma illustre familia de Braga, residente alguns annos no Porto, onde a adversidade o empobreceu, e a pobreza o immoleu á necessidade de não ser pobre.

systema do bem sorteado guarda-livros. Desculpei-me judiciosamente, allegando que me era mais facil fallar que escrever. Fallei, fui ouvido com mostras de contentamento, e desde essa hora recebido como noivo.

Aqui tens a historia simples, e por isso enfadonha, do meu casamento. Gabriella é esta doce companheira, e extremosa mãe de meus filhos, que estou creando para irem ser caixeiros de meu cunhado.

—Caixeiros!—interrompi eu—Pois tu crias teus filhos para caixeiros!?

«Sei que o dinheiro é o mais excruciente látego com que no Porto se castigam os inimigos; sei como ahi se dobra o joelho diante do ladrão feliz, e do infame nobilitado. Abjuro a satisfação de tal vingança, que, primeiro, me custaria a renuncia de quantos sentimentos de homem de bem ainda me restam illesos da detracção d'estes chatins, que uns aos outros se infeiram na praça a deshonra havida já como facto consummado.

«Adeus meu amigo.

« Quando tiveres uma hora de concentração amarga; quando a injustiça humana verter sobre a chaga, que a fatalidade te rasgar no coração, o fel e o vinagre do insulto; quando careceres allivio sobre-humano, e o já impossivel desafogar das lagrimas, não vás metter uma bala na cabeça impenetravel dos teus inimigos. Crê, amigo, que para os grandes infelizes, que

—Ou sapateiros, ou alfaiates, ou torneiros, se elles propenderem para as artes.

—É incrivel!

—Incrivel o quê?

—Tu, poeta, romancista, erudito, prohibes que teus filhos te succedam na herança do grande nome que ainda podes ter em Portugal? Quem acreditará que tu, com tuas proprias mãos, abafes a vocação de teus filhos, e faças d'estas tres creanças de olhos ardentes e testa espaçosa umas machinas de ganhar dinheiro...

—És tolo!—atalhou Ernesto—Estás tal

já sequer não podem espelhar no coração uma imagem salvadora, para esses ha um só ponto no horisonte do futuro: é a sepultura, é o *morre e vinga-te* do padre Antonio Vieira.»

Ernesto Pinheiro chegou á capital do Brazil, e pediu gasalhado n'um jornal, onde já estava empregado um seu conhecido tão pobre como elle. Obteve do seu trabalho estipendio que escassamente lhe abonava o pão do dia seguinte, se a doença o não levasse á porta do hospital.

O escriptor, quasi ignorado, por que seus escriptos nem assignados eram, vivia n'uma trapeira, em que apenas cabia um pobre catre, e uma banca de trabalho.

Dois annos depois, Ernesto Pinheiro, cançado e doente, fez uma excursão á cidade de Santos, e en-

qual te deixei ha doze annos!... um incorrigivel tolo! Querias tu, pois, que eu fizesse meus filhos poetas, romancistas, e eruditos, em vez de os fazer machinas de ganhar dinheiro! Quer-te parecer que seria mais acertado fazêl-os machinas de ganhar o descredito, a fome, e a miseria! Guarda avarentamente as tuas glorias, amigo, que os meus filhos não hão de disputar-t'as... Que fui eu, e que és tu? Não dispensaremos, em face um do outro, e sem testemunhas, a costumada impostura dos reis do talento, reis de cana verde, e corôa de silvas?! Que

controu ahi um advogado, que fôra em Coimbra seu condiscipulo de preparatorios. Condoeu-se o advogado, e sympatisou com a estoica pobreza do litterato. Excitou-o a explorar um veio de riqueza, que o jornalista desprezou: era o casamento com cem contos de uma filha de fazendeiro preto. O escriptor volveu mais pobre ao Rio de Janeiro; e, decorrido um anno, foi chamado a Santos para liquidar uma pequena herança, que o seu condiscipulo, fallecido de febres, lhe legara.

Ernesto Pinheiro vive na trapeira onde vivia, e, segundo me diz, *mais desgraçado que nunca*, por que hoje nem se quer experimenta as consolações do trabalho. »

Isto escrevi em 1858.

fui eu, e que és tu? A historia das tuas alegrias escreve-se na margem de uma pagina dos teus quarenta volumes. A das tuas amarguras, se a mandares á posteridade, iria na torrente dos fabularios ao abysmo do esquecimento ou á lagrimante curiosidade das criadas de servir. A que horas, e em que tempo tu vens prégar-me a educação litteraria de meus filhos! A litteratura em Portugal que é? Póde ser uma clava em mãos devassas, quando os athletas da intelligencia untam os braços para a lucta na lama da politica. Alguns dos meus esfarrapados contemporaneos de ha vinte annos venho encontrar envergando arminhos; mas a honra, se quizèr encontrar-lh'a, heide ir procural-a no surro das casacas de então, que elles mandaram vender á *feira da ladra*. Iremos á feira da ladra visitar as casacas d'estes ephoros, que ahi vão passando atagantados com o peso da republica sobre os hombros d'onde elles sacudiram o fardo intoleravel da dignidade. Quando eu sahi de Portugal, era o chapeleiro e o alfaiate que corriam de poz elles, pedindo a divida já commutada no terço: que honrosa perseguição! Agora eil-os ahi vão com correios agaloados, e lá se

apeam no portico do parlamento ou nas arcadas das secretarias, ou nas alcatifas do Paço, que elles ha dez annos queriam queimar com reis e tudo, para salvarem a humanidade portugueza da pressão dos validos, dos palacianos, dos ministros, dos bureaucratas, e do daninho enxame de zangões, que sugavam as colmêas do povo, e o santo lavor das industrias!... Aqui tens o maximo e vilipendioso luzimento a que podem levar as letras em Portugal!...

—Mas—atalhei eu—se teus filhos não carecem de aviltar o talento para terem pão, dá-lhes um patrimonio de sciencia em que elles, no futuro, encontrem thesouros de innocente satisfação de si proprios, e de gratidão a ti, que lhes ensinaste as maravilhas do mundo, defêsas á ignorancia.

—Palavriado! As letras, meu caro amigo, estragam aquelles mesmos que as amam só pelo prazer que ellas causam, e na independencia do dinheiro ou gloria que podem dar. Queres um exemplo? Conheceste muito Guilherme do Amaral, aquelle meu pobre Guilherme, que ficou doido em Bellas, quando eu sahi para o Brazil. Aqui tens tu um desgraçado que a leitura

desencaminhou do placido e seguro itinerario que seus ignorantes avós tinham trilhado do berço á sepultura.

—Foram os romances;—tornei eu—mas os romances não são a sabedoria que eu daria a meus filhos, se os tivesse. Nada de paradoxos, amigo Ernesto.

—Bem sei: o romance não é a sabedoria; mas o espirito, alumiado por um raio de sciencia, seja qual fôr o nome que ella tenha, ergue o vôo da terrestre e baixa paragem onde a felicidade pratica se encontra, e vai procural-a nas regiões prismaticas onde ella é uma miragem, um engôdo, e pelo ordinario uma tolice ou uma desgraça. A sciencia é como as aguias que usam voar mui altas, pelas nuvens dentro, com as presas para de lá as deixarem cahir. Guilherme do Amaral, se sua mãe o não envia a Coimbra, onde eu o encontrei com os olhos fechados á luz do mundo, e o coração banhado de luz interior, ainda agora viveria no seu solar da Beira, com uma esposa amada, e filhos muito queridos, e muitos corações em volta d'elle, todos empenhados em alastrar-lhe de flores o tardo caminho do adro do seu presbyterio. Ama-

ral sahiu de Coimbra sem sciencia, sciencia quero dizer proveitosa, mas levou uma faisca d'esta infernal lavareda, que chamam civilisação. Ouviu fallar no ideal, e deu cabo da materia em busca do phantasma. É a palavra maldita que n'este seculo representa a pedra philosophal da idade-media; com a differença que os alchimistas gastavam o oiro na fornalha e a vida aos vapores mortiferos das retortas, mas expiravam em crenças de melhor mundo; e os idealistas despejam a mãos cheias o oiro, desfiam a vida fibra a fibra, e morrem intempestivamente blasphemando de Deus, com a alma em trevas, e muitas vezes esmagados pelo escarneo publico —extremo supplicio! Os alchimistas tinham por excellencia o nome de sabios, e a posteridade lastimou-os, respeitando-os. Os idealistas são universalmente havidos por parvos, e a posteridade, se um parvo tem posteridade que se occupe d'elle, hade escarnecêl-os.

—Sempre discursador, amigo Pinheiro!— interrompi eu, antevendo que o leitor se havia de anojar do tamanho d'estas fallas—Vens como foste, e como Guilherme te denominava: o *verbo infinito*. Ora, deixemos João Jacques Rous-

seau e o nosso bispo Alexandre Lobo com a gloria de terem demonstrado que a sciencia é um dom funesto; e, já que fallaste em Guilherme do Amaral, diz-me o que sabes do nosso malfadado amigo, posteriormente aos successos descriptos no «Homem de brios» conforme os aprendi de ti n'aquella nossa palestra nos jardins de Candal em agosto de 1852.

—Guilherme do Amaral ficou ainda na quinta do barão de Amares, em Bellas, quando eu sahi de Lisboa para o Rio.

—Viste-o?

—Fui vêl-o. Espanta-te a minha coragem? Fui vêr o meu primeiro amigo sentado a um canto de uma vasta sala, com as mãos justapostas sobre os joelhos, os cabellos emmaranhados a cobrirem-lhe os hombros, as barbas em todo o seu comprimento, esqualidas e em torcidas que me pareceram empastadas por lagrimas. O aspecto dava mais terror que o do cadaver. No rosto de um morto ha uma quietação terrivel, mas não pavorosa: no rosto de Guilherme o revolver dos olhos vidrados como os da cegueira amauróthica, filtraram-me aos nervos uma impressão glacial de medo. Estaquei á

vista do infeliz, que não ouvira o abrir da porta, nem o som dos meus passos.

Na sala andava passeando um escudeiro do barão de Amares. Disse elle o meu nome, e Guilherme do Amaral voltou lentamente a cabeça para mim. Accerquei-me d'elle, e estendi-lhe a mão, na qual cravou os olhos, sem tirar as suas de sobre os joelhos.

— O teu Ernesto Pinheiro! — exclamei eu, desafogando a voz das lagrimas, e ajoelhando ante elle para lhe beijar as mãos.

Guilherme estremeceu, e proferiu uns sons cavernosos e inintelligiveis.

— Elle já não falla?! perguntei eu, em segredo, ao infermeiro.

— Ha oito dias que está assim. O medico diz que é paralysia de lingua, e que d'aqui á morte pouco medeará.

Corri impetuosamente a abraçar-me n'elle, e clamei:

— Pois tu não poderás dizer-me adeus, ó meu querido Guilherme!?

Contemplou-me algum espaço de tempo, revolveu a lingua contra o sobre-ceu da bocca, e murmurou gutturalmente:

—Ernesto!

—É a primeira palavra que falla ha oito dias—disse o escudeiro.

—Conheces-me, Amaral?—tornei eu.

Não me respondeu; desapertou-se de um empuchão dos meus braços, e fugiu da sala, soltando uns gemidos, que pareciam gritos de ave nocturna. Os cabellos pozeram-se-me em pé, e uma agonia mortal me vibrou todas as fibras.

Seguia-o eu, quando o infermeiro me susteve, dizendo:

—Agora é melhor deixal-o, senão enfurece-se, e é difficil segural-o.

—Mas eu quero vêl-o outra vez.

—Pois deixe-o socegar... Olhe—continuou o escudeiro, levando-me a uma janella:—Elle lá anda já na quinta, a prender as ramas das arvores, como faz sempre. Quando não estava tão mal, e conversava alguns minutos com socego, dizia-me que as grutas assim arranjadas com as ramas das arvores, presas umas ás outras, eram o seu paraiso do Candal. Não sei o que elle queria dizer n'isto! Costumava sentar-se debaixo das ramadas, que fazia, e cantava

umas cantigas muito tristes; e, se eu lhe apparecia n'estas occasiões, dizia-me que chamasse a senhora D. Augusta, e que trouxesse para ali o piano. Depois rebentava a chorar, e era preciso trazêl-o em braços para casa.

— O senhor barão tem aqui vindo? — interrompi.

— Esteve cá uns dias, antes de peiorar o senhor Amaral; mas adoeceu de tal modo, e andava tão scismatico, que eu receei que elle endoudecesse tambem. O medico mandou-o sahir d'aqui a toda a pressa para o Minho.

Contra o parecer do criado do barão, desci á quinta, e fui ao sitio onde vira Guilherme a entrançar phreneticamente as franças de uns chorões. Já lá não estava. Avistei-o n'um recanto do muro dedilhando n'um taboleiro de flores, como n'um teclado de piano. Fui de manso e manso até me avisinhar despercebido. Hombro a hombro com elle, disse a meia voz:

— Augusta.

Voltou-se de golpe, e vociferou um rugido, que me cortou de pavor o coração. Espalmou ambas as mãos sobre o peito, abriu a bocca, deixando-me vêr o esforço com que vibrava a

lingua, e expediu uns sons rispidos que lhe davam ares de coisa horrendamente phantastica.

E eu não podia acabar de convencer-me que aquelle homem estava perdido! Não podia. Ao lado d'elle, via eu aquelle Guilherme do Amaral, em flor de annos, em esplendor de vida, amado, admirado, e sublime e invejavel mesmo nos seus infortunios. Do silencio da minha alma supplicava eu a Deus o milagre da regeneração d'aquelle moço de trinta e tres annos; e, como se uma voz do ceu me segredasse que Deus me ouvira e attendêra, ia eu outra vez abraçar-me no meu desgraçado amigo, quando elle exclamou: «Augusta!» e fugiu com vertiginosa velocidade, indo cahir a grande distancia de encontro a uma caniçada de plantas.

Corri a erguêl-o, auxiliado pelo infermeiro, que me seguira de longe. Levamol-o, sem acôrdo, á cama, onde eu pensei que o lançava morto.

—Não está morto—disse o escudeiro—Estes ataques tem-os muitas vezes, quando alguma coisa o excita. Por isso é que eu lhe pedi que o deixasse.

Ajoelhei á beira do catre de Guilherme do Amaral, e dei-lhe um beijo na face. Não sei que

palavras proferi. Ao erguer-me, curvei-me ainda para beijal-o; mas o infermeiro, que estava chorando, tomou-me pela cintura, e afastou-me do quarto.

Foi a ultima vez que vi Guilherme do Amaral.

Estava eu no Brazil, haveria dois mezes, quando vi n'um jornal do Porto a noticia da morte do meu amigo. Dei graças a Deus, por haver resgatado o martyr; mas estou ainda em duvida se era a Deus se ao diabo, que eu devia render graças.

Quando, ha dois mezes, cheguei ao Porto, na intenção de ir á provincia procurar uns restos de minha desvalida familia, primeiro fui aos arrabaldes de Braga procurar o barão de Amares.

Encontrei-o encanecido, com um moço de quinze annos ao seu lado. Era o engeitado, que eu fui buscar á roda, e até aos cinco annos me chamou *pai*.[1] Não tinha de mim senão vagas

[1] O author presume que o leitor d'este romance conhece, ou terá cuidado de conhecer os dois livros, intitulados: «Onde está a felicidade?» e «Um homem de brios».

reminiscencias o filho adoptivo da baroneza de Amares. E eu estava a vêl-o, nos braços da ama, com o collar de diamantes, que Augusta encontrara entre os setenta contos desenterrados do chão onde sepultara o filho de Guilherme do Amaral.

N'este alheamento de sentidos, respondia eu distrahidamente ás perguntas do barão de Amares.

Acaso entraram, n'este lanço, algumas pessoas de Braga a visitarem o capitalista. Aproveitei o ensejo de me afastar com o menino a quem fiz umas saudosas perguntas ácerca da senhora baroneza, que elle denominava sua mãe.

Eu não posso dizer-te o que ia dentro em minha alma, quando os meus olhos passavam do rosto sereno d'aquelle moço a contemplar as visões que quebraram duas sepulturas, para me encantarem a vida como ella tinha sido dezeseis annos antes... *encantarem*, disse eu! Haverá quem hoje me julgue mais feliz que então! Oh! não sou, juro-t'o por estas lagrimas...

Ernesto Pinheiro embebia as lagrimas no lenço, quando Gabriella, tomando-lhe contra o seio a face, murmurou:

—Então, filho!... Mereço-te isso?

—Perdão!—exclamou elle—Perdôa-me, Gabriella. Estas lagrimas são saudades de dois amigos... Eu vi-me feliz no tempo em que elles eram felizes. A minha amargura de hoje procede da tristeza com que estou vendo o mundo... Que é feito de Guilherme? onde está o espirito d'aquelle homem, que amava tanto, que esperava tanto, que via tantas fontes doces onde apagar as sêdes do seu coração? Onde está Augusta, aquella nobre alma, que não teve um dia de felicidade desde que a Providencia lhe levou á sua ditosa miseria o homem que a devia matar e enlouquecer e morrer por ella? Que mal fizeram a Deus estes dois anjos!? E eu não heide chorar vendo assim a vida!... e não heide sentir fazer-se-me pedaços o coração, quando tudo é silencio em volta da sepultura de Augusta e de Guilherme, e nem se quer aquella creança, que eu lhe lancei nos braços, teve uma lagrima que désse á memoria da santa!

Ernesto Pinheiro soluçou, osculando as mãos de Gabriella, que o contemplava melancolica. Passados minutos, proseguiu:

—O barão de Amares despediu as visitas,

e chamou-me em secreto ao seu quarto, para me dizer o seguinte: «Fallecido o senhor Guilherme do Amaral, o criado, que lhe assistiu até ao fim, conduziu para aqui dois bahus, que eu tomei a liberdade de abrir. N'um d'elles, estava uma papeleira com algumas cartas de Augusta, e outros papeis. Guardei, e queimei as cartas de minha mulher; li algumas linhas dos outros escriptos, e achei que seria prudente acautelar do exame de pessoas curiosas objectos da vida particular do nosso amigo. Afóra os papeis, mandei entregar os bahus em Vizeu para de lá serem remettidos aos herdeiros do senhor Amaral. Não me deliberei a queimar uns cadernos de papel escripto intitulados MEMORIAS. Esperava que alguma vez voltaria á patria o melhor amigo de Guilherme, e de minha pobre esposa. N'esta conta foi sempre tido o senhor Ernesto em minha casa, e em si estou vendo ainda o unico homem capaz de chorar comigo as desgraças da minha Augusta. Na esperança de que o senhor voltaria, guardei as Memorias do seu amigo para lh'as entregar, se as quizer receber. Não conheço quem mais digno seja de possuir os segredos do grande infeliz, que che-

gou a ter sobre mim o dominio, que só a grande desgraça ao par de muita honra podem ter sobre um homem nas mesmas circumstancias. E digo-lh'o, senhor, sem pejo. Sabe a minha vida; viu-me nos dias em que outro homem seria impiedoso para com sua mulher. Deus sabe, e o senhor tambem o sabe que eu fiz quanto pude para salval-os um do outro; e, se eu previsse que os matava a ambos, primeiro tentaria segunda vez contra a minha existencia.

Ao receber os papeis das mãos do barão de Amares, apertei ao coração o homem admiravel, que affrontara a irrisão da sociedade abroquelado com a valente alma, que Deus lhe déra para sacrificios sem nome, e sem graduação na escala do soffrimento.

Se eu fosse ainda escriptor, publicaria as *Memorias* de Guilherme do Amaral. Não escrevo. Não acceito um encargo, que me hade custar incessantes dissabores. Eu conhecia a tragedia, que ahi está contada n'esse manuscripto. Se a personagem principal do drama tivesse expirado antes de publicares o primeiro romance biographico de Guilherme do Amaral, devêras ter começado pelas *Memorias*, e terminado pela

demencia de quem as escreveu. Ahi tens o precioso da herança do meu desditoso cc nheiro das alegrias dos vinte annos. In um nome com que salves o nome da mulhe maior porção de paginas escreveu do m cripto; depois, se quizeres completar o rc ce, que os editores reproduzem e os leitore applaudido, publica as Memorias de Guilh do Amaral.»

PREFACIO DO EDITOR

O manuscripto de Guilherme do Amaral, na primeira pagina, tem esta inscripção: MEMORIAS–1842.

Quinze cadernos de papel em quarto são escriptos de mão estranha, e intitulam-se: DIARIO. *Não tem época assignalada. As datas marcam mez, dia, e hora; no entanto, da explanação e traslado do seu contheudo, infere-se que o* DIARIO *é do mesmo anno das* MEMORIAS.

Se eu mirasse a publicar um livro admiravel de peripecias, abstinha-me de ser o editor d'este. Não vejo aqui elementos com que concertar um assombroso e engenhoso desconcerto de phantasmagorias.

Ainda mesmo que a imaginação me convide a alterar os factos, ou revestil-os dos accessorios predilectos do leitor, que quer divertir-se e não magoar-se, declaro que renunciarei á satisfação, em outros casos requestada, de divertir o leitor. Isto ou hade ser dado á estampa como está, ou ficar para ahi tão esquecido, e tão pó e nada, como as pessoas que escreveram este volume. Succederá que o livro tenha a sorte de que uma, talvez, indiscreta publicidade quer defendêl-o. Sendo assim, não lhe faltarão iguaes em destino, e muito superiores em merecimento.

Á ventura!

Se haverá alguma utilidade no divulgarem-se succedimentos intimos, que não foram escriptos para sahirem de uma gaveta, e talvez de uma sepultura?

Esta questão de utilidade, fundamentada em materia de romances, achei-a sempre, a um tempo, esterilissima e pueril. É das theses adquadas para esporear espiritos de novatos na republica das letras, e mais nada. Para mim é de fé e razão que os romances moralisadores de Emilio Souvestre não vingaram ainda melhorar um mau; nem as novellas licenciosas de dezenas de escriptores preverter um bom. Acontecerá que um animo juvenil e impressionavel, como o tinha sido Guilherme do Amaral, se

deixe imbair das inverosimilhanças dos seus authores dilectos, e ainda mesmo das naturalissimas coisas, que constituem uma natureza especial dos romancistas; não obstante, o transviamento de um espirito é parcella tão imperceptivel na humanidade —se as regiões em que devaneia são as do romance—que eu de mim para mim tenho assentado que é frivolo argumentar contra ou a favor do romance, allegando um facto. Está ao alcance da observação de todos que a maior parte dos doidos, dos tolos, e dos sujeitos ridiculos por suas esquisitices, nunca leram ou nunca imitaram os personagens do mau romance, nem desauthorisam sua propria legitimidade de nescios attribuindo a este ou áquelle author o que é muito seu. Todo o tolo tem uma certa vaidade de o ser originalmente.

Ora, atando o fio, eu não receio que as Memorias de Guilherme do Amaral derranquem os sãos costumes, nem espero que os salguem contra a podridão dos vicios.

Uma coisa sei eu que faz bem, quando o romance nol-a dá: é o chorar. Estas «Memorias» commovem não só corações amollecidos pelo afazimento de affectos brandos e trato com idealidades, assim como os entendimentos empégados nos materiaes cui-

dados dos que sabem rasoavelmente e proveitosamente viver.

Trata-se em especial de uma mulher que soffreu de amor.

É este um assumpto, raramente historiado nos romances; por que os romancistas acham inverosimil o caso, e o commum das senhoras, em menoscabo do seu sexo, não pódem acreditar que a fraqueza feminil seja tamanha, ou a medicina moral tão inefficaz, sendo aliás certo que uma senhora doente de amor acha um medico em cada homem, tirante aquelle que a molestou.

É isto verdade; o contrario tambem é verdade; n'este mundo ou tudo é verdade, ou não ha verdade nenhuma.

Lisboa, 20 *de fevereiro de* 1863.

MEMORIAS

DE GUILHERME DO AMARAL

I

10 de março de 1842.

Ferreira d'Aves.

«Este é o livro da minha mocidade. Comecei-o aos vinte e tres annos. Foi tarde. Estas flores, com que eu finjo adornar-me para as festas do coração, perderam viço e aroma. Galvaniso-me com incendios de mera phantasia. Invento tempestades. Atiro-me a ellas com a alma. Revolvo-me em paixões ficticias; mas a prostração moral essa é temerosa, e verdadeira, e glacial como a lagem fria de uma sepultura em que mão piedosa alastrou flores.

«Que queres tu de mim, pobre mulher? Quem és tu? Que mão de demonio te impelle para mim?»

No verso da pagina donde trasladei aquelles dois periodos, está uma carta adherente com gomma.

Diz assim:

«A mulher, sonhadora de amores, extatica ante o espectaculo de todas as bellezas do mundo ideal e do mundo physico, alma librada ao infinito pelas aspirações immortaes, tal mulher que poderá dizer-lhe, Guilherme?

«Manda-me fallar!

«Acaso compoz e recompoz em sua phantasia uma chimera, divinisou o ente mysterioso, sonhou-me? Diga. Viu-me á luz de um delirio?

«Sabe quem eu sou, e folga de me illudir, ou quer que eu descubra a outra face da verdade?

«Quer conhecer-me? Seja.

«É forçoso que eu falle de mim, ou cesse de escrever-lhe.

«As nossas palavras encontradas foram duas, n'um baile de carnaval, no Porto, em 1840.

«Apertei-lhe a mão, e disse-lhe: *Triste!* E Guilherme respondeu-me: *Até á morte.*

«Perdi-o; e meus olhos seguiram-o em quanto poderam.

«O que eu senti, meu Deus!

«Eu tinha visto um raio dos seus olhos. Era a

luz que o Senhor deu, como graça especial, e radiação de sua divindade, á face dos seus escolhidos, ao poeta, ao anjo da intelligencia, aos sacerdotes e martyres do amor.

«Eu sabia que amargor era o da sua taça, Guilherme.

«Fallarei de mim. Dir-lhe-hei o que me é, e o que eu posso ser-lhe.

«A minha vida era monotona, arida, e com intervalos de febre, se o ardor das minhas exaltações eram febre.

«De subito, radiou em mim a idéa, a ancia palpitante, de que estava na terra um ser que escuta e entende as dôres profundas da minha alma. Vi a imagem. Era um complexo esplendido de todas as bellezas do coração.

«A minha alma senhoreou-se de sua vida, Guilherme. Senti-o, quando recebi da sua, mysteriosamente, consolação e vida.

«Abençoado seja, ó confidente das amarguras do meu desterro! Em meu seio estremece a vida em renovos. Cantam-me as aves a primeira primavera. Está azul o ceu, o ar tem canticos, e as florestas acções de graças. Tudo me festeja!

«Sinto por si o affecto suave e reconhecido que se deve a um amigo, que nos protege. Toda minha alma se expande em effusões de infantil carinho. Não sei o que é calculo, nem pretenções.

«Ahi vou docemente impellida. Góso sem tor-

vação o prazer de derramar no seio do amigo uma porção das lagrimas, que a dôr me expreme do coração. Lagrimas, hoje! Por que não? Quero choral-as, por que até aqui abafei-as.

«Se podesse rir d'esta inexplicavel confiança, tanto peior para quem a não merece.

«Dê-me, póde dar-me affecto de irmão, que eu não sou creatura aviltada pela paixão.

«Amo! oh! amo muito; mas este amor, por muito vehemente e delirante que seja, não fará jámais immolar o pudor. A minha alma, purificada no crisol dos soffrimentos humanos, ao separar-se do nada que a encerra, irá aos pés do Altissimo pura como sahira do seio de seu creador.

«O meu amor alimenta-se de si mesmo, vive de sua propria vida. Amo-o, Guilherme. A minha felicidade é esta união immaterial, contra a qual nada podem as distancias multiplicadas.

«Pois que prazer é este? que vão ideal me hallucina?

«É crer a sua existencia tão identificada á minha que uma fórma a parte mais essencial da outra; julgar que me vê, ouve, e falla, comprehende, e ama.

«Eu não sei como este phenomeno se opera. É uma secreta intuição.

«Se ólho fitamente o ceu recamado de estrellas, e busco a minha, creio que os seus olhos, Guilherme. estão absortos n'ella; se contemplo o matiz das

boninas, entro a lêr o meu destino na côr d'ellas, e vejo intuspectivamente um seu olhar que vai de flôr em flôr, e sustem-se a contemplar a que eu mais amo. Quando peço ao ceu, e a Deus o homem necessario á minha vida, ha uma voz, que me diz ao coração: «ama, e espera!» Este dizer tão doce não me vem da sua alma, Guilherme?»

II

CARTA DE GUILHERME DO AMARAL A UM SEU AMIGO PORTUENSE

Lê esse papel, e diz-me que mulher d'ahi póde assim escrever.

Receio mistificação!

Tu, que sabes com quantos *m-m* escrevem *amor* as meninas tuas patricias, desde a fidalga maior de vinte e cinco annos, que aprendeu a escrever com o capellão, até á cerejada burgueza que deixou no collegio francez as estupidas graças portuguezas, e sahiu de lá sem graça nem orthographia, tu, dizia eu, que sabes tudo d'essa aldêa, descobre-me quem escreveu essa carta. Se foi mulher, calla-te; se é homem, diz-me que dimensões elle tem da cabeça do femur direito á cabeça do femur esquerdo para

eu de antemão calcular os pontapés que vou dar-lhe na volta do correio.

Teu GUILHERME.

Ferreira d'Aves—Março de 1862.

Resposta

Sei quem te escreve. É mulher. Tem vinte e quatro annos. Chama-se Virginia. É filha de um antigo magistrado realista. Foi educada em Lisboa. Emigrou com o pai, e voltou orphã para companhia de umas tias maternas que a idolatram. Em quanto a costumes, é trigo sem joio. Não é bonita, segundo uns; e é formosa, segundo outros. Eu t'a descrevo: é alta, elegante, magra, e direita. Cabellos e olhos negros. Sobrancelhas espessas, que parecem relevos de azeviche. O nariz é muito mais regular que o dos passaportes; mas não é esculptural, nem translucido nas azas. Tem uma penugem no labio superior, como muitas mulheres, que se gosam de fama de bellas; mas o que ella tem, com vantagem ou desvantagem a todas, é uma iniciativa de suissa, que esconde cautelosamente com os adornos do toucado, ou fitas do chapeu. Os dentes são marfim e perolas. Os labios, sobre o grosso, lembram a opinião de Ovidio ácerca dos labios grossos. Lê Ovidio, que eu não me recordo de o ter lido nunca; mas li, ha pouco, um almanak, que me dá noticias

de Ovidio e de sua opinião ácerca dos labios grossos. Queres agora saber como eu pude tão depressa desencantar a tua mysteriosa fada? Eu te digo. Vou frequentemente a casa do barão da Carvalhosa, que tem uma filha chamada Margarida, uma Margarida em cujo espadaudo costado o Fausto daria dois murros, e Mephistopheles outros dias, se a vissem. Esta Margarida é amiga de Virginia. Ha um anno perguntou-me ella por ti. Disse-lhe que estavas em tua casa. D'ahi por diante fallava-me sempre da tua amargura, e instava comigo para lhe eu contar miudezas da tua vida. Ha dois mezes perguntou-me se fallavas em vir ao Porto, e a direcção dos correios para a tua aldêa. Quiz avisar-te d'isto; mas entendi que não lhe davas valor, nem com o teu prazer me recompensavas a preguiça com que te escreveria, e escrevo agora. Ponto final, e adeus ate á vista.

Teu ***.

III

CARTA DE GUILHERME A VIRGINIA

É tarde, senhora.

Não a mereço. Quando vossa excellencia me viu, já o meu anjo bom me tinha levado o restante, o melhor do coração, a minha mãe, que m'o pedia do ceu.

Fui bom: o mundo era pessimo.

Abri o seio, e dei amor a tudo: o mundo escarneceu-me.

Os homens, que estimei, eram infames. As mulheres, que amei, eram servidas em altar sordido por elles, nascidos para ellas. É tarde, Virginia, para lhe offerecer uma alma. O que de mim posso offerecer-lhe é espinhos da minha corôa, corôa que em

mim é martyrio, e em vossa excellencia seria ignominia. Se não póde odiar-me, esqueça-me. Se a piedade a santifica até me estimar, acceite o adeus de um irmão. Vou deixar Portugal. Se podesse, levava d'aqui a terra, onde se desfazem os ossos de minha mãe, para poder execrar a patria, e amaldiçoal-a para sempre. Adeus.

G. DO AMARAL.

Virginia a Guilherme

Para onde? para onde vai, Guilherme? Não tornarei mais a vêl-o? Hãode os meus olhos não encontrar mais o raio de luz que os abriram ao mundo da esperança!?

Vá! Se na eterna sabedoria do Omnipotente está escripto que a felicidade em vão procurada no solo onde teve um berço e mãe se lhe depare n'outro clima, vá, cumpra seu destino, obedeça ao impulso, que o arrebata que eu, em alma, irei comsigo; mas, por Deus, não maldigà a terra onde penou, onde todas as fontes de vida se lhe seccaram, onde do coração da mulher bebeu a peçonha, que eu não posso diluir em minhas lagrimas. Não amaldiçoe a patria, que em vez de mãe carinhosá, lhe foi madrasta, e exacerbou angustias que... Oh! meu Deus que mal faz a patria aos desgraçados que o hãode ser em todos os pontos do mundo!

Não amaldiçôe, Guilherme, não amaldiçôe a terra, onde ficam as cinzas de sua mãe, e onde fico— eu que o amo, Guilherme, como sua mãe o ama lá da sua bem-aventurança. E com que alma eu lhe quero, ó meu irmão! alma, onde ainda não cahiu mancha de paixão indigna.

Não me peja fallar-lhe assim: affronto corajosa e altiva a opinião que a sociedade possa ter formado do amigo da minha alma. O seu coração que me escute a occultas do mundo.

Nasceu bom e generoso, Guilherme. Principiou a sua carreira na senda da vida com a alma exuberante de affectos e crenças. Por ventura, até ao fogo do inferno iria purificar santas illusões. Foi, Guilherme? Não m'o negue. As suas affeições, ha dois annos, no Porto, que eram, senão um cavar abysmos ao coração? Perdoe-me! Eu ólho com lagrimas compungidas para estas desgraçadas que desnudam sua miseria, e tentam á força arrancar o pudor de todas as faces de mulheres, para que não haja uma sem stygma.

Antes d'esse tempo, Guilherme devia amar o sublime, o bello, e o santo. Accordaram-o do seu sonho de ventura; vasaram-lhe na alma pura e inspirada a sua taça de lava ardente; queimaram-lhe o sangue, e obrigaram-o a buscar refrigerio nas aguas torpes d'estes atoleiros onde se rebalçam os que vieram do ceu reis do genio, e vermes no coração. Guilherme perdeu a sua estrella polar de esperança.

Olhou em si, viu-se cheio de vida, repleto de odio, e sedento de vingança.

Fez-se-lhe de bronze o coração; o demonio do escarneo avincou-lhe o sorriso; todas as lagrimas que viu ultrajou com a duvida, ou com a zombaria; fez-se noite pavorosa em sua alma; cerrou-lh'a o cynismo; descreu de tudo e de todos; nem amor de patria, nem amor de Deus—sublimes affectos estranhos ás desordens da vida—nem esses teve já virtude para arrancal-os da voragem!

Perdôe-me!

Eu sou injusta! Guilherme não teve culpa, se d'esse immenso thesouro, com que o Senhor o tinha enriquecido, para um dia lhe ser restituido, nada mais tem, já agora, senão o talento—extrema aureola que lhe resplende a fronte. Não teve culpa de ser desgraçado, não!

O seu odio, por tanto, é justo; o seu desprezo legitimo: o desesperar não deu logar á resignação. Foi mau; mas perdoavel.

Era-lhe necessaria a immensidade do amor, do amor que abaixo do ceu não existe, para lhe apagar a sêde, sêde inextinguivel que abrasa o coração d'aquelles, que atravessam com a phantasia infinitos desertos, de miragem a miragem, pedindo ao mundo os mundos que Deus não fez.

A mediocridade não podia satisfazel-o. Ás proporções agigantadas da sua alma a sociedade offereceu as insignificantes miserias da sua inepta con-

formação. *Grande para o bem, grande para o mal:* não era esta a sua divisa, Guilherme? Devia ser modêlo: foi-o na desgraça. Vá, meu irmão, vá vêr se encontra o seu bom anjo. Não correrá um dia só da minha vida sem que eu eleve de meu coração uma prece a Deus, fervorosa e em lagrimas, para que Elle se digne dar ao meu amigo toda a minha felicidade, se alguma me está promettida.

Guilherme, meu irmão pela patria, pela fé, e pelo amor... *Pela fé!...* Ó meu querido amigo, nem a piedade lhe deixariam? Nem essa luz para ir atravez da escuridão do mundo?...

IV

CARTA DE GUILHERME A UM SEU AMIGO DE LISBOA

Recebo no Porto a carta que me enviaste para a minha aldêa. Dissera-te eu em Lisboa que me ia fechar seis annos na livraria classica de meus avós, até sahir de lá com a intelligencia espalmada, e o coração brutificado para habilmente voltar a commerciar com a sociedade. Ao decimo dia de reclusão, venceu-me o tedio, e planeei uma viagem á Palestina, ás ruinas do velho mundo, não para me ir espiritualisar em cogitações archeologicas e mysticas; mas para me bestificar na solidão, já em palestras com os frades do Carmello, já a medir a pollegadas o tronco dos tres cedros que estão de sentinella, no Libano, á sepultura dos primeiros moradores d'esta bola de lama, chamada globo terraqueo.

Tinha as minhas coisas em ordem, meia casa vendida, e outra meia hypothecada para partir, quando recebi do Porto uma carta, e incluso n'ella o coração de uma mulher, coração em estylo, entende-se, o mais pomposo, e cálido estylo que tenho na minha collecção epistolaria. A carta era assignada por um pseudonimo. Respondi em termos moderadamente enthusiastas, já por me temer de algum logro, já porque, não sabendo o que heide dizer ás bellas mulheres que conheço, menos sei que diga ás que não conheço. Pedi-lhe que continuasse a dar-me o prazer das suas noticias, na certeza de que, a não ser mais, bastava á minha gloria o ter commercio epistolar com espirito de tal alcance litterario. A segunda carta abalou-me um pouco. Relembrava-me uma palavra do carnaval de 1840. Lembrei-me da mão pequenina, que me tocou no hombro; da voz melodiosa, que me disse: *Triste!* Era no theatro de S. João.

Escrevi a um amigo, que conhece todas as litteratas do Porto, que surgiram, á laia de tortulhos, com as ultimas e beneficas chuvas da civilisação. O meu amigo respondeu rigorosa e pontualmente. Escrevi á menina pelo seu nome, e chamei-lhe *irmã*, com o que ella ficou, segundo me quer parecer, medianamente satisfeita.

Á terceira carta que recebi, fechei as malas, e vim para o Porto.

Procurei avistar-me com esta ave do paraizo tres-

malhada do bando angelical. Vi-a, vi-a com estes olhos malditos, que não deixam coar-se impressão agradavel á alma. Vi-a, apalpei o coração, e não lhe senti pulsação de mais nem pulsação de menos. É uma formosa, esplendida, e admiravel haste, com uns traços e geitos varonis como nunca viste! A cara não parece d'estes tempos, nem d'este clima. Faz-me lembrar as viragos descriptos por Virgilio, dos quaes eu me namorava, quando estudava latim, e contava a minha mãe as façanhas da façanhosa Pantazilea.

Não gostei, modestamente e desenfatuadamente te digo que não gostei! Tem muita litteratura, todos m'o asseveram; mas quando me lembrei eu de requestar litteratas? Bem sabes que a minha balda era achar um coração novo, sem mais saber que o do instincto, e educal-o eu. Nas mulheres a intelligencia ou nasce com o coração, ou o mata, se vem depois.

Escrevi-lhe, sem perda de tempo, avisando-a de que estava morto, e ia enterrar-me na Palestina para não incommodar os meus amigos com o funeral. Respondeu-me ella n'uns termos que me deram rebates dos tempos em que eu amava. Fallou-me no tumulo de minha mãe, e por pouco me não arranca das glandulas lacrimaes uma gota d'aquella materia liquida, coisa aliás nauseabunda, com que as mulheres tem conseguido reconstruir Babilonias de corações derrocados, e até com aspersão de lagrimas sei eu que ellas tem purificado Gomorrhas.

Respondi em tom amavel, investindo-a novamente das honras de parenta; mas declinando de mim a responsabilidade de a dispensar incestuosamente dos deveres de irmã.

A isto responde ella hoje com a carta, que vou copiar para entreter uma hora, e fazer-te vêr que ha por estas montanhas do Douro umas Graças obscuras, que podem competir em estylo com as tuas Tagides, tuas e do Camões, que as poetisou para tu as aprosares, grande velhaco!

Resa assim a carta de Virginia Phylomena, nome só de si capaz de fazer mais poetas que a lua dos inglezes:

«*Tua irmã!*... O ceu te pague. Abriu-me a tua mão o thesouro dos meus sonhos. Eu queria sentir a paixão; mas assim suave. Queria as alegrias do coração; mas assim moderadas para serem duradouras. Com este delicado affecto, heide comprehender as delicias de todos. Possuo a felicidade imperturbavel, por que... ninguem, a meu vêr, m'a invejará.

Tua irmã!

Com este titulo me elevas, me engrandeces, até me poder, de alguma maneira, igualar comtigo. Fazem-me dó os seres que vão de rastos sobre flores e espinhos de falsos prazeres, e não viveriam n'este ambiente de sereno goso em que as paixões se depuram e divinisam.

E tu, Guilherme, não crês, não amas. Por que não dirás antes: «creio; mas não amo»? Quando se não crê, é que mais se ama. [1] Quem não ama, nem se quer detem o seu juizo a duvidar.

Pois sim; não creias, não ames; mas sê meu irmão.

Se eu podesse contar-te que vida me dá este sentimento sem ardor! Uma completa abnegação, Guilherme!

Não me dirás agora que a estima de irmãos é fria, e inconsequente entre pessoas, que o não são.

Pedes-me que te convença de que o amor não é uma *palavra vã, banal, e revelha.* Gracejavas, meu amigo? Pois vou responder-te seriamente, assim com ares de quem defende uma these, ou dilucida obscuridades do amor como soror Marianna Alcoforada, cujas cartas me enfastiam, e me fazem receiar que as minhas te não divirtam mais.

Olha: é a minha vida, ha seis annos, um martyrio abafado entre as quatro paredes do meu quarto. Não sei quem escreveu: «são dois os infernos d'este mundo: um é amar sem premio; o outro é ser amado, sem premear». Este segundo é muito mais inferno que o outro: é o meu; é o supplicio que me tem dado em terra com a energia da minha alma.

Ter o coração a trasbordar de amor, e o espi-

[1] Grande verdade, e grande quinão!
Nota de Guilherme do Amaral.

rito de ódio contra uma perseguição repellida, em cada dia de seis annos! Não poder amar um homem que ahi gosa na sociedade creditos de amado por quantas... por quantas? por todas. Elle é rico, tem cavallos, e uma epopea de conquistas!

Não poder amal-o, nem, por desforço da pertinacia, amar outro!

Não ha ahi ninguem que possa desmentir-me, Guilherme. Da avareza do meu coração tenho eu soberba.

E creio que deve existir o homem, que me é destinado; senão, este vago esperal-o seria uma tortura, e Deus um capricho malfeitor.

Espero-o como os antigos patriarchas esperavam no limbo a estrella da redempção.

Elle virá!

Este sentir mysterioso não é amor? Será palavra *vã, banal, e revelha.* Revelha em mim, que ainda não vivi! Isto, Guilherme, é amor, é vida, é divinisação.

Deus é poder, razão, e amor; e o homem tambem em si encerra uma trindade santa: ser, razão, e amor; tres faculdades que formam uma só alma, uma mesma vida, e uma natureza identica.

Tem geitos de metaphysica isto? Tu me entenderás, sem te sorrires, meu amigo.

Que tu não ames, creio; que o soffrimento de passados affectos te acautelle com os futuros, é logico; mas que duvides da existencia do amor é um

paradoxo, que não póde mesmo ser interessante na discussão.

Em quanto ao nosso parentesco, dizes que *o mundo condemna e empeçonha estas fraternidades postiças*. És justo; antes de lêr as tuas sisudas reflexões, já eu o sabia. Não importa: deixemos o mundo. Que tenho eu que vêr com o mundo? Desprezo-o, e affronto-o. Vejo prodigalisar louvores e obsequios á depravação sem mascara; e cuspir injurias na face da virtude.

A minha consciencia salva-me.

Tenho, porém, familia, umas santas velhas, que não quero magoar, salvo quando quizerem immolar-me.

Não me procures, se a delicadeza de irmão te impellir a isso. Quando o acaso nos reunir, então me pagarás a saudade.

Eu cá irei arrastando a minha cadêa.

Escreve-me, quando tiveres vontade de verter um raio de luz nas minhas trevas. Eu tambem te escreverei a historia, dia por dia, da minha alma.

Que tem a alçada do mundo que devassar n'isto?

Adeus. Pensarei em ti sempre que o meu coração palpitar de admiração e prazer.

Tua irmã VIRGINIA.»

E nada mais continha.

Ahi tens uma carta que faria dez *Macias namorados*.

Fiquei estatua, como pedra bruta que sou, ou me fizeram. Ficarei assim, meu caro A.!... Estou fatigado de escrever, senão fallava-te de Florinda, a Circe do Porto; só ella por si só explica tanto irracional: é uma mulher que tem uma legião de demonios de seu commando, e irá no inferno leccionar immoralidade ás Lesbias e Corinnas e Saphos e Lenclos que esperam por ella.

Teu G. do Amaral.

Seguem estas palavras, escriptas na pagina seguinte:

«Que estupida vaidade! Motejei da carta de Virginia para sustentar o caracter que me attribuem. Desejo que seja lida e admirada uma carta de mulher, que revela alto espirito e muito coração; porém, ao mesmo tempo, receio que me julguem humilhado aos dons raros de quem quer que seja. Não a amo, não poderei amal-a nunca; mas reconheço-me ainda grato á lisonja. Má indole a minha, pessima indole a do seculo!... O homem *social*, o homem da *roda* é isto. Se o não fôr, será um semsaborão que o nojo dos seus amigos repellem...»

V

ADVERTENCIA DO EDITOR

As cartas de Virginia Phylomena são muitas, e dariam dois volumes compactos. O trasladal-as todas implicaria o fastio do leitor, por muitas que sejam as graças e tristezas de amar e soffrer com que estejam escriptas. Eu li-as e reli-as, sem fadiga; porém, dá-se em mim uma razão, ou dever, para saborear as repetições, e descobrir, em cada uma, a fibra do coração, a despegar-se no seio da adoravel creatura, que as escreveu: é que eu conheci Virginia, primeiro; e depois, ainda não conhecendo-a, ideal-a-ia, amal-a-ia, por que dos infelizes que passam a chorar é um triste goso meu ir beijar-lhes os vestigios das lagrimas. Este condão é a historia do maior numero dos meus romances.

O meu leitor, porém, deve á Providencia o favor de o não dotar negativamente da esquisita sensibilidade que chora mortos desconhecidos, e, de mais a mais, defuntos de novellas. A isso attendo eu, e quanto posso me disvello por satisfazer, e agora mais que nunca, escolhendo poucas das cento e quarenta cartas inclusas nas «Memorias» de Guilherme do Amaral.

A critica, reparando em que eu dê cópia de cartas que Amaral escrevia aos seus amigos, duvidará da authenticidade d'ellas.

Respondo que Amaral, empenhado em escrever as suas «Memorias», deixava cópia das cartas, que assignalavam algum importante successo da sua vida de coração. É, no entanto, admiravel que elle não copiasse, salvo uma, as que escreveu a Virginia. Se existissem todas, que a meu vêr seriam poucas, o travamento dos singelissimos casos que dispararam em lamentavel catastrophe, seria muito melhor talhado e ordenado a prender a curiosidade estudiosa do leitor—que nos alheios infortunios, embora digam que a experiencia é a melhor mestra, aprendemos a soffrer, e aprendemos tambem a não magoar. Virginia, d'este modo, seria allivio para quem padece; e Guilherme conselho para quem irreflixavamente motiva o padecimento. Ora ahi está que já este livro me vai, sem eu o antevêr, sahindo com a sua pedra e cal para o edificio de morigeração publica, principiado a reconstruir no éden, desde que

Eva e seu marido derrubaram aquelle que o Creador lhes dera. Ha seis mil annos em obras, e tão atrazado ainda! Espera-se muito do romance e dos padres.

Farei, pois, selecção das cartas de Virginia que não estiverem já explicadas no DIARIO, o qual será integralmente publicado. O «Diario», como hãode vêr, dispensa as lentidões epistolares que costuma ter o desfecho de um romance entre duas pessoas.

Escreve Virginia:

«São-me necessarias, como o ar que respiro, as tuas cartas. Se me faltam, que será de mim? Involuntariamente estremeço, quando me assalta a idéa de te ser enfadosa. Tem a santa generosidade de me escreveres, ao menos, uma vez por semana, Guilherme. Dá-me a vida, que não te custa.

Invejo-te a felicidade. Vais de noite correr no teu cavallo por esses montados fóra. Ouves o gemer dos pinhaes, e o rumor dos ribeiros á meia noite. Levas para ahi a tua dôr, e a tua sombra como um amigo, que te escuta e prantea. Isso é ser feliz, meu amigo! Eu só de pensal-o e desejal-o tamanho bem para mim sinto que o peito se me dilata.

Quando me vejo encerrada no meu quarto, enfureço-me. A minha alma quer voar, e bate em qua-

tro paredes que a repellem aturdida e suffocada. Então me parece estreito o mundo para a immensidade do meu espirito! Se eu podesse sahir como tu, correr, correr, até cahir extenuada e morta!...

Não sabes que oppressão é a companhia, quando se anceia a soledade! Eu tenho ás vezes horas de odio ao impossivel, ao bem impossivel, que minha alma busca sequiosa; é então que sou forçada a responder a phrases banaes com outras, que me ajuntam á dôr o embrutecimento.

E heide estar assim quieta no semblante, com o inferno no seio, a vêr as alegrias da terra, os festins da vida, e a invejar até as glorias do crime! Que compensação é a minha?

Tu, Guilherme, és tão feliz que não precisas dar conta ao mundo da inexplicavel lucta que sustentas com elle e comtigo proprio! N'esses instantes, em que tu só podes ser o interprete de ti mesmo, e a ti te contemplas unico poeta entre tantos pedaços de materia que te impecem o caminho, dá-me um pensamento, rapido que seja. Aqui me verá aquecer o calor suave da tua saudação mysteriosa; heide então vêr-te a luctar e a vencer. Tu serás o cedro gigante inflexivel aos bulcões da desgraça; e eu, fragil vime, irei vegetar á tua sombra.

Hontem á noite, absorvida em mim, via-te em pé, sobre um penhasco sobranceiro ao mar. As ondas rugiam, e estalavam a teus pés. E tu, com esse olhar profundo que te conheço e temo, olhavas n'a

amplidão do espaço, e interrogaval-o, como Mamphredo, e como Fausto. Inquirias a verdade! Oh! sim, Guilherme! A tua alma deve anciar a certeza, que nenhuma outra se gosa de melhores condições para encontral-a.

A verdade onde está senão no amor? O amor é vida, é tempo, é eternidade, é Deus.

E, ao phantasiar-te assim, tive orgulho de ser unica em comprehender-te. Deixa-me assim amar-te. Se esta cadêa invisivel se quebrasse, eu iria de abysmo em abysmo até poder soldal-a na sepultura.

Quem me dera o teu amor, Guilherme! Toda a gente falla em bens e males como se soubesse o que é felicidade ou desgraça! A felicidade sei eu que eras tu para mim! Deste-me a alegria, e eu queria repartir comtigo do que é teu; transmittir á tua alma o que recebi da tua. Não me deixas: não posso! Goso a vida, que te devo, como a que devo a Deus: não posso pagar a Deus nem a ti; a Elle adoro-o, a ti amo-te; sabendo que, nem adorando-O, augmento sua gloria, nem, amando-te, faço a tua felicidade.

Ámanhã serei para ti o que sou hoje: a mulher que chegou tarde ao tumulo do teu coração. Paciencia. Sento-me, e choro á espera do teu resgate. Tu resurgirás, Guilherme!

Se eu podesse ir ahi á beira do mar! Como é risonha a Lessa da minha infancia! D'ahi embarquei para a emigração. Tinha eu nove annos. Voltei, ha dois, ahi. Reconheci as fragas em que minha mãe

se sentara. Pareceu-me vêr os seixinhos com que eu brincava. Passei lá uma noite escurissima de fevereiro. Mugiam as ondas, e quebravam com fragor medonho no cincto de rochas. Os relampagos, como lampadarios formidaveis da casa de Deus, mostravam a espaços a magestade do poder divino. Se eu tivesse duvidado do Altissimo, n'aquelle momento adorava-o.

Ai, Guilherme! Não sei como heide enganar o tempo! Não tenho espirito nem comprehensão para lêr. Escrevo e rasgo. O trabalho enfada-me. Algumas vezes, reso, e peço a Deus a felicidade que te falta. Peço-lhe que te dê o amor.

«Em coisas de coração só escuto o coração. O juizo reprova isto: bem sei. Que me importa a mim o juizo? O juizo é um calculo: não é mais nada. Os calculos falham. O justo e o injusto são idéas abstractas, phantasmagorias, á mercê dos temperamentos. Para eu crer no juizo, como na razão, seria mister que ella fosse universal. O coração é que não mente, aqui, em Pekim, ou nos sertões da Africa.

A que vem isto?

Ah! diz-me o coração que as minhas cartas te pesam, collocando-te na dura necessidade—dura para o teu cavalheirismo—de me não responder,

ou responder-me com a esmola de um engano, em phrases de duas interpretações.

A esmola é o elogio da tua delicadeza. É; mas rejeito-a.

Deixarei de importunar-te, se ainda te molestam as raras cartas, que tens recebido. Impuz-me o dever, que estava esquecido. Serei vulgar para ser digna. A menos culta e mais ordinaria mulher teria feito o que eu faço agora. A dignidade está da parte do trivial. Miseravel distincção a que me concedem!

Eu tinha um prazer unico: era escrever-te. Ora eu, que te dava de barato a vida, não teria bastante força para te poupar ao dissabor de lêr uma carta por semana?!

É tal a abnegação com que te amo que não posso ser enganada pelo egoismo.

Que significa o gelo do teu olhar? É possivel que me estejas odiando?

Diz-me a verdade, Guilherme: eu não sou nada para ti? Olha que eu tenho valor. Esmola por esmola, peço-te a do desengano.»

VI

GUILHERME AO SEU AMIGO DE LISBOA

Estou farto de phrasear, amigo A. A espiritual Virginia obriga-me a bolear, brunir, e arredondar o periodo. Escrevo-lhe, como quem faz manuscriptos academicos para serem impressos á custa da real academia das sciencias. Acho-me velho para amar, e novo para me deleitar com a boa disposição das virgulas, e o irreprehensivel da syntaxe. Virginia estava *ab ovo* destinada para fazer suar o topete do author do *Secretario dos amantes*. Queria vêr como o homem se tirava de apertos em correspondencia com esta litterata, que, segundo me dizem, entende o *Fausto*, e o Kant. O Kant, amigo A.!

Olha que me acontece abrir o meu diccionario de synonimos, quando respondo ás suas dissertações. O coração torce-se, e zanga-se, quando a cabeça lhe impõe o atroz dever de ser correcto. Faltava-me este desastre na minha vida!

Deito-me regularmente quando a luz da manhã espanca as minhas visões; e, ao meio dia, o criado do hotel acorda-me, para me dar uma carta, a pagar á vista com a resposta. Levanto-me estremunhado, vou sentar-me á mesa, encharco-me em mau café para subtilisar o espirito, dobro o papel, empunho a esteril penna, e, logo no primeiro periodo, me sahe o verbo de esguelha com o sujeito, e a idéa coixa, abordoando-se ás muletas dos logares communs!

Isto não podia assim continuar. Enterrei a delicadeza na sepultura do coração, e emancipei-me da violencia.

Está a passar o episodio de Virginia Phylomena, e a começar o de Florinda Laura. Um acaba pela mesma razão que o outro principia. Florinda dispensa o menor consummo de idéas. A materia conta comsigo, e não me pergunta a que região ideal pertenço, nem quer saber quantos dias dura a eternidade do amor.

Vou trasladar um espécimen epistolar da recemchegada. É a primeira carta, que hontem recebi. Pasma d'este atticismo, e deixa passar a formosa mulher, que despresa os recamos da rethorica, por

que o seu brilho deve-o todo á propria originalidade. Vê-me isto:

«Senhor! A sua carta é lisonjeira. Estimei re-«cebêl-a, por que o amo desde que a sua imagem «me sorriu esperanças, que estavam quasi mortas. «Bem sei que está impressionado, e rendido de uma «menina *scientifica;* mas com o tempo espero que «se quebre o seu encanto. Eu o farei quebrar, mos-«trando-lhe o que são os *santos* amores da littera-«ta, que já me chamou *positiva.* Muito folgarei de «vêl-o no baile do conde de ***, depois de áma-«nhã. Conte comigo para a primeira contradança.»

Em verdade te digo que me enojou o displante com que Florinda moteja os *santos amores da litterata!* Heide provocal-a ámanhã, no baile, a descobrir algum segredo de Virginia. Singular coisa! desejo que a eloquente Virginia esteja immaculada, e que a maledicencia de Florinda a não alcance. Uma importuna-me, outra inspira-me o que por via de regra inspira o amor: fujo de uma, e procuro a outra; pois aquella de que fujo desejo eu que não possa ser infamada pela outra que procuro. Estupido coração, se isto é coração!

Depois de ámanhã te escreverei o seguimento d'este episodio, que póde ter seu interesse com a interferencia de outra mulher. Adeus.

Virginia a Guilherme

Necessariamente vais ámanhã ao baile do conde de ***. Eu não. Vejo hoje um raio de sol. Faz-me saudades a aldêa. Vou estar tres dias na quinta do Paraiso. Vou vêr as minhas plantações do anno passado, e plantar umas trepadeiras, cuja flor Deus sabe se eu chegarei a vêr!

A tua carta de hontem diz-me: «Não sou o homem que a tua boa fé imagina. Pergunto a mim mesmo se o espirito em mim será superior ao da generalidade dos homens. A consciencia responde-me que não.» Se me pedisses uma absoluta confiança em tua generosidade, Guilherme, eu não hesitaria em responder-te: que és tudo para mim no universo, visto que te amo; leis e deveres só reconheceria os que me prescrevesses.

Não me assombra que o teu espirito seja igual ao do commum dos homens; magoa-me, porém, que me abaixasses ao estalão do commum das mulheres.

Pediste-me uma entrevista; e eu anticipei-me a conceder-t'a, sem condições.

Por ventura, podia eu lembrar-me de que as condições eram compativeis com a minha, e com a tua dignidade?!

Rejeitaste-a, desconfiando em ti mesmo, e insinuando-me uma desconfiança, que nunca innegre-

çêra a candura dos meus desejos. Achei graves as tuas razões, e votei pela *separação austera*. Quando escreveu estas palavras um homem que amasse, um homem dos teus annos, com a tua fama, e os teus precedentes? Barata virtude é a tua, Guilherme!

Agora me perguntas se eu receio que «uma aproximação, reprovada pela opinião publica, me desdoure». Bella pergunta!...

A *opinião publica!*

Quem creou a necessidade da distancia? Quem calculou friamente as inconveniencias da intimidade? Fui eu?

Olha, Guilherme, eu não quero affectar uma innocencia, que poderia degenerar em inepcia; posso, todavia, assegurar-te que não comprehendo bem o que seja um «amante». Não sei, por tanto, se me convirias: o que sei é que—amando-te quanto posso —não calculei jámais se poderias ser para mim um marido soffrivel.

Sou vulgar; mas não da vulgaridade das mulheres que se esforçam em busca de um marido, a despeito de antipathias e mesmo do pudor, para poderem apresentar á sociedade um diploma de casadas, como titulo de merito... merito de terem achado um homem!

Lastimo que a pagina de minhas cartas, que destruiu o *santo lyrismo* do teu coração, só agora te désse o fiel espelho do meu caracter intimo.

Visto que o meu sentimentalismo *é todo de ca-*

beça, eis-me aqui uma risivel actriz! Fiz-te figurar n'um pessimo romance, imaginado em horas de ocio!...

É crueza ferires-me assim na sinceridade da minha alma! Se o ultraje fosse feito á honra, a dôr seria igual. Mulher, que se confia como eu a um homem *como tu* (sublinho as palavras em gloria tua, Guilherme!...) não faz dos impetos do coração um *calculo em que ha muita logica.* Sinceramente te digo que não entendo: falta-me a iniciação do vicio que dá a sciencia de certos segredos de coração, e de linguagem.

Se me vulgarisei é por que era já vulgar. Não desci: estou onde me encontraste. Se cahi aos teus olhos, não foi minha a culpa: não me elevasses tanto.

Tu é que és sempre o mesmo homem superior para mim, em quanto eu vou entrar na multidão dos atomos imperceptiveis aos espiritos distinctos.

Este sentimento que me retalha o coração não póde ser da cabeça! Adeus.

Na quinta do Paraiso

Enganou-me o raio de sol! Está chovendo. Vejo ao longe o mar e o infinito. Estou bem, meu amigo. Soffres mais que eu de certo. O dever que te impozeste de apagar este amor, que te incommoda,

tem amarguras. Sei-o por dura experiencia. Não soffras, que eu heide vencer a chimera com outras chimeras. Não se falla mais em amor.

Estava eu, ha instantes, olhando vagamente estas arvores quasi nuas, e tão tristes, a despojarem-se das ultimas folhinhas que se desprendiam amarellecidas, e cahiam mortas sobre a terra que lhes dera a seiva: senti então desejos de fechar os olhos, adormecer, adormecer no regaço do meu bom anjo do esquecimento e da morte...

Como te correu a noitada do baile, meu querido irmão?

Muitas pompas, muita alegria, muitas mulheres fataes, muitos homens fataes, não é verdade, Guilherme?

Eu estive n'um baile ha dois annos. Duas amigas tinha eu, muito da minha alma, amigas do collegio, que achei senhoras, quando voltei de França. Tambem foram comigo ao baile do conde de ***. Valsaste com ellas, Guilherme: uma era Maria Urbana, a melancolica Maria; a outra era aquella festival ingleza dos *boucles* loiros, que lhe cobriam as espaduas de neve. Passaram dois annos, e nenhuma vive. Maria amou n'esse baile um poeta, que está no cemiterio do Prado, ha cinco mezes, e para ali veio das praias onde o lançaram as ondas do Douro. Matou-o a pobreza, e o amor, o amor do pobre em coração de rei da intelligencia! E ella, que é feito d'ella? O meu desprezo foge de encontral-a,

por que essa mulher vive, e Guilherme do Amaral talvez valsasse hontem com ella.

A outra, a ingleza das tranças loiras, está no jazigo de seus avós, no cemiterio do Campo-pequeno. Matou-a o amor, que de surpreza lhe assaltou os dezoito annos no mesmo baile do conde de ***. Já a procurei no seu leito de marmore, e levei-lhe rosas de uma planta que ella me dera, e que eu estou vendo da janella do meu quarto. Coitadinha!

Que iria eu fazer ao baile? Vêr Maria Urbana a contradansar talvez, com o homem que deixou morrer a minha Isabel? Antes as tuas tristezas, ó ceu tenebroso! antes o vosso soturno gemer, ó arvores, que me estaes murmurando o hymno da morte!...

Adeus, meu irmão; não devo nublar o ceu que te azuleja e doira a vida, depois de um baile, em que os homens e mulheres fataes se compromettem para destinos tão venturosos!

Meia-noite—31 de dezembro

Terminou o anno, meu Guilherme, meu querido irmão.

Ás onze horas sentei-me muito triste, ao lado do meu leito, e a tremer de frio. Tudo dormia em casa. Fui reaccender as brazas amortecidas do fogão, e escrevi, no meu *Diario,* tres paginas, que cortei para t'as mandar. Queres tu conhecer, minuto a minuto, os pensamentos da tua amiga? Será reprehensivel

pretenção dar-te eu conta, que me não pedes, da inteira vida da minha alma? Não é, Guilherme. É que eu aspiro ao prazer de uma especie de sujeição e tutela de espirito. Acolho-me a ti com a timidez de um coração orphão de amigos. Parece-me, ás vezes, que sei exprimir o que sinto; mas vou com as minhas duvidas procurar o beneplacito do teu espirito.

Lê, como mestre, as pobres meditações da tua amiga.

«Usam cantar os poetas a natureza reflorida na primavera. N'essa risonha alvorada da vida, brotam torrentes de inspirações de cada prado, ondas de incensos da urna de cada flor. O penhasco verdeja os seus musgos. A lympha do córrego cristalisa-se, translucida-se, e espêlha a verdura dos choupos e salgueiraes. O poeta, como as aves das bouças e florestas, canta, e voeja de flor a flor. Que jubilos dá o ceu aos felizes! E eu, que desde o repontar da minha triste aurora, vejo sempre a noite, quando a primavera chega, não a saúdo, não estremeço, não a reconheço, e digo-lhe: «Não é para mim que vens, filha querida de Deus, esposa adorada dos poetas! Esconde-te, ó sol de maio, ó alegria do mundo!»

Amo as noites silenciosas, a lua palida com seu disco de nuvens, a lethargia do universo, a sua desnudez medonha.

O que accende poesia em minha alma é o despedir-se do desterrado; e o berço vasio da creancinha que levou a morte; e as lagrimas que verte n'elle a mãe inconsolavel; e a face morta da virgem, vellada pelo capuz da mortalha; e o expirar de um anno, em noite cerrada—a agonia d'esse joven filho da eternidade, que viveu o limitado espaço de sua existencia, e foi cahir no abysmo com os seus milhares de irmãos, e lega ao successor a immudavel frivolidade, as immudaveis illusões do genero humano.

D'aqui a instantes, este dezembro lá entra no lago profundo, e sereno, e insondavel da eternidade!

Pobre dezembro! tão mal-quisto és! desejam-te passado, e não sabem o que desejam, nem que destinos o teu successor lhes traz!

Se os desditosos, que te praguejam, podessem antever as angustias que lá vem, buscariam reter-te, prolongar-te, e, talvez, morrer comtigo!

Vai, vai! Apraz-me vêr como te baqueias na voragem do tempo! Quando o campanario soar a tua derradeira hora, e se ouvirem as confusas vozes que dizem: *salve!* eu estremecerei como se ouvisse o embate da loisa sobre um cadaver, e então, a chorar, te direi: ADEUS!

VII

DE GUILHERME DO AMARAL AO SEU AMIGO

Florinda é uma pilha galvanica. Estou de pé, estou vivo, vibram-me todos os nervos. Eu nunca te disse que é casada esta mulher que subiu ao ceu a vestir-se de graças, e desceu ao inferno a abrasar-se nas lavaredas voluptuosas das heroinas celebradas, que Lucifer, de cem em cem annos, costuma enviar á terra, a fazer colheita de almas? É casada com um sexagenario que a recama de brilhantes, e a manda aos bailes proclamar a omnipotencia do seu oiro, e as glorias sultanicas da sua posse d'elle! Os homens, que esta mulher tem queimado, os corações sobre que ella assenta os pés,—os pés, que fogem á indagação do microscopio—são numerosos. Aqui, no Porto, publica-se um jornal, em que

escrevem quinze bardos todos scepticos; pois a historia d'estes quinze rapazes perdidos sabe-a Florinda; foi ella quem os atirou ao barathro, onde elles, no seu ranger de dentes, rugem umas trovas asperas e medonhas de se lerem. Matou-lhes a um tempo a esperança de voltarem á felicidade, as reminiscencias do coração extincto, e as reminiscencias da grammatica tambem!

Os amantes felizes d'esta formosa prejura são apenas quatorze; mas a victoria equivale a uma derrota. Florinda tece capellas de flores, adorna-os, leva-os pela mão á borda de um abysmo, e despenha-os com a ponta do pé, uns apoz outros. São já quatorze que se revolvem nas fauces do dragão do ciume, e se arrepelam reciprocamente! Eu estou na estrada do abysmo, e deixo-me ir, se algum anjo me não sahe ao caminho.

Fallei-lhe em Virginia. Sorriu-se, e disse-me: «Se lhe convem estar illudido, não queira o desengano». Recalcitrei, obrigando-a a esclarecer-me, e ella replicou: «Se eu lhe provar que a litterata Virginia prodigalisa as graças do seu estylo a todos os espiritos distinctos, vossê não deve ter grande desvanecimento da distincção.» Duvidei para obrigal-a á prova. Irritou-se, e disse-me que eu hoje receberia a prova, accrescentando estas ironicas palavras: «Eu tive um vulgar perseguidor que, na intenção de me lisongear, me fez o sacrificio de algumas cartas de Virginia. Ora eu, sem sombra intencional de

a desviar a vossê do fito a que mira, faço-lhe presente dos papelinhos, que me não prestam de nada.»

Hoje ás onze horas recebi quatro cartas de Virginia, sobrescriptadas a um escriptor publico, e envolvidas n'uma de Florinda, que diz isto: «Posto «que eu, na opinião de Virginia, sou *muito positi-«va*, assevero-lhe que o meu positivismo nunca me «humilhou ao descôco de desafiar quem quer que «seja a corresponder-se comigo.»

Li as cartas. A primeira inclue uns versos osseannicos, sem assignatura, e pede ao escriptor que os emende e publique no seu jornal. A segunda é de agradecimento á publicação. A terceira é uma dissertação ácerca do amor, do infinito, da immensidade, do magnetismo. A quarta é outra dissertação ácerca de coisa nenhuma; mas esplendida de estylo, admiravel de conceitos, e innocentissima em toda a extensão da palavra, e das palavras que são muitas.

Como explicas tu que eu me despeite com ter Virginia escripto estas cartas?! Não lhes encontro expressão que a culpe; e, não obstante, a aureola de prestigio que, a meu pesar, a illuminava, vai-se apagando! Isto, a meu vêr, é um absurdo da minha vaidade!

Vou escrever-lhe. Quero vêr como ella explica este devaneio da sua mania epistolar. Naturalmente a impertinencia deve acabar com este cheque. Eu t'o direi.

De Virginia a Guilherme

Pergunta-me o meu irmão se eu escrevi algumas cartas a F***.

Respondo: escrevi quatro, e agora lhe escrevo a quinta, authorisando-o a mostrar-t'as. Se elle já t'as deu, sem minha authorisação, lança-as ao fogo, visto que as apanhaste da lama.

Tua irmã V.

De Guilherme ao amigo

Escrevo-te profundamente magoado e aborrecido da vida. Sinistro condão é o meu! Virginia é uma nobre alma; mas eu não sei avalial-a como felicidade em minha vida. Admiro a joia inqualificavel; mas hade ter coração, onde engastal-a, o homem que houver de sentir-se rico e ditoso com tal posse. Não a amo, e pergunto a mim mesmo por que a não amo. Invoco todas as feições, romantiso a vida, illumino o futuro com a luz da minha alma dos vinte annos; e, assim que um sopro d'esta sociedade me bafeja, tudo se apaga!

Eu queria pedir-lhe perdão da injuriosa carta, que lhe escrevi. Vingada estava ella com a digni-

dade da resposta. Manda-me *lançar as cartas ao fogo, visto que as apanhei da lama.* Que pungente commiseração me causa esta infeliz! Por que não hade ella ter o supremo brio de me desprezar, de me pospôr ao mais inepto, ao mais ridiculo dos homens que a cortejam sem a comprehenderem! Todos seriam mais dignos d'ella que eu.

Pedi-lhe que me fallasse: não hesitou. Encontrámo-nos n'um cemiterio. Vi-a saltar da carruagem, amparando-se no hombro da criada. Dei-lhe o braço, e senti-a tremer e fallecer de forças. A criada seguia-nos, e Virginia disse-lhe: «Espera-me.» E voltando-se para mim, proseguiu: «Esta velha, que chora por mim e por ella, foi minha ama. Quando me vê entrar no cemiterio, cuida que eu venho escolher a minha sepultura.»

Para divertil-a das idéas lugubres do local, comecei pedindo-lhe perdão de accusal-a irreflectidamente das cartas innocentes. Sorriu-se, e respondeu: «Se eu te contasse bem a historia do meu coração, lamentar-me-ias, comprehendendo o motivo por que escrevi essas cartas, sem saber a quem. Escrevi a um jornalista, que tinha um jornal, e escrevia com piedade a respeito do infortunio. Foi uma loucura; fiz mal; não ha homem nenhum que perdôe a uma mulher o respirar ella pelo espirito as agonias do coração. Consente-se que ella chore e morra em silencio. É o mais que a sociedade lhe consente.»

Beijei-lhe a mão, que ella retirou para cortar uma fronde de cypreste, dizendo-me:

«Esta arvore foi plantada por mim, ha sete annos. Como está medrada! A podridão dos mortos é ainda aroma e viço nas arvores! Aqui tens a sepultura de meus parentes, Guilherme. Quando voltei de França pedi a minhas tias que reunissem aqui as cinzas dos meus antepassados. Falta aqui meu pai, que está no *Père Lachaise*. Guarda estas folhas de cypreste, Guilherme. Alguma vez verás reverdecido em nova folhagem aquelle ramo cortado. Eu é que vou, e vou para sempre....»

Encostou-se Virginia ás grades do jazigo, e eu collei os labios na sua livida fronte com sacratissimo respeito: senti n'elles coar-se um frio de cadaver, e todavia a mão de Virginia queimava, e nas extremidades dos dedos batia-lhe o pulsar das arterias.

N'aquelle instante amei-a, e exclamei: «Eu amo-te, Virginia, amo-te com o immenso coração, que a tua dôr me aviventou!»

Allumiou-se vertiginosamente o rosto d'ella; apertou-me as mãos em convulsivo transporte, e levou-as aos labios.

Depois, deixou pender a fronte para o seio, e chorou. Dei-lhe o braço, levei-a á carruagem, e vi-a partir, amando-a, amando-a ainda, meu amigo, e seguindo-lhe a carruagem.

Senti lagrimas...! eu... lagrimas! Agradeci-as a

Deus, e desejei entrar n'um templo para ajoelhar e orar.

Vês tu que homem eu sou?

N'este momento, passava Cecilia guiando os dois urcos do seu tylburi. Tinha encontrado Virginia; viame ali na mesma estrada. Ao perpassar por mim, desfranziu dos labios um sorriso infernal. Odiei-a!

Adeus. Tenho nojo do mundo e de mim!

Carta de Virginia

Recolhi ao coração as tuas poucas palavras. Creio que me déste uma esmola do teu amor. Bem hajas, Guilherme. Vai adiante de mim este raio de luz á sepultura. Quando me disseste «amo-te!» estavamos ao pé do tumulo de Rachel. Reparei e tremi. Rachel morreu de paixão, e geme ainda nos quatro ciprestes que lhe cobrem a pedra. Não sei o que espero. O meu pensamento parou espavorido. Além da vida comprehendo o ceu na continuação do meu amor. O meu porvir, áquem d'aquelles sete palmos de terra onde está minha mãe, é uma grande luz, ou uma cerrada treva. Qualquer das coisas me ha-de matar.

Perdôa a estas lastimas. São queixumes que só podem ir ao coração; e eu só tenho o teu que possa entender-m'os. As pessoas, que me rodeam, se me vêem chorar, perguntam-me se augmentam as dôres do peito. Tua V.

VIII

RACHEL!... [1]

Por que venho eu, tantas vezes, scismar em ti, ó nada, que já foste um anjo de graças, um coração de fogo, ahi gelado agora em frias cinzas!

Eu, que beijei a tua face já purpureada da au-

1 Este nome é a inscripção de um folheto manuscripto da letra de Virginia. São doze folhas de papel unidas pela margem esquerda com dois alfinetes de ferro basso como só os usam, no pregamento das eças funerarias, os armadores. O papel é tarjado. Na pagina seguinte á do frontispicio lê-se esta dedicatoria:

A GUILHERME DO AMARAL.

A SUA IRMÃ

VIRGINIA PHILOMENA.

OFF.

ESTA RECORDAÇÃO DO CEMITERIO DO PRADO.

(20 de julho de 1844)

rora da eternidade; eu que plantei esta roseira na terra molhada de teu sangue; eu que nunca vi alguem pender a face sobre estas grades, que parecem ainda, morta, apartar-te dos prazeres do mundo, eu, tua amiga derradeira e unica, venho aqui chorar-te!

Dormes ha quatro annos, Rachel! Deixaste duas filhinhas, que não sabem onde estás. Se lhes pergunto por ti, encaram-se tristemente, e não me respondem.

A mais nova tem os teus olhos, o teu sorriso, a pallidez de tua face. A mais velha tem não sei que stygma satanico na fronte... Oh! pobre menina, que tu não saibas que eu te beijo constrangida! As feições de teu pai vejo-as em ti, e eu nunca mais pude vêr sem odio o homem que matou Rachel.

Não a conheceste, Guilherme. Se a tivesses visto, na vida e na morte, eras mais piedoso com as mulheres de coração. Não podendo tu amal-as, immolarias tuas alegrias e liberdade a salvar alguma, predestinada como a minha pobre Rachel.

Quando eu vim da emigração, sem pai nem mãe, achei a bordo do navio uma senhora que me procurava, quando os passageiros subimos ao convez.

Era Rachel, e sua mãe, que haviam recebido re-

cado de minhas tias, ausentes no Douro, para me irem receber a bordo.

Rachel tinha trinta annos. Não podia ter sido mais formosa aos vinte. O seu sorrir era um abrirem-se as portas do coração; só com o seu olhar ameigava, consolava, e insinuava uma alegre confiança. Os seus labios filtravam mysteriosa ternura. Abraçando-me, dava-me reminiscencias dos carinhos de minha mãe. Que doce e terna amiga a minha alma recolheu, ao vêr-me, como hospeda, na minha patria!

Fui para casa d'estas senhoras esperar que minhas tias, retiradas desde 1832 a uma aldêa do Alto Douro, viessem buscar-me, ou me mandassem ir para ellas. Esta segunda resolução era já um receio que me affligia. Como havia eu deixar a minha querida amiga! «Se te mandarem ir, dizia-me ella, vou comtigo, e, passados mezes, voltarás para casa de minha mãe, que tambem te chora, como se fosse tua.»

Minhas tias vieram para o Porto, e eu tive a primeira, e não sei se a ultima hora de verdadeira exultação, em minha vida.

Revesavamos a nossa residencia uma em casa da outra. Aproximamos as relações de nossas casas, e juntas iamos a bailes e theatros, e, senão sabiamos, gastavamos o breve tempo na leitura. Ensinei-lhe as linguas que eu sabia; e ella, que tinha mais engenho que eu, ensinava-me o gosto da escripta, emendando-me os erros da grammatica, ou a impropria-

dade dos termos. Discutiamos coisas litterarias, e nossas familias riam, e motejavam os certames de duas mulheres enfronhadas em questões de homens.

Rachel, quando eu cheguei ao Porto, não amara ainda. E tinha trinta annos, vividos na atmosphera impura de uma cidade, que subitamente se transformara em civilisada, até á licença, para ganhar o estadio em que a detinham atrazada os costumes plebeus, que a fizeram rica, briosa, e forte. Trinta annos sem ter amado!

Parece que o coração se estivera fortalecendo em plenitude de vida para receber um golpe fulminante.

Revelou-me a sua primeira impressão, e mostrou-me o homem.

Que serviria nomear-t'o eu, Guilherme?

É esse que eu vejo ao teu lado, na cadeira do theatro, inclinando sobre a mão a fronte, onde alvejam as cans dos quarenta annos, e não sei se as do remorso. É esse que ainda captiva os reparos nos bailes, não só dos homens, que o denominam *sinistro;* mas das senhoras que, em tom de indulgente veneração, o denominam *fatal.* É esse que tu vês no camarote de uma illustre dama de quarenta primaveras, inclinar-lhe a face sobre o hombro, murmurar-lhe por ventura banaes segredos, como se o o publico precisasse vêl-o assim para proclamal-o amante da illustre dama das quarenta primaveras, e sem um inverno ainda capaz de desencantar os segredos do toucador, imaginados pelo coração feliz.

Aquella mulher, que tu ali vês, Guilherme, bamboando a cabeça empennachada de marabus, rindo a todos os lados, cortejando todos os chapeus que a cortejam, desprezando quem a não vê pelo prisma da dependencia—a dependencia de um salão, que se abre todas as quartas feiras, e congrega todas as familias que tem salas, e bazares de mulheres para todas as condições—essa mulher, que tu mesmo reverenceias, Guilherme, se a justiça do mundo não fosse uma palavra para uns, e ferro em brasa para outros, devia ser arrastada pelos tingidos cabellos ao tumulo de Raehel, e devia ali morrer amarrada áquelles varões de ferro!

Balthasar amou Rachel. Sei de cór as cartas incendiarias, que a perderam. Não sei outra historia de perdição; não sei, Guilherme.

Rachel chorou um dia, quando eu lhe pedi que me deixasse vêr a ultima carta de Balthasar. Chorou, e negou-me a carta. Eu quiz, mais pueril que suspeitosamente, tirar-lh'a da sua gaveta. Rachel deu volta á chave, e fugiu, chorando, e exclamando:

—Tu desprezavas-me!

Eu desprezal-a, meu Deus!

Depois, não a vi seis mezes. Despedira-se de mim por alguns dias, como quem ia visitar um irmão a Valença, e por lá se deteve muito tempo.

E, decorrido um anno, a mãe de Rachel morreu. Minhas tias foram buscar a minha amiga para nossa casa. Rachel recebeu-nos no leito, e não acceitou a

nossa casa. Voltei no dia seguinte, entrei de surpreza, e a minha amiga tinha nos braços uma creancinha de tres mezes. Quiz escondêl-a, disse-me que era sua afilhada; e eu cobri-as de beijos, a ella e á creança, exclamando: «É tua filha! não me mintas a mim, em quanto a desgraça te não envilecer!»

Rachel rompeu o véo em que escondêra de mim o coração: diluiu-o nas lagrimas.

Depois, fallou assim:

—Estou perdida, minha filha; perdida, não digo para a sociedade, não; a sociedade nem me lembra, nem eu jámais a procurarei. Estou perdida para o contentamento e para a esperança. Sacrifiquei-me, cuidando que a maxima desgraça que podia succeder-me era morrer eu; calculei, e contei com esta desgraça; e nem assim pude vencer o meu destino; mas não contei com a morte de minha mãe. Fui eu que a matei, Virginia, por que enfraqueci na lucta, e lancei-me aos braços d'ella, confessando a culpa, e pedindo-lhe valor. A santa chorou comigo em quanto teve lagrimas, e depois morreu-me nos braços, abençoando-me ainda.

O homem, que eu ainda adorava d'entre as chammas do meu inferno... e adorava-o, filha, por que não tinha jámais ninguem que podesse perdoar-me o crime... este homem, para se esquecer da minha desgraça, desgraça sem poesia que o anojava, amou outra mulher, e com os olhos enchutos, me viu sahir do Porto para ir esconder n'uma aldêa do Mi-

nho a deshonra; impassivel me viu despedir os criados, e sahir com minha mãe, cega de chorar, alienada de dôr, por essas estradas fóra, em busca de uma terra onde ninguem nos conhecesse.

—Não era eu a tua irmã, Rachel?—atalhei eu, dando-lhe a respirar o halito de meus labios, que parecia faltar-lhe á vida o ar do quarto.

—Não podia lembrar-me de ti n'aquella situação—tornou Rachel—Escondêra da tua amizade o meu amor, em quanto elle fôra puro; não devia descobrir-te as consequencias vergonhosas. De ti, minha amiga, é que eu mais queria esconder-me.

O pai d'essa creancinha, que tu estás affagando como se ella tivesse um pai que me désse orgulho e gloria, soube que ella nasceu, e que eu a tinha em minha companhia; respondeu-me que o mais acertado seria envial-a á roda.

Então comprehendi que se apagara o ultimo clarão de amor e piedade no coração de Balthasar. Minha mãe, desde que eu irreflectidamente lhe disse tal intento, não mais se levantou, e apenas me disse:

—Já que não soubeste ser virtuosa, sabe ao menos ser mãe. Não engeites a tua filha. Saiba embora o mundo que a tens. Separa-te do mundo, e vive para ella.

—E a tua irmã repete as palavras de tua santa mãe—accudi eu, comprimindo-a ao seio, com a filhinha entre os braços de ambas—Foge do mundo para ella e para mim. Eu te farei companhia...

—Tu?!—interrompeu Rachel affagando-me a face—tu, Virginia!... Que diria de ti a sociedade! Ficavas sem conceito nem estima das familias, que te respeitam. A minha desgraça é ainda um segredo; mas não tarda a ser notoria, por que eu não a escondo. Quando te virem a meu lado, muita gente virá dizer-te: «fuja d'essa infame!» e ninguem te dirá: «fuja d'essa desgraçada!»; por que a palavra *desgraça* tem em si um direito á commiseração publica, desde que Jesus Christo, contra a vontade dos hypocritas, perdoou ás mulheres peccadoras.

—Que me importa a sociedade, Rachel? Eu te mostrarei que sou do numero d'aquellas pessoas que estão com Jesus Christo e contra os hypocritas. Além de que, filha, a mim parece-me que tu conheces pouquissimo a sociedade, e és mais velha que eu dez annos. Ora diz-me: tu não tens um patrimonio bastante para a tua independencia?

—Tenho: metade da casa de minha mãe pertence-me, e a outra com o vinculo de meu pai toca a meu irmão.

—Pois então que tens tu que vêr com a sociedade?

—Eu já te disse, filha, que não a procuro...: A minha dôr é outra... sem comparação com alguma dôr...

—Qual?

—É que Balthasar me recompensa o remorso de haver atirado á sepultura minha mãe, e esta sepa-

ração do mundo, e tudo que padeci e heide padecer atada ao patibulo da deshonra, sabes como elle me paga tudo, Virginia? Desamparando-me o coração, que o ama cada vez mais, tanto mais quanto a desgraça me vai alcançando... deixando-me, fugindo-me, por que o importuna o espectaculo d'esta creança coberta das lagrimas de sua mãe! Este é que é o supremo e inconsolavel martyrio, minha filha!

Eu não sabia consolar esta dôr, Guilherme. Sahi de casa de Rachel, e fui para a minha a elaborar o de um repentino pensamento, que horas depois executei.

Escrevi a Balthasar Carneiro uma longa carta, em que as lagrimas embaciavam as phrases, e estas me sahiam da alma tão compungentes como Rachel as escreveria com a mais afflictiva inspiração de sua saudade e desespero.

O pai d'aquelle anginho—que eu via a brincar com os meus cabellos, em quanto eu estava escrevendo—respondeu-me em poucas linhas, agradecendo-me a sincera parte, que eu tomava na dôr da minha amiga, e promettendo-me reparar, *quanto seu coração lhe permittisse,* o damno causado na felicidade de Rachel.

Louca de jubilo, fui communicar esta resposta

á minha amiga, que se debulhou em lagrimas, lendo, abraçando-me, devorando de beijos a filhinha, e relendo muitas vezes a carta.

Horas depois, teve ella aviso de que Balthasar a procurava. Escondi-me para sahir logo que elle entrou á sala, e mandei á noite saber o que tinha occorrido.

Aqui te copio o bilhete de Rachel·

«Estou feliz, quando não vejo a livida imagem «de minha mãe. B. acariciou a Beatriz com trans- «porte, louvando-me por não a ter exposto. Fallou- «me em muita felicidade futura; mas o coração era «pequeno para a felicidade presente. A Deus e a ti «devo este bem. Só quem soffreu como soffri póde «bem sentir esta alegria. Faltas-me tu: queria eu «que tambem sentisses a doçura d'estas lagrimas, «já que provaste o travor das outras. Da tua Ra- «chel.»

Passados dias, era publica e assoalhada a desventura de Rachel.

Balthasar frequentava, a toda hora a casa d'ella, e mostrava-se sem resguardo em logares concorridos.

A nova do «escandalo» chegou logo ao conhecimento de minhas tias, que lh'a trouxe um padre, que nos pagava os jantares contando-nos os escandalos.

Minhas tias ficaram geladas de espanto e terror; e mais espantadas quando viram a serenidade do meu rosto.

Retirei-me logo da sala para chorar occultamente, e escrever a Rachel; porém, quando eu estava dobrando o papel, entraram-me no quarto minhas tias, interrogando-me.

—Tu sabias isto que todo o mundo sabe?—perguntava uma?

—Sabia, sim, minha senhora—respondi.

—E não tens vergonha de ter relações com essa perdida?

—Não, minha senhora. Rachel é desgraçada.

—Se fosse desgraçada—atalhou a mais grave de minhas tias—escondia-se com a sua vergonha, em vez de fazer alardo da deshonra como quem se jacta do que é.

Não tive que responder. D'esta vez, a moral, representada por minha tia, pareceu-me que tinha razão.

Sahiram; e eu fiquei escrevendo a Rachel. Contei-lhe o succedido, e terminei dizendo o que minha tia dissera; mas adossei quanto pude as phrases.

A minha amiga respondeu-me assim no dia seguinte:

«Não te dizia eu que o mundo te bradaria: «fuja «d'essa infame!»? O que eu não esperava, Virginia, «era ouvir de ti, como conselho, o mesmo que a so-

«ciedade me atira como injuria. Acceitas a razão do «mundo; fazes bem, fazes o que não podes deixar «de fazer. Eu é que não posso: n'esta posição a «guerra com a sociedade está declarada: as mulhe- «res da minha condição luctam até cahirem; e as «mais victoriosas são as que primeiro cahem.

«Censuras delicadamente que eu me mostre ao «lado do homem que amo! Pois se eu, sem elle, es- «tava disposta a affrontar o mundo com a minha «filha nos braços, mais ufanamente o affronto pro- «tegida pelo amor do homem por quem me perdi. «O mundo finge persuadir-se que as pessoas a quem «elle retira a sua benevolencia morrem asphyxiadas, «ou pelo menos devem dar a entender que morrem, «em holocausto á opinião publica. Pensa isto a so- «ciedade, e mais está vendo, todos os dias, a des- «penharem-se no extremo abysmo as mulheres que «ella empurra pelo resvaladoiro da injuria, e da sua «feroz justiça. A sociedade, e tua tia que te digam «quantas impuras tem purificado com o seu des- «prezo. Este desprezo, no maximo numero das ve- «zes, immerecido, é que explica os «escandalos» «da especie d'este que eu dou. A sociedade corta- «nos todas as avenidas dos prazeres licitos, cerca- «nos de motejos, de escarneos, de calumnias, e da «lama em que muitas vezes se nutre a sua hypo- «crita virtude; e, se uma mulher como eu, se mos- «tra, sem acotovellar a sociedade, sem lhe pedir um «talher á sua mesa, sem mesmo querer mostrar-se

«alegre ou lagrimosa, ahi lhe saltam os esbirros da «moral publica, arrastando-a ao tribunal para se vêr «sentenciar de infame, visto que não teve a sensa- «tez de se deixar morrer abafada entre quatro pa- «redes escuras, e ousou vir aos passeios, e á luz do «sol, observar o fausto, e acatamento das illustres «devassas resguardadas da injuria pelo escudo dos «maridos.

«Virginia, perdôa-me fallar-te assim. Deves es- «tranhar esta linguagem. Disseste-me, ha dias, que «eu sabia pouquissimo do mundo. Então sorri in- «teriormente da tua innocencia; e hoje desforro-me, «dando-te, a meu pesar, uma prova da minha des- «graçada experiencia.

«Não me lamentes, a não ser por que perco a «tua companhia. A amizade sei eu que não. Se Deus «quizer que eu me rehabilite, correrei aos teus bra- «ços; senão, amar-te-hei sempre, e tu, ás escondi- «das do mundo, me darás algumas vezes uma la- «grima pelas muitas que a saudade me fizer chorar. «Adeus — tua Rachel.»

N'este mesmo dia, mandaram-me minhas tias preparar os meus bahus para, no dia seguinte, partirmos para a quinta do Alto-Douro. As ordens foram tão imperiosas á minha dependencia, que eu não re-

pliquei. Escrevi durante a noite uma longa carta a Rachel, com tantas lagrimas quantas tinha vertido escrevendo a Balthasar.

Estive na provincia um anno: escrevi repetidas vezes a Rachel, e nunca recebi resposta. Mandava a Provezende procurar as cartas, e sempre me respondiam negativamente, até que um dia, por descuido do empregado que m'as subtrahia, recebi uma, em que Rachel se queixava do meu silencio de sete mezes. Fiquei entendendo que tambem as minhas cartas eram retidas no correio por suggestões de outro padre de Chancelleiros, que jantava e ceava com minhas tias, e as confessava mensalmente.

Fiz-me desentendida, no proposito de esquadrinhar o esconderijo da correspondencia. N'um domingo de confissão, simulei doença, e fiquei em casa. Remechi todos os logares suspeitos no quarto de minhas tias, e encontrei um massête de cartas n'um falso da gaveta de uma commoda. Tirei algumas, e recolhi-me á cama, para não suggerir suspeitas.

Rachel recebêra as duas primeiras, e mais nenhuma. Assim mesmo escrevêra-me de quinze em quinze dias.

A penultima carta dizia assim:

«Já te escrevo como quem está conversando com «Deus. Não sei se recebes estas lastimas, e se, re«cebendo-as, te condoes de mim. Seja o que fôr. «Desabafo. A minha triste historia, se não tem ido

«ás tuas mãos, alguem a terá lido. Se a pessoa, que «a lêr, me tiver lamentado, alguma coisa aprovei- «tei de têl-a escripto. Cheguei á extrema amargura «de me contentar com uma lagrima.

«Agora acamei, e d'aqui é para a sepultura. O «derradeiro golpe foi antes de hontem. O chaile que «Balthasar.....»

Suspendo aqui o traslado para te contar, Guilherme, os precedentes d'aquelle *chaile,* que bem podera eu chamar-lhe a mortalha de Rachel.

Primeiro te direi que, só passados quinze dias, pude dar novo assalto á gaveta mysteriosa de minhas tias, e subtrahir todas as cartas, onde estava a que devia illucidar-me na comprehensão da penultima.

Balthasar, ao quarto mez de quasi convivencia com Rachel, ganhou medo á opinião publica, e principiou a dissertar como um moralista ácerca dos deveres que a sociedade impõe, e da necessidade que ha de os não infringir, sob pena de cahir o infractor no desprezo de si proprio.

Estas apologias crueis do venerando instituto social esmagavam o coração de Rachel, que então reconheceu o látego do castigo na mão do homem, que a despenhara. A infeliz defendia-se com lagrimas; as lagrimas, porém, no rosto desflorido da mulher desamada, são argumentos contra-producentes que

repellem a razão, a alma, e a piedade, tudo para que as lagrimas appellam do juizo do amante inflexivel ou melhor direi do carrasco. Carrasco deve ser o coração fatigado do homem, para quem a victima levanta as mãos supplicantes!

Em quanto assim defendia os preceitos sociaes, o mesmo defensor empenhava o coração na facil victoria e conquista d'essa mulher das quarenta primaveras, que tu, a esta hora, cortejas nos seus salões, e examinas de perto como um spécimen do progresso das tinturarias.

Esta mulher, que passeava impunemente os seus escandalos e marabus por passeios e salas e theatros, foi exceptuada das homilias moralisadoras de Balthasar, visto que a sociedade não ousava incluil-a na sua lista de proscripção. Ao contrario, vira elle que nos salões d'ella é que os athletas ungiam os braços para arcarem com os preconceitos sociaes, e de lá sahirem invulneraveis á difamação.

Foi elle tambem iniciar-se, e começou o noviciado sob a direcção da summa sacerditosa.

Rachel adivinhou-o antes que o mundo lh'o denunciasse. Não se queixou. Dava aos braços do pai as suas duas filhinhas, cuidando que os anjos supplicariam silenciosamente por ella.

Espaçaram-se as visitas de Balthasar, e Rachel ageitava aos labios o mais amoravel dos seus sorrisos, quando elle se annunciava. Contava-lhe as graciosas travessuras de Beatriz; mostrava-lhe Ignez

dormindo e sorrindo no berço; pedia-lhe que as beijasse; encostava-lhe a face febril ao seio, e dizia-lhe: «Não esqueças a mãe de tuas filhinhas, não?»

Rachel bordava a matiz com prodigiosa perfeição.

A dama das quarenta primaveras sabia-o por tê-la visto no theatro com um invejavel chaile de setim bordado.

Esta mulher sabia que Balthasar Carneiro, contra as promessas feitas, não rompêra inteiramente a alliança com a mãe de suas filhas. Premeditara ella uma acção infamissima, e executou-a.

Perguntou a Balthasar se D. Rachel, nas suas horas vagas, quereria, a pedido d'elle, bordar um chaile para ser presenteada uma senhora de Lisboa.

Balthasar adjudicou a sua palavra á satisfação d'este desejo, e com astuciosa villania pediu a Rachel que bordasse um chaile para elle brindar sua irmã.

A minha pobre amiga, cheia de contentamento, sentou-se ao bastidor, e trabalhou mez e meio incessantemente.

No decurso d'este tempo, Balthasar foi mais assiduo: sentava-se em frente do bastidor, contemplava o esmero do lavor, e exclamava:

—Que prazer vai sentir minha irmã! Verás que amaveis expressões ella te dirige!

E Rachel respondia-lhe:

—Por que a não convidaste a ser madrinha de uma de nossas filhas! Eu quero-lhe tanto, sem a conhecer!

Concluido o trabalho, Balthasar deu um estremecido beijo em Rachel, e levou o chaile.

Na noite do dia seguinte, a minha amiga, incitada pelo ciume, mandou tomar um camarote de terceira ordem em S. João, onde se representava a *Norma*. Tencionava ella espiar os movimentos de Balthasar, e convencer-se do suspeitoso namoro com a impavida amazona, que afogava a moral do Porto entre as mãos herculeas. Foi.

No intervalo do primeiro ao segundo acto abriu-se um camarote. Era o da infame. A ramalhuda senhora lançou dos hombros, nas mãos de Balthasar Carneiro, uma capa de merino verde, e sentou-se ao fundo do camarote aprezilhando uma luva, e offerecendo o pulso a Balthasar para abotoar-lhe a outra. Depois, ergueu-se, e sentou-se no logar superior.

Subito, estruge um grito agudissimo, que alvoroça os espectadores. Erguem-se os da platéa e camarotes, convergindo os olhares para o camarote vasio da terceira ordem, sobre cujo parapeito se inclinavam os occupantes dos camarotes latteraes.

A authoridade, com algumas pessoas curiosas, subiram ao camarote, e encontraram uma senhora

desfallecida nos braços de duas damas dos camarotes visinhos. Reconheceram-a, conduziram-a ao quarto do toucador, ministraram-lhe soccorros da medicina, e transportaram-a, já reanimada e silenciosa, a uma sege.

Balthasar sahira do camarote, e do theatro.

Rachel apeou em sua casa, agradeceu aos cavalheiros, que marcharam a pé ao lado da sege, e subiu cambaleando até ir ajoelhar ao pé da filha mais velha. Beijou-a, lavou-a de lagrimas, despertou-a com os gemidos, e apertou-a com sinistro phrenesim ao peito. Depois, foi beijar Ignez nos braços da ama, e voltou ao seu quarto.

Ás onze horas, tirou de uma gaveta um punhal de Balthasar; acomodou-o no seio, e sahiu envolta n'um longo chaile preto.

A distancia da porta latteral do theatro, onde chegam as carruagens, parou. Quando os trens se moveram para ali, aproximou-se. Viu accercar-se uma sege com libré: perguntou de quem era. Responderam-lhe o nome da illustre dama.

D'ahi a instantes, abriu-se em duas alas o caminho por onde passava a dona do trem annunciada pelo fremito das sedas. Ergueram-se todos os chapéos, inclinaram-se todas as cabeças. Era a mocidade dos seus salões, a mocidade, que momentos antes lamentava Rachel, anjo de perdição sacrificado aos trinta e seis annos d'aquella alma podre n'um involucro de tintas e cosmeticos.

Quando ella erguia o pé sobre o coxim de veludo escarlate, Rachel arrancou-lhe das espaduas a capa, e logo o chaile, que rasgou de alto a baixo com o punhal, e entalou debaixo de um pé, acabando de o despedaçar com as mãos, exclamando: «Tua costureira é que não, miseravel!»

A aggredida espediu um grito, e deixou-se apertar pelos braços do bolieiro, e consentiu que a levassem ao centro dos elegantes, que a rodearam.

Ninguem lhe lançou a mão! Ainda mesmo para os ignorantes—e todos o seriam—d'aquelle conflicto, a angustia heroica de Rachel era respeitavel. A passo firme seguiu o caminho de sua casa, beijou de novo os filhos, deitou-se, e murmurou:

—Agora morrerei!

.....

E morreu, Guilherme! Morreu cinco mezes depois!

Quando acabei de lêr as cartas de Rachel, e a ultima, em que ella me enviava a certeza de ser minha e de suas filhas a ultima aspiração do seu alento, fui, banhada em lagrimas, ajoelhar-me aos pés de minhas tias, e exclamei, com as cartas ainda abertas na mão:

—Deixem-me ir assistir á morte de Rachel, se não mato-me!

Encararam-se as duas senhoras, e nenhuma me respondeu. Suppliquei de novo, beijando-lhes as mãos. Choraram ambas, e disseram!

—Vamos!

Partimos na ante-manhã do seguinte dia.

Antes de entrar em minha casa, apeei na de Rachel.

Encontrei-a sentada no leito, com ambas as filhas, uma de cada lado. Beatriz desannelava-lhe uma espiral do cabello; Ignez brincava-lhe com o folho rendado do chambre de dormir.

A commoção, ao vêr-me, foi tamanha, o rir e o chorar simultaneo. Os impetos esforçados com que me abraçava, as fallas soluçantes e inarticuladas. resultaram-lhe um violento accesso de tosse, e golphadas de sangue.

Pedi-lhe a continuação da sua desgraça, depois da ultima carta.

—Mais nada—disse ella—Agora é isto... é morrer.

—E Balthasar?

—Foi para Lisboa ha tres mezes. Eu não t'o tinha dito?

—Não. E agora, com a minha presença, com os meus carinhos, recobrarás forças, minha filha?

—Se eu podesse... queria viver.

Não pôde, e conheci que luctou deveras com a morte.

Ali estive dois mezes, noite e dia. Dois mezes a vêl-a morrer minuto por minuto. Os ultimos tres dias foram socegados, se é que não estava já morta, por que, se lhe mostrava as creancinhas, contemplava-as, sem lagrimas. Creio que já as não via, nem tinha memoria d'ellas.

Guilherme, se um dia visitares a minha sepultura, vai depois á sepultura de Rachel, e diz em tua consciencia: «Esta foi mais desgraçada que a outra!»

IX

GUILHERME DO AMARAL AO SEU AMIGO

Zomba de mim, se a lastimavel humanidade te não merece indulgencia. Pejo-me de ter-te escripto cartas, cujas reminiscencias me pungem, por que, para meu castigo, as copiei no meu livro de *Memorias*. Foi providencial o supplicio que me preparei para esta hora.

Como pude eu gracejar, brincando com a dôr de Virginia! Que cegueira moral a minha que ainda agora lhe vi a alma de martyr, o coração do anjo, a resignação de santa!

Perguntas-me agora se a amo? Não. Deus veda-me que eu ame. Cuido que entre mim e ella está o impossivel: é o seu anjo-da-guarda que a defende de mim!

Agora, não ha mulher alguma que Virginia não deslumbre; e, com tudo não a amo! Nenhuma que a seu lado me possa alumiar a consciencia com mais viva luz do ceu; e não a amo! Antevejo a bem-aventurança na vida intima com Virginia; e não a amo! Que atroz antithese me entrou na cabeça e coração como raio de fogo infernal!

Já a procuro, e não a vejo. Virginia está doente. Ha dias, quando um medico me avisava do seu estado, e me pedia que a salvasse, recebi-o ironicamente; hoje, estremeço a cada badalada funebre, que vai gemendo nos ares.

A uma noite de vigilia, succedeu a determinação que decide da minha existencia. Vou casar com Virginia; e não a amo!

Eu tenho crimes, meu amigo, tenho-os de me gritarem na consciencia. E por isso tremo ao entrar n'esta escura vereda, que não sei onde me leva. As voragens, tocadas pelo dedo da Providencia, fendem-se subitamente debaixo dos pés do homem, que marcha oscillando entre as duvidas da razão. Que vou eu fazer? Que será d'ella e de mim, se as minhas visões me enganam? O que me hade desculpar depois, se nem ao menos vou enganado pelo coração? E não será maior honra, maior virtude deixal-a morrer, ou esperar que ella resurja do seu abatimento, esquecendo-me?

Miseravel razão a minha que me não responde! Pois que vil e desprezivel é o homem entregue a si

mesmo? Serão assim todos os desamparados da mão de Deus? Assim os atira a justiça eterna desenfreados contra todas as arestas dos precipicios, onde esmagam cabeça e peito, depois que prostituiram o coração, e infernaram a consciencia?

Avante!... Este meu passo é uma virtude; Deus vê a minha intenção; Deus me dará uma nova alma! Creio nas preces d'aquelle anjo. A desgraça, quando nos ferir, hade matar-nos juntos.

Escreve-me, A. Dá-me fiel conta das tuas sensações com esta carta. Invoca a experiencia dolorosa, que te dá hoje dias de paz. Falla-me, aconselha-me!

Carta de A. a G. do Amaral

Quando esta carta chegar ás tuas mãos, Guilherme, estás casado com Virginia, ou nunca serás marido de Virginia. É isto o que me diz a minha dolorosa experiencia dos homens dos teus annos, de tua indole, e de tua extemporanea perversão moral.

Nunca te aconselhei: seria tempo perdido. Os teus oraculos são o instante da sensação. A logica de tua vida tem sido o capricho. Para ti não ha concatenação de factos que induzam a consequencias de inferno nem de ceu. Á força de te desfigurares, perdeste a individualidade, derrancaste o paladar da consciencia, não tens já senão vislumbres instinctivos do bem e do mal.

Se estás casado, dir-te-hei que déste um mau

passo. O casamento por commiseração póde ser bem succedido, quando a piedade é solida, e essencial no espirito, que se devota ao bem-estar de uma mulher, abnegando de si proprio, com sacrificio de uma liberdade até certo ponto incompativel com a rectidão da consciencia. O casamento por commiseração em ti, que te inflammas subitamente em incendios de compaixão—talvez pela novidade mesma d'esse sentimento—dir-te-hei que é mau, mau como tudo, que busca seu remedio nas vergonhas publicas, para esquivar-se aos supplicios intimos.

Se não estás casado, Guilherme, deixa antes morrer essa ditosa senhora, que vai direita ao aniquilamento, se o destino da humanidade se resolve ali; e, se não, se ha ceu, onde hade recebêl-a o Creador, o pai, que a dotou com tão admiravel espirito, com tantas virtudes, assombro de ti proprio?

E, depois, quem te diz a ti que Virginia recebe a morte de tuas mãos? A tua pouca, mas sobeja experiencia não te ensina que as raras mulheres, dobradas pela paixão até á terra da sepultura, são aquellas que não poderam restaurar a probidade, immolada ao homem que as abandona?

A mulher, que só deu o coração, retira-o antes de morrer, e não morre. A que não salvou de si coisa nenhuma, a que inteira se renunciou, essa, se a desvergonha a não salva, é a que morre asphyxiada pelas garras do arrependimento muitas vezes, e pelas do amor, algumas.

Vê lá! Tem mão da tua vaidade, que te não vá ella lograr, como a cada passo cá descubro n'este hospital de doidos, e hospital de cancros e pustulas sociaes.

E, se no futuro, vieres a suspeitar que a vaidade te embaiu, amargo farás pagar o desengano a tua mulher, e cuidarás que ella te escarnece, quando a sorrir te responder ao interrogatorio de um passado quasi desvanecido na memoria do coração de ambos.

Não sei se o que ahi fica escripto são conselhos. Preceitos do meu uso te juro eu que são.

Se estás casado, rasga esta carta, e convence-me de que sou um parvo, contando-me as tuas venturas. Não estás, não! Irei jural-o com hypotheca das minhas orelhas, sendo necessario.

Teu affeiçoado A.

Guilherme a A.

Ao receber a tua carta, vinhà de procurar o medico assistente de Virginia. Soube que as tias haviam partido com ella para o Douro, como a vissem hontem lançar sangue. Manifestei ao doutor a minha intenção; e elle contrariou-m'a como tardia e inutil. Instei com perguntas para saber até que ponto me pesava a responsabilidade da morte de Virginia, e

o Epidauro, avincando a fronte, respondeu-me: «Toda a responsabilidade!»

Esta opinião desencontra-se com a tua, e eu queria deixar-me vencer por ti, e ter lido a tua carta para refutar o mèdico.

Esta sahida de Virginia, sem um *adeus*, sendo ella tão facil e prolixa em escrever, encerra enygma, que a tua carta, apezar do doutor, me decifra. *Retirou ella o coração?*

O facto operar-se-ia com a presteza, que tão frequentemente se dá com a nossa organisação de homens, aliás muitissimo mais fortes e tenazes em nossas ligações?

O lastimal-a eu, por tanto, não será intempestivo com referencia ao passado, e immerecido ao tocante ao presente?

Se amou, vai tardio o agradecimento; se não ama, que lhe importa a compaixão?

Isto parece-me racional: e a ti?

Resposta

Parece-me racional tudo quanto ha. Até tu me pareces racional, Guilherme!

Eu, que vejo o porvir atravez da lente da experiencia, não antevi a linguagem lisa, ligeira, e de sempoada d'esta carta que recebo. Esperava uma elegia, eu, pedaço de tolo! uma elegia de ti, Guilherme! emminentissimo libertino!

Fazes umas perguntas, e respondes ás tuas perguntas com um tal aprumo de Balzac, amigo Guilherme, que me dispensas de responder-te.

Póde ser verdade o que presumes, póde ser verdade o invez do que presumes; o que não falha a toda a evidencia é que Virginia foi muito feliz em fugir á febre matrimonial, que te atacou, e da qual te julgo curado, bemdito seja Deus!

Fico esperando um novo capitulo do teu romance.

Virginia a Guilherme

Com que direito havia eu de importunar-te, avisando-te da minha sahida do Porto? Falta-me animo e vigor para escrever, Guilherme. Cancei a compôr as recordações de Rachel; cancei e affligi-me. Que poderia eu dizer-te senão tristezas, meu amigo? Deus sabe se as tuas te sobejam!... Ha tempos me escreveste «que um dos grandes infortunios da tua vida era a sympathia que os desgraçados tinham comtigo.» Pensas diversamente de mim: felizes é que eu affastaria das minhas lagrimas. Sei pouco da estructura moral do homem; por isso me engano pensando que as almas sinceramente magoadas não repellem o infortunio alheio que as busca.

Estou n'esta aldêa, onde não ha arvores nem flores. A terra é da côr dos cadaveres; e as vinhas, sem folha, sem renovos, parecem-me ossos insepul-

tos. Tudo vai tomando a côr e a fórma das minhas phantasias. Reconheço n'este terreno que está perto o chão da sepultura.

E eu a mortificar-te, meu amigo! As tuas cartas são sempre bem-vindas: posso já lêl-as sem lagrimas. Estão contadas as minhas horas, e nem já agradeço ao Senhor as que vão correndo. Perguntas-me quando volto ao Porto. Não sei: minhas tias não podem vêr-se aqui. Viva ou morta, lá irei. Rogo que me ajuntem ás cinzas de minha mãe, e de certo m'o fazem. Pedi-te que fosses uma vez vêr a arvore que eu plantei: queria lá estar, quando tu ali parasses. Depois, tenho a minha Rachel tão perto!... Se os mortos se erguessem, como a poesia santa do terror os tem imaginado, que funebres dialogos eu não teria com a minha pobre amiga!...

Tel-os-hemos n'um outro mundo?

A minha fé não seria tão fervorosa, se fosse uma chimera.

Eu vou encontrar Rachel, vou, meu querido irmão. Adeus. Lembra-te, em quanto não te fôr penosa a lembrança

Da tua V.

X

AS POESIAS DE VIRGINIA

N'este ponto das «Memorias» encontro um voluminho em capa de *chagrin* escuro, com duas iniciaes, abertas n'um circulo de grinalda: v. f. São poesias. Trasladarei algumas, que vem a ponto no sentido d'este livro. Outras, de mais vago devaneio, poderiam prejudicar á leveza e clareza que este genero de escriptura requer.

I

Sans nommor le non
Qu'il faut benir et taire.
S.

No coração, como eu sinto
fogo e inferno abrasador,
que me devora, e me alenta,
que me dá prazer e dor;
que me tortura, e suavisa,
que me mata... És tu, amor?

Ai! és! amo, e com delirio,
com insolita paixão,
com desejo audaz, violento
que me faz vêr n'um vulcão
o refrigerio do lume,
que me escalda o coração.

E não sou amada! e vergo
este orgulho natural!
rojo humilde a alma escrava
neste ascoso tremedal:
reconheço-me aviltada
por este homem fatal.

Não importa! heide afagal-o,
em mysterio, o meu amor;
quero sosinha sentil-o,
como egoista em minha dor;
heide a pranto alimental-o,
como o orvalho nutre a flor.

Que soberba louca eu tenho
deste amor, que é todo meu!
que nem elle mesmo sonhe
que alma virgem se lhe deu!
Este amor é inferno? seja
pelo ceu não no dou eu!

Julho de 1843.

II

Anhelos

Eu quizera em delirio sorver
de teus labios o alento abrasado;
e unir-te ao meu peito agitado
e sentir do teu peito o bater;

e dizer-te: «sou tua!» n'um beijo,
e affastar-te da fronte os cabellos,
e fitar os teus olhos tão bellos,
e fartar de minha alma o desejo;

minha face em teu hombro encostar,
e sentir-lhe o suave calor,
e fallar-te baixinho de amor,
e sentir-me de amor escaldar.

E quizera horas magas viver
do viver da suprema ventura;
uma hora de amor e loucura,
e depois... que importava o morrer?

Julho de 1843.

III

Inveja

Invejo á brisa do estio
a suave amenidade;
invejo as iras e a força
ao fremir da tempestade.

Invejo ao sol refulgente
o radiante calor;
invejo ao facho das noites
a vaga luz e o pallor.

Ao revolto occeano invejo
o fragoroso rugir;
invejo ás feras da Hyrcania
o assanhado bramir.

Das estrellinhas invejo
o scismador scintillar;
invejo a nuvem que póde
as estrellas offuscar.

E os aromas deleitosos,
e o matisado das cores,
e o viço, e a graça, e encantos
invejo ás plantas e flores.

Ao cantor do bosque invejo
o amoroso trinar;
e das florestas copadas
o doce rumorejar.

De quem nunca amou invejo
a tristonha liberdade;
invejo aquelles que abafam
as ancias da mocidade.

Invejo... invejo!... os que vivem
da espèrança deleitosa;
invejo quem só recorda
a lembrança venturosa.

Ao sabio invejo o talento,
ás graças a formosura,
ao valente invejo a força,
e ao justo a crença pura.

Invejo ao louco a demencia
que não o deixa soffrer;
ao que não pensa nem sente
invejo o escuro viver.

Ai! invejo, invejo tudo
quanto é vida e agitação
desde o cicio da aura
'té ao bramir do tufão;

desde as lagrimas suaves
de enthusiasta alegria
até ao grito que rasga
corações em agonia.

Invejo tudo que vive;
em terra, em mar, em ceu;
só não invejo quem tenha
coração igual ao meu.

Setembro de 1843.

IV

Que sentes?

Que sentes por mim? amor extremoso?
ou sentes o tedio teu peito gelar?
Pois quando meus olhos, teus olhos encontram
não sentes, ó poeta, que é vida o amar?

Se um brando sorriso de immensa ternura
meus labios agita, que sentes então?
não sentes de orgulho, de goso, e ventura
no peito de bronze archejante expansão?

Se vai revelar-te furtivo suspiro
esta ancia de amar-te, que eu não sei conter,
não sentes, oh! dize, não sentes, qual sinto
delirios que os labios não sabem dizer?

Se, ás vezes, ao peso de maguas occultas
eu pendo a cabeça febril, a scismar,
quizeras que eu fosse, buscando refugio,
a fronte poisar-te no hombro, e chorar?

Se, olhando das nuvens as fórmas aerias
contemplo, absorta, o azul destes ceus,
não sentes, qual sinto, o desejo de alar-te
nas azas de um anjo, comtigo, até Deus?

Que sentes ao vêr-me, que sentes? oh! dize...
Ou salva-me, ou mata-me!... é força fallar!
Que importa morrer? o ceu tem amores;
Se tu não és anjo, o ceu m'o quer dar.

Outubro de 1843.

V

Só Deus!

Christo, dá-me o perdão, dá-me o remedio,
Que entre tão vario mal fraqueia a vida.
Eugenio Toledano.

Nutri de maguas, largo espaço, a vida;
mil revezes soffri, chorei saudades;
e o fel que aos labios me atirara o mundo
aos olhos ressumou em pranto inutil.
Penei sosinha, amei chimeras loucas!
quem me havia de vêr sem rir, meus prantos?
Profundo, acerbo amor, paixões só minhas,
só a Deus as contei, que o mundo ria-se!

Ninguem, ninguem! nem elle as entendêra!
A nuvem do vil pó das paixões baixas
erguida no tropel dos vicios torpes
cegou-lhe o coração, os olhos da alma!
E eu não pude este amor dizer-lhe em vozes,
em vagos eccos do que dentro em hymnos
fallava o meu enlevo ás mudas flores.
E eu maldisse a vida! instinctos meigos,
crença, affecto, esperança, tudo, tudo,
maldisse, e reneguei; mas A TI, nunca!

Perdão, Senhor!...
Mulher fragil, perdida,
n'este amor infernal, a Vós me acôlho!
Ajudai-me a vencer minha má sina,
que não pude affastar. Não pude! E agora
salvai-me d'este fogo, destes sonhos
que a mente me hallucinam! Sabeis tudo,
tudo que vai nas trevas da minh'alma.
Matai-me o sentimento, embora morra
com elle o coração. Salvai-me a crença,
a crença em vós, Senhor!... que eu possa, ao menos,
pensar n'outra existencia além da campa.

Dezembro de 1843.

VI

Morto!

Busquei-te na immensidade,
nas profundezas dos ceus,
na terra, no mar, no espaço,
no seio eterno de Deus.

Bellezas que eu vi na terra!
bellezas que não amei;
no ceu vi mil maravilhas,
mas prazer nenhum gosei.

Ermo, escuro, vão, vi tudo,
tudo sem luz nem matiz!
Busquei-te!... como encontrar-te,
se estavas morto, infeliz!

Janeiro de 1843.

XI

GUILHERME DO AMARAL AO SEU AMIGO

Espantosa revolução na minha alma!

Quantas vezes te disse eu que procurava um individuo nunca encontrado na especie humana—a mulher cega aos clarões da falsa illuminação do seculo, a mulher sem macula, sem orgulho de sua pureza, sem desvanecimento de sua valia, por ignorar o que é e vale! Achei-a! Achei-a, chorando sobre o cadaver de sua pobre mãe!

Era na festejada noite de S. Pedro. Sahi do hotel, com o peito anciado por um ralar de invencivel desesperação. Recebêra de manhã uma carta de Virginia, um novo apêllo, sem aviltamento, á minha

piedade. Piedade vã, tortura inutil! Que heide eu fazer-lhe? quê posso eu fazer-lhe?

Quando, á noite sahi, deixei-me ir na torrente da populaça, que escarnecia a minha dôr com a sua estrepitosa alegria.

Cheguei ao areal de Miragaya, onde o vistoso arraial trasbordava de gente feliz.

Os meus amigos, que eu julgava estranhos aos jubilos da plebe, folgavam como ella. Damas de tercio-pello saltavam das carruagens, e subiam ás janellas, que orlam a esplanada, e de lá vertiam correntes magneticas sobre os grupos d'estes, mocidade modesta do Porto, que com qualquer coisa se entretem e regala.

Não pude ali vêr-me. Lá estava Florinda, entre dois galãs, contando a um, presumptivo successor do outro, a historia da minha imbecilidade. Assim devia ser; por que Florinda, ao vêr-me, rira-se. Lá estavam Cecilia Pedrosa e Margarida Carvalhosa, umas mulheres a quem eu, na semana passada, prometti amal-as eternamente. Viram-me todas, offereceram-me todas duas horas de recreio, e eu não pude senão odial-as, por que era desgraçado, e ellas pareceram-me felizes.

Retirei-me para o mais cerrado do arvoredo, e olhei sobre a corrente do Douro, onde se espelhavam os mil luzeiros do ceu e os do arraial, que empallideciam as estrellas.

E meditei em Virginia com oppressora saudade,

que não era amor. Dizia-me o coração que eu nunca mais a veria, e desejava vêl-a. Affigurava-se-me morta, e eu queria salval-a.

Não pude com o peso da minha amargura. Acheime estupido com tanto, e por tanto soffrer!

Ergui-me, cortei a praia, e entrei nas velhas e tortuosas ruas d'aquelle bairro, para não encontrar pessoa conhecida. Na mais suja e deserta das vielas, ouvi gemidos; collei o ouvido á porta d'onde elles sahiam; bati; abriu-se a porta, e vi uma mulher recem-morta, e a filha d'esta mulher, chorando-a.....

.....

Vai á carta contando circumstanciadamente o que já foi relatado no capitulo v, do romance «ONDE ESTÁ A FELICIDADE?» *e termina assim:*

«A minha intenção ha tres dias era sahir de Portugal. Não queria estar aqui, ao saber-se cá a morte de Virginia. O facto da sua infermidade é notorio. O medico divulgou-o, e aponta-me como assassino d'ella. A minha consciencia, até certo ponto, gritará com o bramir d'esta gente, que me odeia, a gente de casaca, que assim se vinga da natureza que a dotou com as mais negativas qualidades para matarem alguem de amor de suas senhorias. Era minha tenção fugir á noticia, ou á vinda de Virginia moribunda. Agora, desde que segunda vez visitei a costureira da rua Armenia, não posso sahir.

O meu sonho!... se tu soubesses o meu sonho!...

Vejo além, nas cercanias do castello de Gaya, uma casinha tão linda, tão fresca, um ninho encantador de aves felizes! Que verde tão saudavel o d'aquelles arvoredos! Como o ceu se abre em cataduPas de poesia sobre aquelle pedaço da antiga terra do paraiso! Do *Passeio das Virtudes* vou, todas as tardes, contemplar a casinha do Candal; e, só depois que m'a esconde o mar com as suas gazes cinzentas da neblina, então me retiro com os olhos marejados de lagrimas! Ó meu amigo, que infancia está renascendo em meu coração! O que eu devo á costureira de suspensorios da rua Armenia! Vês tu como o anjo dos meus devaneios me não mentia? Era ella, a mais formosa mulher que meus olhos ainda viram; a mais illesa alma que vôa sobre este lamaçal do mundo; era Augusta a minha redemptora!»

Resposta do amigo

Com effeito!..... ..... Ora essa!..... .... Com que então, uma costureira de suspensorios!..... *redemptora!*... Custa-me a engulir; mas vá!.. Em minha boa e leal verdade, te digo que um de nós é pyramidalmente tolo!...

Saude, dinheiro, e um todonada de juizo, amigo Guilherme.

Teu A.

XII

DO EDITOR

Guilherme alugou a casa do Candal. Augusta vivia com Guilherme. A poesia da situação não póde segunda vez impressionar as pessoas que a leram em outro livro. A fim de evitar relembranças de lances sabidos, volvo muitas paginas das *Memorias*, paginas escriptas nos dois primeiros mezes do Candal. A sua muita poesia não as salva de virem extemporaneamente. São um continuado cantico de acção de graças. Guilherme é tão feliz, que não escreve nunca o nome de Virginia. Quem lê este manuscripto, e folheia paginas sem uma carta nem vestigios d'aquella martyr, sente saudades d'ella, e odeia o contentamento de Guilherme do Amaral. O caracter de Augusta, aliás sublime, apezar de sua innocencia

e ignorancia dos supplicios de Virginia, como que desmerece em nossa estima. A sympathia foge toda para as lagrimas. Augusta, mais tarde, nos dará tambem pesares de seu infortunio. Ao pé d'aquelle homem nenhuma felicidade é duradoira, nenhum sorriso se abre sem que dos labios d'elle se não filtre ao coração enganado a invisivel peçonha, no favo das doçuras, que o seu mau demonio lhe fabrica.

Virginia demorava ainda na quinta do Douro, quando uma prima lhe noticiou os amores de Guilherme do Amaral e uma costureira. O leitor encontrará, no *Diario,* o curto periodo que a mulher admiravel escreveu, levemente commovida por tal nova. Presumo que não existiu mais alguma carta de Virginia, depois d'aquelle aviso.

No mez de novembro d'aquelle anno de 1845, foi Guilherme do Amaral ao Porto, e avistou no *Passeio das Fontainhas* uma senhora, caminhando vagarosamente, encostada ao braço de outra. Era Virginia Phylomena, e sua prima. Quiz retroceder; ella, porém, acenou-lhe, e Amaral aproximou-se.

—Parece que hesitou, meu irmão?—disse ella com amargo sorriso.

Amaral balbuciou alguns monosyllabos. Embargava-lhe a palavra o espanto! Virginia era um espectaculo de arrancar lagrimas a indifferentes que a tivessem visto um anno antes, brilhante de vida.

—Pois nem se quer poderemos ser amigos até ao fim?!—proseguiu ella com ficticia serenidade.

—Quando deixei eu de ser amigo de vossa excellencia?—respondeu Guilherme.

—Mas queria retroceder... cuida que eu não vi, senhor Guilherme do Amaral?... Chegou-lhe talvez o cheiro repellente de um cadaver!... Ora, diga-me, é feliz? Diga-me que sim para eu levar do mundo esta consoladora impressão... Eu sinceramente desejo, e peço ao Senhor a sua felicidade... É feliz, meu irmão?

—Quem é feliz n'este mundo?—replicou Amaral.

—Sou eu—disse Virginia.

—Vossa excellencia?

—Sim: sou eu que o posso vêr serenamente, como se entre nós estivesse aquella pedra, que cobre minha mãe... Não se esqueça do que eu lhe pedi, não? Vá uma vez vêr o cypreste que eu plantei, e peça ao guarda do cemiterio, que regue a roseirinha, que eu tratava na sepultura de Rachel, sim?

—Que tristes idéas, senhora D. Virginia!...—atalhou Guilherme—Vossa excellencia hade viver...

—Em Deus. Dê-me a sua mão, despeça-se de mim, já que um providencial acaso o trouxe por este caminho...

Guilherme estendeu a mão tremente á de Virginia, que escaldava.

Murmurou ella palavras inintelligiveis, e perdeu subito o incendido rubor.

—Que tens?—exclamou a prima.

—Nada, não tenho nada...—balbuciou, inclinando-lhe ao seio a face.

Desmaiara. Guilherme tomou-a nos braços, em quanto os conductores da cadeirinha se aproximavam para a receberem. Beijou-lhe Amaral a mão insensivel; e, n'este acto, escutou elle estas palavras da prima de Virginia:

—Que tortura, e que morte o senhor deu a este anjo!

A cadeirinha partiu. Amaral sentou-se n'um dos bancos encostados ao muro, apoiou os cotovellos no peitoril, e deteve-se largo tempo com a face entre as mãos, e os olhos fitos nos penhascos que lá em baixo se debruçam na margem esquerda do rio. Em carta, escripta ao amigo de Lisboa, diz elle que, n'esa hora, tivera o presentimento de morrer doido.

Era cedo ainda. A justiça divina, quando castiga, prolonga muito mais o tormento que dispara em demencia. Aquella turvação instantanea de Guilherme não vale mesmo a consideração de dôr: era, apenas, uma prophecia, um rebate de consciencia.

Além, por entre os arvoredos, entreviu Amaral o seu querido ninho de prazeres. Sorriu-lhe de lá Augusta com as delicias da paz, e olvido das torturas, que iam cá no seio de uma pobre mulher, a morrer como tantas. Deu-se pressa em esconder-se entre as arvores, protestando não voltar tão cedo ao Porto.

Dez dias depois, na correspondencia que Ama-

ral recebêra do Porto ia um jornal, de que não era assignante. Na terceira pagina, leu o seguinte:

Necrologio

Que impia mão te ceifou no ardor da sesta?
GARRETT *(Camões)*.

Hontem, ás cinco horas da tarde, voou a Deus a alma da excellentissima senhora D. Virginia Phylomena de Almeida, filha de Paulo Helliodoro de Almeida, antigo desembargador, fallecido na emigração.

Nascêra em 22 de março de 1822; emigrara com seu pai, já orphã de mãe; voltou á patria, quando perdeu seu pai, em 1837, e falleceu com vinte e tres annos de idade incompletos.

Virginia recebeu a sua primeira educação em Lisboa, e concluiu-a em França. As raras pessoas, que saborearam a connivencia da tão illustre como modesta familia das senhoras Almeidas, dão testemunho do varonil talento de D. Virginia, aformoseado pelas graças feminis, e encantadora timidez com que revellava o seu muito saber. Fazia-se amar, admirar, e respeitar a tão dotada senhora dos dotes do ceu, mas tão funestamente sorteada para os maus destinos d'este mundo!

Maus, dizemos, pensando no travor d'este seu

ultimo anno de existencia!... Está ainda quente o cadaver de Virginia Phylomena. Se a dôr não é bastante a cortar-nos a voz, contém-nos a veneração diante de uma sepultura que ainda se não fechou. Quando as lagrimas estiverem exhauridas, então os queixumes das pessoas, que assistiram ao sereno trespasse d'aquelle anjo, pedirão contas ao mundo da vida de Virginia.

Bom seria que a sociedade tivesse um brado de reprovação contra homens, sem alma e sem temor de Deus, que... Silencio! Parece-nos ouvir o espirito da martyr, que nos está de sua bem-aventurança exclamando: «Acaso me queixei eu?»

Os anjos te envolvam em suas chorêas, ó virgem santificada! As flores do ceu vicem perpetuamente em tua fronte! Banhe-te a onda da eterna luz! Ouças tu os hymnos das divinas potestades em louvor teu e de tuas irmãs na dôr! Venha o teu santo coração á terra com palavras de amor aos que t'as mentiram, e de perdão aos que te mataram. Repousa, Virginia, em fim, e em tua campa vão as mulheres infelizes desfolhar flores e reverdecêl-as com suas lagrimas!

Porto, 24 de dezembro de 1845.

* * *

XIII

CARTA DE THEOLINDA, PRIMA DE VIRGINIA, A GUILHERME DO AMARAL

Dois dias antes de sua morte, minha prima queimou todos os seus papeis. Quando ia lançar ao fogo um caderno intitulado DIARIO, susteve-se, e abriu-o. Leu algumas paginas salteadas, e disse entre lagrimas: «Tenho saudade da angustia com que escrevi este papel!» E ficou longo tempo afogada pelos soluços. Depois, cobrando socego, accrescentou: «Não queimo o meu Diario. Peço-te, minha prima, que o faças entregar a Guilherme. Manda-lhe dizer que estas paginas são tristes. É uma prevenção para elle as poder queimar, não querendo lêl-as e entristecer-se.»

Cumpro a vontade da minha chorada amiga. E sou com muita consideração de vossa excellencia... etc. »

Segue o

DIARIO

Julho, 20

Imponho-me o preceito de escrever-te sempre que para ti me impellir o coração. Este refugio extremo ninguem m'o disputará: depende de mim só; é meu, heide gosal-o sosinha, sem derramar sobre alguem uma pequenina parte de sua boa ou má influencia.

O que hoje sinto é a morte do alento, é uma dôr silenciosa e concentrada; heide, porém, calal-a. Quem m'a comprehenderia? Sou como egoista d'este soffrimento, como o seria das alegrias, se podesses dar-m'as, Guilherme.

Ès causa d'esta dôr, e não te maldigo. Aborreço-me por não ser amavel — pois me não amas. «Podias amar-me muito» já m'o disseste, como quem deixa entrever uma felicidade, que encerras em ti, e reservas... para o impossivel. Que ironia!

Soffro do golpe que me hade matar. Marcou-me este destino a Providencia. Ès o instrumento que me fere na mão do Senhor. Adoro-o em suas obras; curvo-me submissa aos seus decretos. Não murmuro, nem blasphemo. Empenhei todas as forças da minha alma no martyrio: nenhuma já me resta para a rebellião.

De um lance de olhos profundo e rapido contemplo o passado, comparo-o ao que sou, e vejo o futuro. Ao longe, o ponto lindo d'onde via a esperança; aqui a realidade atroz; além uma lousa silenciosa... o gelo sepulchral de umas cinzas de coração. Venha! Morta a esperança, indifferença por tudo. Venha!

A esperança!... Senti morrer-me no seio este supremo bem, sem violencia nem agonia. Foi profundo, mas um só o golpe. Anniquilou-me de modo que nem a sensação me deixou. D'aqui em diante, o tempo para mim é o surdo cahir do bago da arêa na ampulheta.

Tenho saudades de ti, Guilherme; mas não desejo vêr-te. Hoje, fugir-te-hia com o ardor com que eu hontem te seguiria por entre precipicios, e atravez de todos os abysmos; e, assim mesmo, agora sinto mais intimas, mais vehementes as saudades.

Sequestrei-me de tudo para ser só tua. Pagaste-me com abandonar-me. Fui punida: devia sêl-o. Eu fôra o bem unico de um homem, e furtei-me áquelle nobre coração. Quiz enriquecer-te com a minha alma que eu presumia um thesouro. E tu, com a ponta do pé, afastaste a corôa, que eu te offerecêra de flores reverdecidas por outras lagrimas. Conheço que ha justiça e misericordia no ceu: justiça para o castigo, e misericordia em desconto do valor e humildade com que o supporto.

9 horas da noite

Morria, se te não escrevesse. Faltas-me. Não tenho ar nem vida. Estou só no mundo. É tudo ermo em redor de mim. Nada de ti me falla. Soffrer por ti é pertencer-te de corpo e alma. Se me não identificas em teu coração, nem por isso repulso a dominação: basta para a escravidão o desejo. Pobres mulheres!

Tenho saudades de todos os logares onde te vi.

Por que não podeste amar-me?

«A minha ventura era possivel comtigo, se me povoasses esta solidão.» Quando isto me escreveste, não sentias necessidade de amar? Por que me não amaste? O coração humano!...

Não soubeste lêr em minha alma. Não comprehendeste o sentimento de profunda adoração, e cega idolatria que eu te rendia em silencio.

Desviou-te do meu caminho a mão do Senhor, por que a sua vista entrou nas profundezas do meu pensamento, e salvou-me. Perdia-me, perdia-me, lançando-me temerariamente na tua voragem, demonio da paixão, disputando-te á desgraça, roubando-te a ti proprio, conquistando-te para mim.

Mulher, que tentasse roubar-te ao meu amor, matal-a-hia. Eu queria um quinhão das torturas do teu inferno.

É impossivel que ahi não sintas a medonha solidão para onde me desterraste. Hasde compartir d'esta condemnação.

Pois não te lembras? não me desejas? nem uma saudade da tua cara irmã!...

Digo-te uma verdade que é fogo no coração, e rubor na face.

Cem annos de vida pela paixão impetuosa que podias dar-me n'uma hora! As tuas paixões são incendiarias, e eu queria morrer n'ellas.

Olha... hontem, a esta hora, ardia-me o coração, e vacillava-me o entendimento... Quando reclinavas a fronte com não sei que triste desleixo, queria comprimir-te a face contra meu seio, e expirar de ternura.

«O forte devo sêl-o eu» Conhecias-me, pois, quando isto me disseste?

21 de julho

Foi hontem o meu ultimo dia de vida. Sinto-me viver da morte da alma. Já me não alanceam as desesperações. Estou entorpecida e fria.

Mataste-me, quando eu pedia vida a Deus para reanimar-te; queria experimentar a omnipotencia da paixão sobre a lethargia de tua alma. Quero encontrar o teu espirito atravez do espaço, que nos separa. Escrever-te é sentir-te.

Por que te escrevo eu? Em que fórma se apresenta a minha imagem ao teu espirito? Sentirás alguma hora saudades das minhas cartas? Amaste-as, ao menos, quando m'as pedias, como *lampejos de luz na tua escuridade!?*

3 horas da tarde

Acabo de elevar meu espirito a Deus pedindo-lhe para a tua alma paz, luz, e amor. Pedi-lhe com o ascetismo da mulher que tem coração. Amo-te! A dolorosa evidencia d'este desgraçado amor chegou. Amo-te, quero-te, e desejo amar-te sempre. Não sei que voz me diz á consciencia que o meu amor hade fazer-te feliz. Se eu não poder erguer-te d'esse sepulcro, Deus o fará por minhas supplicas.

Soffro o infinito da amargura, e não quero ser consolada. Se existir um homem, que tente fazer-me esquecer-te, heide odial-o com quanta energia te amo.

Tenho medo de enlouquecer, e desejo-o; por que enlouquecer é perder a consciencia do meu amor, e terei ao menos a tua piedade.

Em que heide gastar os meus dias?...

Tenho chorado tanto hoje!...

São crueis as tuas cartas! «Podes amar, e muito; mas não me amas.» Para que me disseste isto?...

Que saudade de tanto que perdi... Que lagrimas do coração me escaldam as faces!

6 horas

Não sei como é esta dôr de peito que me opprime, e não me deixa respirar, nem ser forte! Cuspi pouquissimo sangue, e vejo no rosto do medico uma terrivel suspeita. Abençoada seja a morte. Lá vem a aurora do meu ultimo dia a despontar.

Não calculas que supplicio é este! Se me não amas, não me lamentes.

O que querias que eu fosse para ti, quando, nos primeiros dias, me buscavas? O que esperavas tu que eu fosse? Que milagre havia de fazer esta *mulher*? Querias que eu fosse tua? tua, com deshonra, e sem condições? Serias tu assim feliz? Por que m'o não disseste?

23 de julho

«A sensibilidade, como a materia bruta, gasta-se». Disseste-o, e eu sinto-o. Heide cessar de soffrer; e, ao mesmo, haverá uma decomposição, e o morrer sem agonias.

A minha alma elabora sosinha a sua peçonha. Soffro, por que me mandaste soffrer. Desamparaste-me, e eu amo este desamparo. A condemnação,

vinda de ti, é-me ainda um bem. Virá uma hora em que me lamentes. Sentir-me-hei então reanimar ao calor da tua piedade, Guilherme.

Não és mau: estás cançado. Sahirás d'esse marasmo; e, quando me buscares, serei tua, sejam quaes forem o tempo e as circumstancias.

De joelhos, a teus pés, apagando-te com meus beijos a sêde de amor, heide fazer-te esquecer tudo, tudo, o mundo, os homens, o inferno, os reprobos, o ceu, e o proprio Deus, queres? queres a minha vida para fazer-te esquecer quanto a tua ha sido amarga e angustiosa?

Queres que tudo te sacrifique, e esqueça, e despreze? Então vem buscar-me; rouba-me a mim mesma; disputa-me ao nome honesto que tenho; arranca-me ao jugo das conveniencias, e depois um riso de insulto ao mundo, e outro de piedade para nós.

Tua irmã, tua filha, tua amiga, tua esposa, tua escrava, se o quizeres.

9 horas da noite

Estava demente, ha instantes, quando te escrevia. Tinha febre, a febre ardente da paixão. Agora, sinto-me no remanso do amor tranquillo.

Vejo-te no theatro, e adivinho que me procuras. É impossivel que assim não aconteça. Esquecerias o ultimo dia em que ali me viste? Como eu era en-

ultimo anno de existencia!... Está ainda quente o cadaver de Virginia Phylomena. Se a dôr não é bastante a cortar-nos a voz, contém-nos a veneração diante de uma sepultura que ainda se não fechou. Quando as lagrimas estiverem exhauridas, então os queixumes das pessoas, que assistiram ao sereno trespasse d'aquelle anjo, pedirão contas ao mundo da vida de Virginia.

Bom seria que a sociedade tivesse um brado de reprovação contra homens, sem alma e sem temor de Deus, que... Silencio! Parece-nos ouvir o espirito da martyr, que nos está de sua bem-aventurança exclamando: «Acaso me queixei eu?»

Os anjos te envolvam em suas chorêas, ó virgem santificada! As flores do ceu vicem perpetuamente em tua fronte! Banhe-te a onda da eterna luz! Ouças tu os hymnos das divinas potestades em louvor teu e de tuas irmãs na dôr! Venha o teu santo coração á terra com palavras de amor aos que t'as mentiram, e de perdão aos que te mataram. Repousa, Virginia, em fim, e em tua campa vão as mulheres infelizes desfolhar flores e reverdecêl-as com suas lagrimas!

Porto, 24 de dezembro de 1845.

* * *

XIII

CARTA DE THEOLINDA, PRIMA DE VIRGINIA, A GUILHERME DO AMARAL

Dois dias antes de sua morte, minha prima queimou todos os seus papeis. Quando ia lançar ao fogo um caderno intitulado DIARIO, susteve-se, e abriu-o. Leu algumas paginas salteadas, e disse entre lagrimas: «Tenho saudade da angustia com que escrevi este papel!» E ficou longo tempo afogada pelos soluços. Depois, cobrando socego, accrescentou: «Não queimo o meu Diario. Peço-te, minha prima, que o faças entregar a Guilherme. Manda-lhe dizer que estas paginas são tristes. É uma prevenção para elle as poder queimar, não querendo lêl-as e entristecer-se.»

Cumpro a vontade da minha chorada amiga. E sou com muita consideração de vossa excellencia... etc. »

Segue o

DIARIO

Julho, 20

Imponho-me o preceito de escrever-te sempre que para ti me impellir o coração. Este refugio extremo ninguem m'o disputará: depende de mim só; é meu, heide gosal-o sosinha, sem derramar sobre alguem uma pequenina parte de sua boa ou má influencia.

O que hoje sinto é a morte do alento, é uma dôr silenciosa e concentrada; heide, porém, calal-a. Quem m'a comprehenderia? Sou como egoista d'este soffrimento, como o seria das alegrias, se podesses dar-m'as, Guilherme.

Ès causa d'esta dôr, e não te maldigo. Aborreço-me por não ser amavel — pois me não amas. «Podias amar-me muito» já m'o disseste, como quem deixa entrever uma felicidade, que encerras em ti, e reservas... para o impossivel. Que ironia!

Soffro do golpe que me hade matar. Marcou-me este destino a Providencia. Ès o instrumento que me fere na mão do Senhor. Adoro-o em suas obras; curvo-me submissa aos seus decretos. Não murmuro, nem blasphemo. Empenhei todas as forças da minha alma no martyrio: nenhuma já me resta para a rebellião.

De um lance de olhos profundo e rapido contemplo o passado, comparo-o ao que sou, e vejo o futuro. Ao longe, o ponto lindo d'onde via a esperança; aqui a realidade atroz; alêm uma lousa silenciosa... o gelo sepulchral de umas cinzas de coração. Venha! Morta a esperança, indifferença por tudo. Venha!

A esperança!... Senti morrer-me no seio este supremo bem, sem violencia nem agonia. Foi profundo, mas um só o golpe. Anniquilou-me de modo que nem a sensação me deixou. D'aqui em diante, o tempo para mim é o surdo cahir do bago da arêa na ampulheta.

Tenho saudades de ti, Guilherme; mas não desejo vêr-te. Hoje, fugir-te-hia com o ardor com que eu hontem te seguiria por entre precipicios, e atravez de todos os abysmos; e, assim mesmo, agora sinto mais intimas, mais vehementes as saudades.

Sequestrei-me de tudo para ser só tua. Pagaste-me com abandonar-me. Fui punida: devia sêl-o. Eu fôra o bem unico de um homem, e furtei-me áquelle nobre coração. Quiz enriquecer-te com a minha alma que eu presumia um thesouro. E tu, com a ponta do pé, afastaste a corôa, que eu te offerecêra de flores reverdecidas por outras lagrimas. Conheço que ha justiça e misericordia no ceu: justiça para o castigo, e misericordia em desconto do valor e humildade com que o supporto.

9 horas da noite

Morria, se te não escrevesse. Faltas-me. Não tenho ar nem vida. Estou só no mundo. É tudo ermo em redor de mim. Nada de ti me falla. Soffrer por ti é pertencer-te de corpo e alma. Se me não identificas em teu coração, nem por isso repulso a dominação: basta para a escravidão o desejo. Pobres mulheres!

Tenho saudades de todos os logares onde te vi.

Por que não podeste amar-me?

«A minha ventura era possivel comtigo, se me povoasses esta solidão.» Quando isto me escreveste, não sentias necessidade de amar? Por que me não amaste? O coração humano!...

Não soubeste lêr em minha alma. Não comprehendeste o sentimento de profunda adoração, e cega idolatria que eu te rendia em silencio.

Desviou-te do meu caminho a mão do Senhor, por que a sua vista entrou nas profundezas do meu pensamento, e salvou-me. Perdia-me, perdia-me, lançando-me temerariamente na tua voragem, demonio da paixão, disputando-te á desgraça, roubando-te a ti proprio, conquistando-te para mim.

Mulher, que tentasse roubar-te ao meu amor, matal-a-hia. Eu queria um quinhão das torturas do teu inferno.

É impossivel que ahi não sintas a medonha solidão para onde me desterraste. Hasde compartir d'esta condemnação.

Pois não te lembras? não me desejas? nem uma saudade da tua cara irmã!...

Digo-te uma verdade que é fogo no coração, e rubor na face.

Cem annos de vida pela paixão impetuosa que podias dar-me n'uma hora! As tuas paixões são incendiarias, e eu queria morrer n'ellas.

Olha... hontem, a esta hora, ardia-me o coração, e vacillava-me o entendimento... Quando reclinavas a fronte com não sei que triste desleixo, queria comprimir-te a face contra meu seio, e expirar de ternura.

«O forte devo sêl-o eu» Conhecias-me, pois, quando isto me disseste?

21 de julho

Foi hontem o meu ultimo dia de vida. Sinto-me viver da morte da alma. Já me não alanceam as desesperações. Estou entorpecida e fria.

Mataste-me, quando eu pedia vida a Deus para reanimar-te; queria experimentar a omnipotencia da paixão sobre a lethargia de tua alma. Quero encontrar o teu espirito atravez do espaço, que nos separa. Escrever-te é sentir-te.

Por que te escrevo eu? Em que fórma se apresenta a minha imagem ao teu espirito? Sentirás alguma hora saudades das minhas cartas? Amaste-as, ao menos, quando m'as pedias, como *lampejos de luz na tua escuridade!?*

3 horas da tarde

Acabo de elevar meu espirito a Deus pedindo-lhe para a tua alma paz, luz, e amor. Pedi-lhe com o ascetismo da mulher que tem coração. Amo-te! A dolorosa evidencia d'este desgraçado amor chegou. Amo-te, quero-te, e desejo amar-te sempre. Não sei que voz me diz á consciencia que o meu amor hade fazer-te feliz. Se eu não poder erguer-te d'esse sepulcro, Deus o fará por minhas supplicas.

Soffro o infinito da amargura, e não quero ser consolada. Se existir um homem, que tente fazer-me esquecer-te, heide odial-o com quanta energia te amo.

Tenho medo de enlouquecer, e desejo-o; por que enlouquecer é perder a consciencia do meu amor, e terei ao menos a tua piedade.

Em que heide gastar os meus dias?...

Tenho chorado tanto hoje!...

São crueis as tuas cartas! «Podes amar, e muito; mas não me amas.» Para que me disseste isto?...

Quarta feira, 26—11 horas da manhã

Agora mesmo te vi.

Remunerou-me Deus pelo muito que padeci.

Não me viste, ou evitaste-me.

Seja o que fôr: cito-te para o tribunal da tua propria consciencia.

Devia-me Deus este allivio ao que hontem padeci; com tudo, ao vêr-te, estremeci, com uma dôr lancinante no peito. Segui-te com olhos e alma. Desappareceste, e eu tornei-me a esta prostração, percursora da lethargia do tumulo. Foi um relampago, que deixou mais cerrada a minha escuridade.

Vêr-me-ias? Os teus movimentos eram vivos e rapidos: o mover-se de quem se sente agitado por sentimentos alegres. Pareceste-me pallido. Se tu padecesses!... Folgava eu, que tão amiga sou tua! Desgraçado, pertences-me ainda mais; feliz, serás de quem te der a felicidade.

Hora e meia da tarde

Tremo ainda, meu Deus! Mal posso suster a penna. Vi-te. Escutei o som de tua voz. Não te entendi as duas palavras. Que me disseste, Guilherme? Tenho a cabeça perdida, e o coração sobresaltado.

Quinta feira, 27—9 horas da manhã

A vida é um complexo de dôres. Apenas o enlevo me ala para o ceu, logo o desencanto me deixa cahir desamparada em plena vida material. É o coração da mulher um enigma indecifravel como os mysterios divinos. Eu não me comprehendo, Guilherme, não.

Depois que te vi hontem, julgo-me menos separada de ti, e préso menos esta união, cuja quebra me parecia um rompimento de vida. Parece-me que a certeza de ser amada mataria o meu amor! Que absurdo espirito o meu!.....

Meio dia

F*** está moribundo. Sou sensivel ás agonias d'este homem que me adorou. Não é remorso, mas pesar que sinto de não poder amal-o. Se eu podesse ser feliz comtigo, a imagem d'aquelle homem seria o espectro das minhas soberbas alegrias. No meu horisonte está uma nuvem negra: é a mortalha d'elle.

Vou hoje vêr-te ao theatro, e F*** está a expirar!... O meu coração é um abysmo. Serei eu uma grande miseravel?

3 horas da tarde

Não vou ao theatro.

De proposito venho escrever-te para exclusivamente ser tua em pensamento. Não me perdôo as infidelidades de coração, que hoje tenho tido. Chego a duvidar de mim, e a desprezar-me profundamente. É preciso que eu te ame sempre. A minha justificação não póde ser outra.

Amor infinito, ou inteira indifferença é o que eu devia sentir por ti. Amar-te sempre, ou não ter-te amado nunca. Ou fazer-te a justiça, que ninguem te faz, ou admittir inalteravel a opinião geral. Para mim hasde ser o primeiro ou o infimo dos homens. Não devo, não posso, nem quero dar-te os defeitos nem as excellencias da generalidade dos homens. Se um dia te expulsar do santuario da minha alma, não sei o gráo de abjecção em que te heide vêr!

Interroguei-me: a consciencia respondeu-me, como se Deus a interrogasse. N'esta hora, Guilherme, amo-te.

Tenho hoje ideado projectos irrealisaveis, mas doidos de ventura. Imaginei o ceu, immenso e completo, n'este mundo. A fé, sem o amor, a fé sublime dos santos, não poderia tanto, não!

Tu amavas-me, e eu era a tua redemptora.

Sonhei-te meu, e era tua esposa.

Fugimos ás miserias d'esta terra, e fomos, muito longe, completar nossa existencia.

No Brazil, região do oiro e dos escravos, encontramos a felicidade.

Lá, ensinavas tu aos homens que a desgraça não avilta, que o erro não é crime, e que o desviar-se uma alma não é infernar-se nos abysmos de lama d'este mundo. Dobrava-te os joelhos o respeito e a consideração social.

Ahi, fui eu grande á sombra da tua grandeza; ennobreceram-me os teus triumphos; elevei-me comtigo, saboreando-me de tua gloria, e ampliando-a com o meu amor. Olha, Guilherme: as minhas ambições ousaram tanto, arderam tanto os meus nobres desejos, que me vi a teu lado, e fiz-me grande em talento por effeito de minha propria superioridade. Já não eram unicamente os reflexos da tua gloria, os raios de tua luz, era eu, constituida grande em espirito, por milagre do coração, depondo a teus pés a minha corôa, entrefolhada de palmas, que te juncavam o caminho dos triumphos.

Meu Deus! eu penso que era isto um arder em febre! Sentia-me tão á borda do ceu em aspirações de gloria!... amava e comprehendia tão profundamente o sublime e o ideal! Não invejei o destino de Stael, de Genlis, de Sand. Qual d'ellas sondaria como eu os recessos da alma, as bellezas da arte, os thesouros da natureza, os mysterios da divindade! Parece que um espirito divino me cingia de uma

luzentissima aureola, a cujos raios as coisas ethereas se corporisavam como devem vêl-as os anjos.

Viajamos as nações cultas e os paizes barbaros; estudamos os vicios denominados civilisação, e as fraquezas denominadas força; entre os selvagens, observamos os pontos de contacto que os aproximam dos cultos; n'uns enojou-nos a pustula coberta, n'outros a pustula nua. O que em parte nenhuma vimos foi costumes simplices, virtudes gemeas da natureza, justiça nas leis, pureza nos gostos, a creação sem mancha.

Voltamos á patria, em busca dos raros corações que deixamos cá. E depois... Pobre sonhadora! Tudo sonho, tudo mentira. Aqui estou diante de mim propria. Ali está um espelho onde me contemplo. A mim mesma, aquella face pallida me está dizendo: «Não sonhes: diante de ti está a tremenda realidade de morte!»

Que é a vida, e para que vivo? Supplicio incomprehensivel este meu! Ninguem me vê penar...

Não posso dar leis á minha imaginação, nem abafar a alma! Para que heide eu ir cegar-me nos milhares de estrellas em que se espraiam os horisontes da minha esperança? Que estupido enlevo este!

Meu Deus! tirai-me o sentimento, se me não condemnastes ao infinito inferno do amor!

Vêde que a minha fé vos concebe justo e bom. Se eu sinto a necessidade da ventura perfeita, é por que a divina liberalidade m'a destina; se em ti, Gui-

lherme, eu vejo o termo de minha esperança, é por que vieste a realisar-m'a. Na mente do Senhor está que tu sejas meu.

Espero! D'estas trevas hade sahir a minha aurora de redempção!

8 horas e meia da tarde

Estás no theatro. Sinto aversão a quem lá póde ir. Ciumes!... Pois nem d'este supplicio me quer Deus poupar!?

Sexta feira, 10 horas da manhã

Depois da blasphemia, sinto o desejo da morte. A minha vida ou morte que te importa? Que sou para ti, Guilherme? Nada. Tens-m'o dito até á evidencia; e o meu coração não te crê. Sou ridicula!

Que é do meu orgulho, e da minha dignidade?

Desejo-te, como o cego a luz, que lhe hade mostrar o asco de todas as miserias. Tenho nojo de mim mesma, assim humilhada!

Diz-me com franqueza, se isto acabou. Tenho valor para o ultimo golpe. Não estudes as palavras, nem lhes calcules os effeitos. Juro-te que não te pedirei contas.

Disseste-me: «A minha alma está em desharmo-

nia com a tua. Posso amar-te muito; mas não te amo. És unicamente espirito, e eu unicamente materia. Fiquemos, pois, aqui.»

Fiquei. Callei-me; nem, se quer, te respondi com lastimas. Fiz de minha dôr silenciosa o meu inoffensivo orgulho.

Pois bem: que vieste aqui dizer-me debaixo de minhas janellas? Um brinquedo de homem desenfadado.

Guilherme, olha que brincas com a minha vida. Os teus louros de conquistador não hãode ficar mais vistosos com os espinhos do remorso. Viste-me pallida. Cuidaste que eu estava remedando as olheiras da actriz, ou da viuva, que exulta secretamente da redempção de um jugo, e se enfeita com as galas do luto, emprestando aos labios um sorriso de forçada resignação, para se attrahir consolações, e ter jus a ser lamentada.

Foste mau. Vil prazer é descobrir o rosto de um cadaver para lhe cuspir no rosto!... Quem me dera poder amaldiçoar-te!

Antes a morte que a demencia, meu Deus!

Sabbado, 29

Antevejo vagamente que vai expirar o teu fatal dominio em minha vida.

Sinto o despeito, o orgulho ferido: este é o caminho do esquecimento.

Por que me não amas, Guilherme? Sabes tu, insensato, o que rejeitas? que thesouro de amor e delicias lanças de ti? O meu coração é manancial inexgotavel: seria tudo teu.

Não quizeste! Amo-te ainda; mas... no momento em que alguem me disser que a minha paixão é irrisoria, desprezo-te.

1 hora da tarde

Opera-se no meu coração e raciocinio uma mudança estranha e espantosa. Não a combato. Soffro por ti o infinito das dôres: desprezo consolações; as tuas mesmas rejeito. Quero que o soffrimento me anniquile.

Não sei dizer-te que doçuras tem hoje para mim a palavra *destruição*. Concebe em tua idéa um magnifico edificio: contempla-o em sua magestosa perfeição. Que te inspira? Admiração e respeito. Se o creador insuflasse, n'essas fórmas de granito, consciencia, razão, e sentimento, que sentiria elle ao reconhecer-se assim admiravel? Felicidade e soberba, não é assim? Agora, imagina que as chammas o devoram, queimando-lhe, e aluindo-lhe, uma a uma, as suas bellezas. Se essa grandiosa materia tivesse vida e vontade, não a empregaria a repellir o afan com que os homens quizessem apagar as lavaredas? É que o edificio, ameaçado de ruina, comprehende-

ria que a primitiva magestade jámais lhe seria restituida, e que, mutilado e desconjuntado, ficava sendo magnificas ruinas; mas *ruinas*, embora reminiscencias de um passado explendor. O que *foi*, embora recorda passada grandeza, não consola do que já não *é*. Assim, a desgraça, devastando-me corpo e alma, não hade deixar vestigios de ruinas, nem os reparos, que recordam a anterior existencia das graças irreparaveis.

A minha alma hade cahir em todo o orgulho, e força, e exuberancia de seu sentimento. Sentir tudo o que sentiu, ser bella como foi, ou extinguir-se.

Cançasso é meia destruição, que a morte completa. Eu quiz viver pelo sentimento; o sentimento me vai matando.

Não quero consolações tuas nem estranhas. Quero morrer: heide morrer. Tenho um destino a cumprir; heide dizer: cumpri-o.

Hora e meia

Recordando os outros affectos do meu coração, considero-os exaltações, surprezas, habitos, devaneios, poesias, velleidades, tudo, menos amor.

Li o que, ha um anno, escrevi, com referencia a F***. Febre, ou imaginação! Desconheço-me n'estas paginas. Soffria; mas de amor proprio. Ousou dizer-me que podia esquecer-me. Fil-o ajoelhar diante da minha soberba.

Estás vingado, F***. Supporto a vingança, com a consciencia de a ter merecido; porém, morro. Mandou-te Deus, Guilherme. Quem me vingará a mim depois? Que mulher te sovará aos pés? Não ha inferno; por que Deus encarregou as suas creaturas de se despedaçarem umas ás outras.

1 de agosto—terça feira, 10 horas da manhã

Tenho tantas saudades dos dias que não volvem! Quando eu te dava o retrato da minha alma, e tu me mandavas um raio da tua luz a este escuro antro onde me revolvo em agonias indescriptiveis!...

Que feliz eu era! Que commoções, que amor, que esperanças!

Que fim teve tudo isto? Agora, gelo de morte no peito, e as tempestades da razão que sossobra! Enlouquecerei, meu Deus? Não posso viver muito tempo.

Que apêgo tão enraizado eu tinha á minha esperança, que assim me despedaça ao perder-se!

Estou só. Nem um vestigio teu, Guilherme, nem a tua sombra, n'este curto caminho. Leva-me, e esmaga-me a roda do tempo. Apavora-me o muito que tenho ainda que soffrer!

Tiraste-me os encantos todos da vida, e depois abandonaste-me. Não terás a intuição dolorosa d'esta viuvez? Não te sentes mais sosinho? Nem um ins-

tanto de saudade? Não te chega ahi um ecco d'estes gemidos?

Como eu podia amar-te e embriagar-te de felicidade! Parece-me que o ardor da minha paixão te faria romper para além os limites do prazer!

Quero vêr-te, Guilherme! Ao menos, um rapido volver dos teus olhos. Guilherme, por que não vens vêr-me? Eu queria subjugar-te, vencer-te, possuir-te, encadear-te, roubar-te a tudo, a tudo, a ti mesmo, ao sentimento das tuas dôres, ás exaltações do teu genio, á cobiça requintada do teu coração, e em troca dar-te delirios, delirios de amor, abrasados, inextinguiveis...

Estou doida! Se hoje te não vejo, morro.

9 horas e meia da noite

A união incorporea dos espiritos é uma chimera. Não ha tal união. Eu julguei-me distincta em crer abstracções, que a gente rude escarnece.

Duvido já de mim. Será verdade amar-te eu?

Ha pouco, senlei-me á janella do meu quarto.

Estava o ceu toldado de nuvens negras. Chameite em ancias desesperadas; em afflicção de mulher desamparada, como Rachel, no deserto, chamaria Deus. Empreguei todas as potencias magneticas de meu espirito em attrahir-te. No fim de uma hora de intensos esforços, vãos como a minha vontade, sen-

ti-me mais desligada de ti. Enfureci-me; tive impetos de matar-me. O espirito não poude superar a materia; a alma era corpo; coração e amor cahiram de extenuados ante a distancia material que nos separa. E por tanto, é loucura, e estupidez esta coisa que as almas de eleição denominam poesia. Na verdade, o que existe é a força, a materia, o sangue, o corpo. Nada te fallará de mim, se me não sentires. Sensação, materia, e mais nada! Esta torrente de lagrimas vapora-se do papel, sem que tu as presintas; este sangue do coração não te mancha as flores de alegria que aspiras; este fogo, que me abrasa, vem rebatido da inercia do teu gelo.

O que é, pois, a alma? Um delirio dos santos, uma brincadeira dos philosophos, e um pretexto para poetas.

Perguntei a Deus a razão do meu sentimento; e pedi-lhe verdade e luz.

Nada respondeu á minha ancia. Deus invisivel, impassivel, e inaudivel! A materia muda, pesada, e inerte como o escarneo nos labios de uma estatua.

A verdade!... O que é a verdade?

Tenho piedade da minha fraqueza. Sou tola. Zombo de mim propria; desprezo-me, abomino-me, sou uma pouca de lama amassada em lagrimas.

O rei da creação! O homem, rei da creação! Que escarneo, cuspido á face do Creador, que fez a formiga, a innocente creaturinha! Os irracionaes amam-se. O instincto nunca lhes mente, e a nós a

razão escarnece-nos, e o espiritualismo despenha-nos. A materia não os engana na escolha do ser que lhes é necessario: atam-se, vivem, e sentem o prazer da vida. Nós, quando o instincto nos avisinha, erguem-se entremeio os deveres, as conveniencias, as necessidades, e coisas mais atrozes ainda. O rei da creação!

Nem já o mundo da imaginação me recebe. Fechou-se-me o seio da eternidade onde eu aspirava repousar comtigo. Vencer as fadigas da vida real com os encantos do espirito, era-me tudo. Nem já isso!

Não posso chorar. Guilherme, ama-me e salva-me.

Quinta feira, 2 de agosto

Desfaz-se a nuvem que me escurecia o entendimento.

Creio que não te comprehendi, e tomei por desaffeição tua o que era desigualdade do teu espirito. Eu devia responder á tua carta, não te obedecer, amar-te mais. Callei-me, obedeci-te, e atormentei-me. Não sei nada d'estes caprichos do coração. Ês o primeiro homem que amo, Guilherme. Perdôa á minha ignorancia.

Que devia eu inferir da tua carta?

Que precisavas amar-me com mais amor?

Que só assim podias ser contente de mim? E

por que te não disse eu: «amo-te com paixão, e delirio!» Era isto que querias ouvir?

Este raio de luz cega-me, e queima-me!

Sentirias tu ancia de amar-me, sem aquelle affecto de irmão, que o meu coração, de boa fé, te offerecia mentindo-se a si proprio?

Diz-m'o, Guilherme! Adivinha que t'o estou perguntando. Diz-m'o, amigo de minha alma, que eu sou tua!

Estou alegre! Acorda a minha razão para um novo dia de esperança. O meu futuro alumia-se outra vez. A Providencia refulge-me como nos annos de immensa fé.

Ó Guilherme, o soffrimento acaba onde principia o amor.

Abençoado seja o Senhor, que nos vai dar um ao outro, goso inefavel superior ao dos anjos, e só inferior ao de Deus, que se está gosando no bem que nos dá.

Guilherme, abre o coração á esperança, deixa-te vencer por mim! vem, que o meu seio espera-te com infinitas palpitações de vertiginosa ternura!

Creio, juro que me amas. Nada-me a alma em mar de jubilos. Como é bom ser feliz! como a felicidade desfigura tudo! que formosuras eu vejo pela primeira vez em tudo que ha pouco me infundia horror! O mundo é um éden, os homens são bons, Deus é misericordioso, tu és o rei da creação, eu sou tua igual, alma de tua alma, sangue do teu sangue.

Abençoado sejas, anjo que me podes levar ao ceu; abençoada sejas, luz que me alumias, ventura que me inundas de jubilo; abençoada sejas, vida, alma, amor, crença, esperança, e Deus!

Sexta feira, meio dia

Violenta situação a minha! Nem vida nem morte! Quebrantam-me as contradictorias commoções. Agora a cega confiança; sinto-me viver em ti; o mesmo sangue em ambos os corações; entre os nossos labios apenas cabe uma lagrima de alegria; logo, um inteiro desfallecimento, um vacuo, uma insulação medonha. Que desgraça!

Que frio d'alma, que inexpremivel aridez a tua! Não sou nada para ti! Nem materia!

Aborreço-me. Sou infame!

3 horas

Puz a minha esperança na morte. Já não posso. Podia escrever-te: não quero. Não vou mendigar de ti consolações. Esmolas taes de ti, nunca! primeiro as pediria ao infimo dos homens. É o restante da minha vaidade. Se ella cahe, virás dizer-me que te importuno. Não acho palavras. Não sei dizer como soffro e como amo.

4 horas da tarde

Domina-me o desejo de escrever-te. Esforço-me em combatêl-o, com todas as forças da alma, do calculo, e do raciocinio. Se consigo removêl-o do espirito, instantaneamente, como absurdidade impraticavel, reage e rebaixa-me até á humilhação de te escrever. Que irresistivel iman é este, que me chama do fundo de um abysmo? Fallas-me tu no silencio de teu coração, Guilherme?

Tenho horas de embriaguez. Foge-me, a espaços, a consciencia da vida. Não sei se estes são os instantes, em que vivo em ti, ou morre em mim o sentimento.

Tenho saudades, Guilherme, saudades de ti. Apparece-me ao menos. Isso me basta. Vem, meu amor!

Sinto ardores e frio. Foge-me a fé em Deus.

Sabbado, 10 horas da manhã

Abra-se-me a sepultura.

Ainda não creio que sejas um infame; mas já duvido que sejas um anjo.

Se poder continuar a escrever, saberás um dia o que me disseram de ti. Adeus...

No mesmo dia

Nunca teus olhos verão estas paginas; e, todavia, fallo-te como se ellas fossem a lenta analyse da minha alma, e a tua consciencia o juiz. Hontem esperava que, algum dia, estes papeis iriam desenfadar-te os tedios que não respeitam propriamente os felizes d'este mundo. Agora, não. Tudo acabou entre nós.

Diante de Cecilia e Margarida Carvalhosa foi proferido o meu nome, intencionalmente.

Todos os olhares confluiram sobre os teus labios, que sorriam, satanicamente, o sorriso da fatuidade, que seria barbara, senão fosse estupida. Sei que alguns homens viram as minhas cartas. N'um folhetim de Ernesto Pinheiro transluzem allusões a uma desgraçada, que devo ser eu... *a pallida, que encosta a face a um tumulo, por que se gelou em frios mortaes n'um seio de homem sem coração.* Os teus amigos conhecem-te assim, Guilherme?

Por que mostraste as minhas cartas a umas mulheres sem alma?

Foste muito inferior ao logar que te dei. Precipitou-te um sentimento de miseravel vaidade. Vaidade de quê? De seres amado de uma mulher que desprezas?

Pois, assim se assoalha ao riso de *senhoras* uma declaração ingenua de amor, que se te consagrara

mysteriosamente? Não te reteve a mão, que abria as minhas cartas, o pejo de ti mesmo? Não te sentes obrigado a confessar que, se algum de nós, é ridiculo, de certo não sou eu?

Segunda feira, 7 — 9 horas da noite

Passeavas hontem no jardim de S. Lazaro. Passei ao teu lado. Deixei-te impassivel. És um sepulcro, Guilherme!... um sepulcro, como o da Biblia, *branco e caiado por fóra*... Por dentro... *podridão e vermes*. Fugi para mais não vêr-te; e, momentos depois, o meu mau anjo impellia-me para ti. Ouvi-te rir, e o teu halito rossou-me a fronte. Tornei a passar junto de ti: era já uma experiencia, que me custava dôr, a suprema dôr da vergonha. Não posso traduzir o que li em teus olhos. Era um olhar profundo e severo. Depois, procurando-te de novo, não te encontrei. Fugiste-me, Guilherme?

O meu pensamento fixo é escrever-te.

Heide escrever-te hoje. Á sorte!

O coração e o pundonor luctam! Deixal-os morrer ambos. De que me servem?

Terça feira, 1 hora da tarde

Sou menos infeliz, depois que mandei ao correio

a carta, que deves receber ámanhã. [1] Quero affazer-me á idéa de não receber resposta. E devo mesmo rejeitar a continuação da correspondencia, quando m'a offereças. Conheço o perigo. Entrego-me a Deus, cujo auxilio imploro.

Sê tu o forte, Guilherme!

Que me dirás? que pensarás de mim?

[1] É esta a carta de Virginia. Achei-a entre as duas paginas do *Diario*, que vou trasladando:

«*Fiquemos, pois, aqui, minha cara irmã*». São as tuas ultimas palavras. Recebi-as como ordem. Cumpria-me não ir ávante: estava encravada a roda: era mister parar, e parei, sem mesmo, por sentimento de instinctiva conservação, furtar o coração ao golpe.

Nem, se quer, te perguntei se a desharmonia de nossas almas começara então, se antes.

Quando principiei a escrever-te, de antemão sabia que amontoava em meu coração dôres sobre dôres. Acceitaste a minha correspondencia como um episodio insignificante da tua Odissea de galã, ao passo que em meu coração se operava o facto mais transcendente de minha vida.

Querias estudar-me de animo frio, e examinar a influencia da tua vontade n'um seio aberto aos teus caprichos.

Desde que a tua existencia me foi revelada, concebi-me inutil para ti. Assim mesmo, submetti-me docilmente aos teus estudos. Nunca te disse a sublime ou louca abnegação com que te sacrificava o meu repouso e tranquillidade. Agora t'o digo para que saibas de mim o que ainda te falta.

Fatigaram-te as minhas cartas, e repeliste-as com estranho desamor. Não levei a teus ouvidos nem um ai. Abafei a dôr: sobra-me valor para soffrer sosinha, e completar o sacrificio.

Nunca te pedi amor. Menos essa baixeza!

Quando fizeste a autopsia da minha alma, e me disseste que estavas morto, humilhaste-me.

Eu não te pedira nada.

Vinhas confirmar o que eu sabia do mundo, teu juiz, e juiz integro, como raro é, no julgamento dos infelizes.

Quarta feira, 9 horas e meia da manhã

Aqui deixo um protesto de lagrimas contra a tua sentença. «Foi-te facil a resignação!» Facil, meu Deus! Custou-me o sangue mais vivo do coração, as mais excruciadoras angustias! Facil! que queda

Eu, em teu bem, fiz o que podia: soffri silenciosa. Supremo esforço! Depois, veio a reacção do orgulho: vi-me digna de ti, e superior ao geral das mulheres, sobre tudo ás... Não valem o enfado de nomeal-as.

Era mister escrever-te assim para que não tomes esta carta como invocação ao passado, e a reminiscencias que não tem ecco em tua alma.

Faz de mim a conta que quizeres, Guilherme.

Chama-me singular, esquisita, e *romantica*.

Este epitheto é o que me dão as tuas amigas, que de certo não são romanticas, por que lhes chega mal o tempo para serem estupidas.

Acho-te razão.

Agora, escuta, e crê.

Divinisei-te em meu coração: não consinto na destruição do meu idolo. Querem derrubar-te do pedestal em que te ergui: impugnam-me a elevação do teu caracter, e nobreza de tua alma. Deixo-os, e abomino-os. O meu conselheiro é o coração.

Sei que são vistas as minhas cartas. Se as minhas cartas, significativas de um grande amor — amor que não póde sujeitar-se ás conveniencias sociaes — revelam superioridade de caracter na mulher divorciada dos costumes estabelecidos como lei, e por isso te lisongeam, ao ponto de as divulgares, eu não sei se não ennobrecer-me de te haver acariciado a vaidade.

No entanto, isto findou. Quebraste um fio, que os meus dedos não ousam reatar.

Guardo a tua lembrança no coração.

Dar-te uma idéa, bem que imperfeita, do apreço, que faço do titulo de tua irmã, que por nenhum outro quero trocar, será tornar-me indigna d'elle?»

a minha se a mão da divina Providencia me não amparasse!...

Quereria elle que eu me ajoelhasse a seus pés, supplicando-lhe commiseração? Responder-me-hia com um tregeito de tedio.

Mataste-me, Guilherme!

Agora, estou insensivel como tu, desapiedada, material, despoetisada, cruel, e sarcastica, e quem sabe se perdida como tu! Obra de maldição foi esta! Exulta! Faltava-te esta victima! Ainda tinhas no coração fibra intacta para um novo espinho!

D'onde te veio a missão de me condemnares a tamanha desgraça?

Que gelo o da tua resposta! *A minha carta não te lisongeou!* Como se lisongeia o teu desmedido orgulho, homem indomavel? Como se funde esse bronze do teu coração? A minha carta era um gemido mal refreado de paixão louca, e *não te lisongeou!*

Sexta feira, 9 horas da manhã

Os sentimentos da piedade morreram em mim. Já não soffro com os que soffrem. A tua desgraça já me não commove. Soffro a minha dôr.

Faz-me saudades o que perdi, o coração que era immenso. Estou estrangeira e hospeda na terra. Aguardo monção de voltar á patria, que perto vem. Lá, o repousar, e esquecer.

Escrevi-te, e fiquei fria. Nem alvoroço, nem anciedade.

3 horas da tarde

A tua carta foi como a esponja que apagou de todo a tua imagem. A memoria foi-se com a alma... Não sei que escrevo. Tenho a razão cercada de trevas, e lampejos de fogo. Ó Guilherme!...

Domingo, 9 horas da tarde

Levanta-se a minha alma, aquecida pelo calor da tua! Revivo!... Graças, meu Deus!

Segunda feira, 7 horas da tarde

Estou no quarto de minha tia, a mais linda janella do jardim. Escrevo-te sobre os joelhos, para contemplar o ceu—a nossa patria, que nos aguarda—o porto infallivel d'estas borrascas. Lá ao longe, diviso horisontes sem fim, montanhas, aldêas, presbyterios! O mundo, visto assim, é bello, por que te encerra em si, ente perfeito.

Aqui está a imagem do infinito na amplidão do espaço, que me rodeia; no amor, que te dou, está tambem a imagem do immenso e eterno. Não so-

mos, pois, entes limitados que a materia fez, e a materia desfará.

Antes do principio do tempo, existia a alma; a alma será eterna, como o amor, e Deus.

Goso uma ventura recatada como o primeiro effluvio de amor no seio de mulher, que viu o desabrochar de suas primeiras florinhas do coração. A lampada d'este meu santuario é a primeira estrella da tarde.

9 horas

O mar e o amor enchem quasi o mundo. Quem disse isto?

Saudade e amor enchem a minha alma.

A minha alma é abysmo de dôres, e manancial de prazeres.

Sorri-me um vislumbre de esperança! Até me pesa tanta felicidade! Esta fruição é envenenada pelo medo de expial-a. Eu vivo da alegria, que me dás, quando alguem morre de involuntarias angustias que lhe causo. Eu te abençôo no recolhimento de meu seio, quando ouço o gemer de um moribundo, que me amaldiçôa. Elle pede para mim os supplicios do remorso e da deshonra. Eu peço para ti a ventura dos que estão sentados á direita do Senhor.

Terça feira 15, 5 horas da tarde

Não sei que fazer ao teu coração. Tenho luctado contra o teu demonio, que te rouba á redemptora influencia do meu amor. Esmagaste-me na tua queda, Lucifer! A minha alma dobrou-se como um vime, que tu lançaste ao cisco das ruas.

Morto!... tu, *morto,* Guilherme!

Não me respondes! Por que, miseravel?

Para que resurgiste as esperanças mortas?

Galvanisaste um cadaver, ergueste-o, e atiraste com elle á sua sepultura, e déste uma gargalhada infame! Aqui estou nas profundezas da desgraça, e da morte, e do opprobrio! Eu merecia-vos isto, meu Deus!

Ó algoz de ti mesmo! Por que estás tu levantando o teu proprio patibulo? Não saberás tu o que é o remorso?! Eu heide ainda ter grande dó de ti, Guilherme!

De que radiante altura de vida e ventura me despenhaste!

Diz-me a consciencia que nunca seremos estranhos.

Esta ancia de immortalidade é o derradeiro alento de vida que repulsa a morte. Quando uma espumante innundação rompe as varzeas tapetadas de flores, arvores, e fructos; aqui, e além, n'esse vasto lago, di-

visam-se folhinhas boiando, revoluteando, como a disputarem o seu ser á onda que as leva ao gôlpham. Em vão reluctam. A arvore foi desarreigada; as folhas presas ao tronco lá vão na invencivel torrente. Eu sou a leve folha, que se insurge contra a omnipotencia da tempestade.

Encontrar-te no meu caminho, Guilherme, encostar a minha fronte ao teu seio; ouvir-te palavras de amigo; chamares-me irmã, e esposa; pedires-me a felicidade; acordar tantos eccos no teu coração; e, depois, separarmo-nos como entes desnecessarios, é horroroso!...

Morrerei!... Tu só, Guilherme! nada mais que tu; mas tambem nada menos!

Quarta feira 16, 10 horas e meia da manhã

Ainda me estorço. Heide matar o soffrimento, ou morrer na lucta.

Mal posso já. Tenho febre, e sinto uma agonia estranha. A custo me movo já. Tudo aborreço, e a mim primeiro que tudo.

Ó saudade! Saudade immensa, que me dilaceras!

Eu abandonada por ti, Guilherme! Quem me dera respirar! Faz-me horror esta minha desesperação!

E não posso destruir-me, não posso fugir de mim mesma!

Tudo negro, negro, como a morte, como o inferno!

Se tu podesses amar-me, ó anjo! Qual gloria ha ahi maior no mundo que dar a vida e o contentamento á creatura, que morre por nós...

Cala-te, miseravel mulher!...

Meia noite

Chega a noticia da morte de F***. Vou ajoelhar ao lado de minhas tias, orando a Deus por sua alma. Lá estás, infeliz!... Oh! não peças a Deus dôres novas para mim! Eu amava-te, se podesse. Dera-te a minha vida; mas o coração não podia. Resgate-me do teu odio, se morreste odiando-me, esta torrente de lagrimas.

2 horas da manhã

Orei. Ergui-me reanimada dos pés de Christo. Venho escrever aqui o teu perdão, Guilherme. Estou conformada com o martyrio. Expiei.

Sabbado — 10 horas

És nobre, és generoso, és superior. Quero padecer em quanto fores infeliz. Conta, Guilherme,

com a minha ultima pulsação. Tua até ser dos vermes.

O meu amor é o meu orgulho, o meu thesouro, a minha vida, o meu inferno, que eu não troco pela paz dos anjos. Conquistar-te para mim é o meu sonho de gloria.

Amar-te e ser tua, é meu destino e vontade. Pertenço-te, possues-me, esquecer-me de ti um instante é um remorso.

Deixo-me ir arrebatada; não sei resistir-te; não quero pensar, nem calcular.

Quando eu cahir a teus pés, comprehende então a minha ternura.

Precisas ser assim amado. Amo-te como Deus ama os peccadores. O meu amor procede d'aquelle amor sublime com que Jesus soffreu pelos homens o maximo martyrio. A prodigiosa abnegação do seu holocausto reflecte no desapêgo com que toda a ti me sacrifico, e vou paciente á sepultura.

Terias soberba se me entendesses. Estou de joelhos diante de ti. Com a idolatria do pagão, com o fervor da martyr, com a pureza das virgens, com a exaltação dos fanaticos, amo-te assim. O meu amor é de todos os tempos, participa de todos os cultos, é superior a tudo, reune todas as adorações.

Quando me vir em teus braços, comprehenderei o ceu, com a sua plenitude de incomprehensiveis jubilos. Abençoarei a hora em que minha mãe me concebeu, e o beijo com que meu pai lhe fecun-

dou o seio, e a culpa do primeiro homem, culpa origem da morte, por que eu quero morrer por ti. N'essa hora o meu coração enviará a meus labios um cantico novo ao author de todo o bem.

Por que n'esse dia olharei as flores da minha corôa virginal, e direi doida de alegria: «foi elle que as queimou com o seu halito de fogo».

Domingo, 2 horas da tarde

Vi-te hontem á noite. Tremi. Não me viste, Guilherme? Por que iria a tua fronte descahida? Vou escrever-te.

Meia noite

Se alguma vez me disseres: «amo-te!» ouvirás de minha alma um grito de jubilo, e sentirás nos teus braços uma mulher... perdida, proclamando como um triumpho a sua perdição!

Terça feira

Não despedaço as minhas algemas!

Por que me foges? Para qual de nós é o perigo, Guilherme?

Deliciosa é a morte! Ai! o meu passado!...

Quarta-feira, 10 da manhã

Surprehendes-me. Não te entendo. Ha dois dias que o teu proceder me confunde. Noto não sei que dissimulação na tua assiduidade! Assustas-me! É capricho ou coração? Quererás perder-me? Nunca! nunca!

Quinta-feira, meia noite

Queria chamar sobre ti, homem sem alma e sem coração, a desgraça dos scelerados!

Nunca fiz mal a ninguem! Por que soffro eu assim!

Tres dias de dedicação e disvelo que me déste, com que fim? Serei eu o brinquedo dos teus ócios, Guilherme?

Cuidarias tu que eu era muito rica, e fugiste desenganado, quando te eu fiz sentir que desprezava um ouro, que não tenho? Então és abjecto!

Sabbado

Escrevo-te debulhada em lagrimas de pungente arrependimento, e o coração a trasbordar de alegria.

Ès o homem digno e nobre sempre. Adoro-te, Guilherme!

O meu amor é a minha justificação. Absolve-me, anjo!

Hontem, applaudiu-me um teu gesto, quando eu dava uma esmola; hoje, fervorosa com o teu applauso, vou dar allivio a uma familia pobre, á descendencia infeliz de um magistrado que serviu com meu pai. Tens razão, Guilherme: *é melhor atirar ouro que lama á cara d'este mundo. O ouro dóe mais.*

Terça feira, 9 horas

Sinto desejo de me vingar. Quero aborrecer-te...

Onde ha ahi um homem que me ame?

Agora veremos, Guilherme!

Acabaram as humilhações... *para sempre,* ouviste?

Não posso, não quero, não devo abater-me mais.

Não quero amar-te, e olha que posso! A mulher póde tudo, com um pé sobre a dignidade, e outro sobre o coração.

É estupidez amar-te. Amor assim não eleva, nem purifica, nem espiritualisa: roja, suja, e brutifica.

Eis-me aqui ridicula, estupida, e repulsiva!

Por que me lastimo? Quem te impoz obrigação de querer-me? Quaes são as minhas seducções? Ve-

jo-me extremamente vulgar. Cahi. Rossei pela tua sombra, e prevariquei, desvirtuei-me!

Como descrevo eu este amor? Com transportes nauseentos, com irritações de mulher trivial.

Não sei o que fiz ás minhas boas qualidades. Fui altiva, fui senhoril, fui amada, elevei-me ao nivel do sublime e delicado em sentir extremos de pundonor. E agora? Vejo-me hedionda no espelho da cohsciencia.

A que tu me reduziste!

Quinta feira

Dá orgulho amar-te, Guilherme.

Sinto-me digna de ti, homem unico!

Não creias nos meus delirios, que a tranquillidade reprova. Amo-te com tão santo amor, que estremeço á sombra de uma profanação.

Se te escrevo desejos, ardores, hallucinações, não creias que me abrasam o sangue os incendios da torpe organisação animal. São castos e immaculados os meus deleites. Adorar-te-hia no altar do meu coração, como as virgens sagradas a um culto ideal. Não se extasiam ellas em ancias de possuir o imponderavel?

Queria ser a teu lado a esposa, a filha, a irmã, a amiga, tudo quanto se ama, e tudo por que se é amado.

Beijaria todas as noites a tua face, como beijava a fronte veneranda de meu pai. Iria, cada manhã, saudar-te com o sorriso de alegria, que me ensinasse o anjo dos meus sonhos.

Encostar-me ao teu braço com a confiança de irmã; sentir-me em teu peito, refugio sagrado de amor, como filha em coração paternal; pousar a cabeça em teu hombro, e dormir assim o sereno somno da amiga no seio da amiga; e, além de tanto, vêr ainda em teus olhos a ternura, que a mulher sorve dos olhos do homem, que ama, não será isto a definição mais aproximada do ceu? Achar em ti o conselho de pai, a defeza de irmão, a estima de amigo, a ternura de amante... meu Deus! é demasiado para este esqualido tremedal da vida humana!

5 horas da tarde

Dizem que a saciedade é a negação do amor.

Não comprehendo o valor d'aquella palavra. Duvido, porém, que sejam prazeres o que o fastio extingue. Se existiram, existirão. O que a saciedade acaba creio eu que são os prazeres da phantasia.

Se me eu engano, abjuro as sensações que matam a alma.

Se eu fosse livre, affrontava o mundo, e ia viver ao teu lado. A aspiração, que me enleia, o sonho que me enlouquece, é, creio eu, a suprema virtude do coração.

A sociedade que me importaria? Eu só córo diante da minha consciencia, só desço o olhar humilde diante de Deus, que é um juiz de sabedoria infinita.

O mundo cuspiria um stygma na minha face? O mundo não injuría quem tiver um pouco d'alma, e força, e applauso intimo de seus actos. Quem souber rir, e fôr intimamente feliz, venceu-o.

Isto é um sonho, Guilherme?

6 horas

Dizem-me que amas Florinda!... Que lança me trespassa o seio!... Não é esta uma mulher de quem tu me disseste um dia:

«Florinda, como não tem cerebro, deve ter as «bossas em alguma entranha. Eu creio que a im«mensa bossa—se é que toda ella o não é—da li«bertinagem d'esta mulher, é o coração inteiro, on«de em vez de sangue lhe gira agua tufana com que «ella mata o coração dos nescios que a festejam.»

Deus te defenda, Guilherme! Não vá ser ella o instrumento do teu castigo! [1]

[1] Adherente a esta pagina do *Diario*, está uma carta de Virginia. É para notar a senhoril delicadeza com que a lastimavel senhora argue, não já a deslealdade, mas o desvario de Guilherme. Este é o relanço em que devo trasladal-a, com a ementa, que Amaral escreveu.

Ha muitos dias que não te escrevo. Quero fechar-me bem nas minhas trevas. Nem renovo de alegria, nem vislumbre de lembrança consentirei á minha alma.

E, depois, fogem-me as idéas. Não chora, nem escreve quem quer. Esquecem-me as coisas: tenho

A carta diz assim:

«Tinha já adivinhado que devia ser aquella!... *Florinda!* Santo Deus!... Ó meu amigo, tu es digno de mais!

Ha muito que um presentimento m'a indigitava, mostrando-m'a como coisa que tinha de influir sinistramente no meu destino.

Estás fascinado, Guilherme?

Escreves-me ainda dominado pela impressão do baile de ha noventa e seis horas! Obrigada pela confidencia, meu irmão...

Não obstante a orgulhosa independencia da tua alma, e o asco natural que te inspirou aquelle mixto de aromas e putrefacção moral, noto que entretens demasiadamente o teu espirito na solução do problema. A detenção no estudo d'esse caracter estabelece um contacto entre a tua alma elevada e o cynismo degradante da esposa de ***.

É fascinação de demonio! Benze-te, meu pobre irmão!

Entendo o que é essa creatura. Reconheço-a no esboço que Eugenio Sue ensaiou na Ursula do romance MATHILDE. Nem só os miseraveis como Lancry se embriagam dos philtros que levam a peçonha da depravação nas edolçurantes seducções de um amor estudado a sangue frio. Rochegune, ficção que realisas para mim, tambem foi deslumbrado pelo espirito da fada do inferno.

É que á virtude agrada ao coração; mas o vicio, na alma da mulher que sabe a linguagem da candura, é a maxima das magias.

Tu és sceptico. Não o sentes; não crês no amor; nem mesmo concedes que a mulher o sinta—*a mulher da fina roda*—dizes tu. É

espasmos de idiota. Era um só o meu coração; não podia com tanto soffrimento. Faltou-me a taboinha de salvação: sossobro, morro, Guilherme.

Tu, de certo, nunca imaginaste o que eu padeço. Sabêl-os-ha no juizo de Deus; não para castigo, não.

Que culpa tens de que eu te ame!? Eu direi então ao Senhor: «Perdoai-lhe, que elle não sabia quem matava.»

Estou só, só, n'este mundo!

por que a tens encontrado a mentir impudentemente, e a esquecer-se de que mentiu, com duplicado impudor.

Que influencia não terá em ti a mulher que falla de amores com a «candida espiritualidade» da virgem, e se aliena com o cynico materialismo da devassa? Florinda já te fez dizer: «Vi que o amor nos labios d'ella é como a flor n'um lodaçal». Tal mulher te fará descrer de amor e virtude, se a vires, sob capa de esposa austera, atropellar todos os deveres, e rir ás escáncaras da aversão que inspira .. aversão! a quem? a pessoas cuja estima lhe é inutil. Que mais quer ella, se tem os teus incensos, e de outros idólatras teus iguaes?

Não sei d'onde me vem esta prophetica prevenção, Guilherme... Será de eu ter lido que, nos homens, a curiosidade de decifrar o enigma provocante de uma mulher encantadora e perdida, os perde, se não teem na alma a santificação de um grande e verdadeiro amor.

Como chegou ella ao que é? Não crês na fatal predestinação do vicio: precisas apalpar as escaleiras do abysmo, desfiar logicamente a travação dos factos, que disparam em inconsciente abjecção. Ora, quem sabe se lá do fundo do abysmo d'ella sahirás triste e macilento como do antro de Trophonius, triste de amor, meu querido irmão!

A perfeição no vicio tem um poder de fascinação que só a perfeição na virtude poderá vencer. Onde está uma virtuosa que possa medir-se em competencia de encantos com a pervertida.....»

A ementa de Guilherme do Amaral dizia:

O amor não faz tantas philosophias. Esta mulher é grande discursadora, a meu vêr!

Segunda feira

Dizem-me que te viram no «Passeio das Virtudes» profundamente triste. Folguei! És o sentenciado a eternas dôres. Sobejam-te razões de amargura.

Senti desejos de ir espertar-te d'esse pesadêllo. Andarás elaborando a peçonha da Borgia?...

Agora me disse a criada que ias passando... Corri á janella... Lá vais!... nem me relanceaste os olhos! Vai, infeliz! A condemnada não sou eu só.

Quinta feira, 11 horas da manhã

Levanto-me do bastidor para vir escrever-te. Não sei que estranho sentir me traz hoje a tua imagem! Vai na minha alma uma voluptuosidade amarga e embriagante. Estremece-me o coração em pungimentos e delicias. Afogueam-me o espirito flammejantes imagens. Alvoroça-me um desejo, que me reçuma na face o sangue do coração. Queria-te ao meu lado, e tremo com a idéa de que poderia tocar a tua mão, sentir o teu halito. N'este instante, o fogo do teu olhar escaldou-me, córei de pejo, abaixei a vista, como se não existisse um grande espaço entre nós. Hoje, se eu te dissesse «amo-te!» não o diria ao irmão; seria ao esposo.

Tenho febre. Parte-se-me a cabeça com dôres. O meu dormir foi cortado de maus sonhos. Sinto uma pesada lassidão, um torpor, uma languidez, e, a intervalos, agitação febril. Soffro; mas ha gosar n'este molesto sentir. Mata-me, e extasia-me.

Estas sensações, nunca experimentadas, dão-me uma physionomia estranha. Ha momentos, atravessando a sala onde trabalho, pasmei de mim, no espelho. No meu quarto, recebi a mesma surpreza. Brilham-me os olhos insolitamente; o colorido de minhas faces nunca foi assim; os meus labios estão mais rosados; o meu sorriso... Estranho-me! Achei-me assim bella... Vou orar, vou trabalhar...

Sexta feira, 16—7 horas e meia da manhã

É indefinivel o meu mal-estar. Soffro muito de corpo; já sinto menos as dôres moraes. Está viciado o ar que respiro. A meus olhos veste-se tudo de negro. Gela-me o pavor de quem chega aos áditos da eternidade. Pergunto a mim mesma o que é a vida, e o que é a morte? Que mysterios encerra a sepultura? Compenetro-me de tudo quanto a idéa da morte me suggere, e sinto esvair-se-me a fé.

Acabará tudo ali?

Encontral-o-hei eu ainda?

Tornará a envolver-me na eternidade, que me não aterra, e indistinctamente vejo, a mortalha de

toda a minha ventura? Renovar-se-hão estes ardores, sem treguas, sem refrigerio? Que será para mim a eternidade? Sahido de sua prisão medonha, o meu espirito errará na vastidão do espaço, ou irá ao seio do seu creador? Se ha transmissão de espiritos, que serei eu nas gerações futuras?

Vou orar... Que heide eu fazer, pobre mulher?

Quarta feira, 20—2 horas da tarde

Não posso amal-a. [1]

Por quê? Por que não podes amar-me, Guilherme?...

Oh meu Deus, eu já não posso com esta cruz! Deveria eu por força amar um homem que morreu? Se elle se atravessou no meu caminho, quando eu sahia da infancia, havia de eu amal-o? Por que se ergue elle sobre a sua sepultura, phantasma dos meus sonhos, e solta uma gargalhada de vingança?

[1] No manuscripto de Guilherme, ha umas linhas com referencia ás tres palavras do *Diario*.

São assim:

«O medico de Virginia convida-me a collaborar com elle na salvação da sua doente. A missão antiga do confessor passou ao medico; mas ficava melhor ao padre. Eu teria mais fé n'este, que no outro. Respondi com a necessaria franqueza: *não posso amal-a; nem poderei salval-a.* A honra a quem toca: salve-a a medicina, que em todo o caso se attribuiria o milagre. Não quero questões de *sicut nos non vobis.*»

Este fragmento pertence a uma carta escripta a um amigo.

Pois bem, estou quite comtigo, phantasma!

Deixa-me! Expiei o mal que não te quiz fazer.

Deus não póde peorar a minha sorte: d'aqui lhe atiro este desafio. Já nem remorsos de blasphemia; já não! É mentira tudo! Não ha justiça nem misericordia, no ceu nem na terra.

7 horas da tarde

Que desalento, que escuridão!

A mulher de hontem acabou. Até o recordar a felicidade me é uma tortura defeza. Quem me dera poder chorar! Quem me dera uma caricia que me tirasse nas lagrimas este fel! Sósinha, meu Deus! Se a loucura me salvasse!...

A vida morre com o amor; a virtude é uma chimera; a fé em Deus é impossivel, quando a perdemos em nós, em tudo que sentíramos e esperáramos. Poderei ainda rir das dôres, que hoje me dilaceram? Nada me resta. Nem a honra já disputaria, se fosse necessario morrer infamada. A cadêa dos meus dias está chumbada na sepultura.

Guilherme, Guilherme ainda me hasde amar! Ainda; mas eu não poderei já amar-te.

Sexta feira

Eras uma visão amorosa que o anjo dos felizes mostrara á minha alma sedenta.

Julguei-te só na terra, e por isso fui ao teu encontro.

Tive o desvanecimento de me crer necessaria á tua ventura.

Dormias cansado um somno oppressor, e eu cuidei que te acordava com um beijo de irmã para o dia do resgate.

Fallei-te a linguagem apaixonada do meu coração, dei-te palavras de eterna vida, rasguei a mortalha, que te cobria o peito, morto para o amor. Compadeci-me e amei-te. Chamei-te. Invoquei o Christo para a resurreição de um mais desgraçado Lazaro.

Ajoelhei-me ao pé do teu leito de pedra, e esperei.

Esperava para sentir as tuas primeiras palpitações, recolher em meus labios o teu primeiro suspiro, receber em pleno seio a desgraça, se ella voltasse a ferir-te.

Rompi quantas ligações tinha com o mundo, violei juramentos, vi impassivel fechar-se o tumulo de um homem que pedira ao seio da terra que o escondesse para me não vêr em teus braços.

Que me importava!... Os teus braços repelliram-me! Suprema justiça, e supremo vilipendio!

«Não posso amar-te!» disseste tu, Guilherme.

Afastei-me do degrão do teu tumulo. Recolhi as folhinhas dispersas do ramo de esperanças, e lancei-as sobre a minha vala.

Ninguem me dará outras. Ai! não... Nem chorada serei!

E, assim mesmo, levo saudades dos tormentos que padeci abraçada á tua cruz.

Domingo, 4 horas da tarde

Detesto um homem que veio aqui dizer-me quem és, Guilherme.

Palavras malditas do enviado do inferno. És um monstro moral; tens alma rasteira e abjecta; sem crenças, nem affectos, sem convicções, sem principios, sem pundonor; pessimo de indole, e feroz de condição.

Detesto este homem!

Lembrar-me de ti mortifica-me.

Não te amo, Guilherme.

Que é feito do teu prestigio, irmão querido e adorado?

Oh! maldito sejas... Não, não, meu Deus!

Regenerai-o para a virtude, se não quereis dar-lhe a felicidade pelo amor!

Não te amo, Guilherme: já não!

Como pude eu amar-te tanto!

Profiro o teu nome; e palavras tuas, que me eram um talisman, já minha alma as não comprehende. Avulto a tua imagem ao meu lado, e encaro-te com desdem! Vai-te, reprobo!

Ha quarenta dias que estou de cama. Ergo-me hoje para escrever mais uma pagina n'este Diario, que breve será cinzas, como eu.

Tenho tantas saudades de ti, meu amado Guilherme!

Como eu te amo, ó filho da minha alma!

Sinto-me bem. A minha alma balanceia-se em mar de jubilo. Luz santa, alegria dos anjos me enche o seio. O azul do ceu parece-me o da minha infancia. A natureza está de gala; tudo flores, tudo risos; tudo páramos brilhantes que me estão transluzindo o ceu.

Deves ser tu, Guilherme, o motor d'estas delicias, que me arrobam! Á Deus devo as maravilhas

da creação que me cariciam, a ti a alma que as entende.

Que será isto, ó meu amor?

Estou hoje tão extremosa por ti! Prendes-me como o ceu a estrella, e o amor a felicidade.

És meu! és meu no ar que aspiro, nas pulsações que me abrasam, nas delicias que sonho.

O meu amor é a belleza, a sublimidade, o santo extasis das penitentes; é hymno dulcissimo d'alma que se afina pelos sons da tua em louvores ao trez vezes santo ideal, que foi a esperança para os infelizes, a dôr paciente para os bons, e a bem-aventurança para os desgraçados sem culpa; é como o amor das martyres que se engrinaldam de espinhos para as nupcias do ceu; é o amor da mãe ao filhinho que lhe affaga os olhos; é um sentir fundo e incomensuravel que abrange e sonda a immensidade antes do tempo, e o tempo embebido no seio da eternidade.

Segunda feira, 16—2 horas da tarde

Não posso já escrever-te; e, com tudo, soffro menos. A soledade é que é penosa. É um desterro a minha vida!...

8 horas da noite

Sinto a morte. Ardo em cogitações que agitam e prostram.

Que cortejo de dôres eu levo á sepultura!

Já ólho para a terra, e digo-lhe: «adeus!» mas, sem saudades.

Espero morrer sem terror nem ancias.

Deve ser bom o descansar, depois d'esta fadiga.

A morte é bella.

Creio na immortalidade da alma: creio-a ainda mais do que a sinto.

A espaços, assisto, como um estranho, ao espedaçarem-se-me as fibras do peito; vem depois uma ancia, e o desaccordo por fim.

Apagou-se-me o lume dos olhos, que se escondem no fundo de dois anneis roixos. Estou a dissolver-me.

Morro, Guilherme, amando-te até ao ultimo respiro. Não posso mais. Falta-me já uma força ficticia, que ainda tinha ha pouco: é o coração que morreu primeiro.

Agora, sim, Guilherme! Morro!... Isto é triste!

Desejo vêr-te. Se eu podesse sahir...

Domingo, 22—3 horas da tarde

Ao redor de mim é tudo vida, luz, e calor. Ao longe as serras, o recorte dos pinhaes, as columnas de fumo das aldêas, as gargantas verdejantes das montanhas.

Descanço.

Estou sósinha. Este socego escuta os meus gemidos. Por que gemo ainda? Meu Deus, perdão! Este padecer não é violento. Estou como o infermo que repousa, em somnolencia apathica, de uma crise perigosa.

Se aqui viesses, Guilherme, amavas-me. Se visses estas maravilhas de ceu e terra, todas nossas, sentirias ancias de amar, sêde de ventura!

Olha aquellas duas nuvens, dois flocos de arminho, como se unem! Aquellas vaporações talvez já formàssem o involucro de um raio! Talvez!... que tem que fosses mau, Guilherme! Vem ter comigo, vem, esposo de minha alma! Deixa-me esposar-te no mysterioso recolhimento do meu coração. Vamos a um sertão desconhecido ao pé do homem, que em toda a parte deixa um vestigio de crime. Vamos acordar eccos adormecidos desde a eternidade com canticos de amor, exclamações delirantes, e orações fervorosas. A terra por leito, o ceu por docel, o espaço por dominio, o amor por alimento, e a ti por Deus!

Não sabes nem sonhas o que é felicidade!

Se a alma não estivesse angustiada na estreiteza do corpo, o universo não bastaria ás ancias de uma só alma!

23—9 horas da manhã

A morte, que se espera, tarda muito. Passei noite de tormentos, e hallucinações em que te via. Mesmo adormecida, as dôres do peito eram insoffriveis. Sonhei que estava golfando sangue, e acordei muito afflicta. A tosse cavernosa revolve-me o peito. Respiro com dôr, e aspiro ar que me não chega. Tenho medo da asphyxia... Que morte!

Haverá paz no tumulo?

No tumulo ha vermes.

Se levares uma saudade á minha campa, os meus ossos hãode estremecer. Na terra das minhas cinzas, cinzas do meu coração, hade nascer uma planta nova, formosa, e mystica. Colhe-a, Guilherme!

Pois eu não heide unir-me a ti em melhor mundo? Então, a minha eternidade será o inferno!

27—Sexta feira

Ha tres dias que me não posso levantar.

Sorri-me a morte. Penso em ti com amor e saudade.

Tenho lido; mas não entendo. Em que heide eu passar as horas! Não tenho ar. Fui á janella; vi tudo bello; está lindissimo o dia! Respirei sôffrega o ar puro, que se convertia em bafagem de fogo e peçonha nos meus pulmões. Minha prima apertou-me a mão. Eras tu que vinhas ao longe. Parece que senti estallar o coração. Apeguei-me ao ferro da varanda. Cortejaste-me. Que quiz dizer aquelle comprimento?

Foi um *adeus?* Não tornarei a vêr-te se não no ceu?

Sabbado

Imagino que me escreves hoje. Viste-me hontem tão doente!... Terias pena de mim?

Hoje a dôr do peito é mais constante, e como um bater soturno, não sei como similhante ao do ferro que abre uma cova.

O Senhor me dê uma agonia curta. Afflige-me a transpiração da noite. Morrerá primeiro a consciencia da dôr, ou heide eu sentir a destruição da materia até ao extremo?

Deus se dôa de mim.

29

Nada, nada, meu Deus!

Que vida!...

Quarta feira, 9 da manhã

Tenho hoje saudades das agonias do meu passado, quando eu tinha saude. Ó esperança, onde me trouxeste!

Como eu te quiz, Guilherme!

Sabbado, 11 horas

Quero distrahir-me. Vou compôr um romance. Escrevel-o-hei com lagrimas. Será a minha vida. Vê tu que distracção!... Legar-t'o-hei. Queres, Guilherme? Deve ser teu, por que tudo, que em mim houver até ao fim, hade ser teu: pensamento, vida, acção, sentimento, e vontade.

Amo-te agora sem exaltação, sem febre, e sem loucura. Amo-te socegada, e resignada. Desde que vejo o ceu, cuido que t'o devo.

Domingo

Sonhei-me morta, e depositada no esquife. Do escuro da nave contemplavam-me os teus olhos com fogo sinistro.

Vou hoje ao theatro: é um *adeus!* Foi ali que

pela primeira vez te vi: quero lá vêr-te hoje: será a ultima. Vou-me enfeitar para esta agonia. Irei de branco; serão brancas as flores da minha cabeça. Vamos á festa! Sei que o *mundo* me julga moribunda. Terei hoje quinhão no espectaculo da noite. Vamos á festa!

2 horas da manhã

Bem te vi a commiseração nos olhos, Guilherme. Não podias ser tão mau, quando pessoas estranhas me encaravam condoidas. Mandei-te o adeus do coração! Sahi do camarote, chorando. Minhas tias choravam tambem. Vi-te no portico do theatro. Examinei-te ao perto. Achei-te macerado, meu pobre irmão! Não sei por que, divisei no teu rosto não sei que similhante á sombra da aza da morte que me pousou no seio! Seguir-me-has tu, infeliz?... Queria hoje escrever-te muito, revigorisa-me o coração; mas as minhas tias não me deixam. Até ámanhã, meu esposo. Deus te doire os sonhos, e o teu alvorecer seja sereno como o do justo, que se não teme da noite, amiga do remorso. Adeus, Guilherme.

Segunda feira, 11 horas da manhã

Vou escrever-te, Guilherme. Penso que será a ultima vez. [1]

1 N'esta pagina encontrei uma carta dobrada, e, no sobrescripto, esta nota da letra de Guilherme: ULTIMA CARTA — *Candal 8 de agosto de 1845.*

Contém o seguinte:

« Está a findar o meu desterro, Guilherme.

Saudades da vida não tenho, mas a eternidade assombra-me.

Que é o tumulo? Haverá expiação? Mas olha: eu não tenho uma idéa clara ácerca dos supplicios eternos. Preciso ouvir palavras que ninguem ainda me disse. Dê-m'as uma intelligencia esclarecida, é uma voz prophetica. Sê tu. Falla-me do ceu, da paz, da bem-aventurança.

Sou ainda muito nova para morrer com o riso nos labios e o espirito quieto. Saldei as minhas contas com o destino, e com a justiça humana. Morro da morte que dei.

Guilherme, irmão querido de minha alma, sê tu a luz que dissipe as trevas que escurecem a minha razão. Ampara-me, alenta-me, desvenda-me o mysterio da eternidade. Se lá vês um pharol, aponta-m'o.

Acho-me espavorida no limiar de uma porta, que vai abrir-se, acolher-me, e fechar-se. O que é lá dentro? Premio ou castigo? Triumpho ou martyrio?

Na irradiação da vida, muitas vezes dizia eu: « A morte deve ser bella, quando se anhela o ceu. Agora, n'esta exclamação que faço para me fortalecer, digo entre mim: « pois sim: a morte será bella, mas é triste: o ceu será eternidade de amor e ventura; mas eu não pude conciliar aqui um com a outra: o amor foi-me supplicio e morte; a felicidade uma sombra, que esteve dois minutos a meu lado, vertendo-me no seio o veneno de que me sinto morrer. »

Meu amigo, ensina-me a resignação.

Irmão, não me desampares. Vem assistir em espirito ao meu trespasse ».

Terça feira, 4 horas da tarde

Já me acharam morta, quando me trouxeram a noticia da tua dedicação a uma mulher da plebe! Não sei por que se espantam! Quem sabe o digno e virginal coração que ella tem! Antes essa, meu irmão, que as outras, que te mataram a alma. Tinhas ainda a poesia dos campos, Guilherme! Não o pensava! Estás no Candal, em casinha sombria de arvores. Reconstruiste o teu éden, para ti e para essa invejavel creatura. Era assim que eu o pedia a Deus para nós.

Escrevi-te hontem a minha ultima carta. Que dissaborosa impressão te vai ella dar agora, que és feliz, ou finges sêl-o!... Se eu hontem soubesse isto, não te escrevia.

Vive em paz. Não serei eu quem te vá perturbar, não, meu amigo. Já me faltava sangue no pulso para poder com a penna. Agora nem mais cartas, nem mais nada. Vejo a minha ultima paragem. D'aqui até lá, pedirei ao Senhor uma agonia curta para mim, e longos dias de contentamento para ti, meu irmão. Se a minha memoria te póde maguar, peço a Deus que me esqueças, Guilherme. Nem já o desejo de te ser lembrada deixo de mim; é o ultimo que póde renunciar a mulher que involuntariamente mataste; mas não infamaste; e, se quizesses, infama-

rias! Surprehendeste em minha alma o sentimento da abnegação de mim propria, e disseste-me: «O mundo se me vir olhar-te, queima-te em estatua nas aras da moralidade publica». E evitaste-me. Quando me viste sossobrar á paixão, e ir cega para os teus braços, que fizeste tu, «homem desconceituado pela calumnia, e desmoralisado á força de injurias?» O que não faria nenhum dos apellidados sacerdotes da moral: repelliste-me! E disseste-me: «Antes quero ser teu pai que amante.»

Agora que me diga o mundo que homem em teu logar seria o que foste!

De joelhos te pago este tributo de respeito e admiração. O ceu te dará o galardão que eu não posso.

Deixa-me agora abençoar o teu nome, e inclinar a face sobre as cinzas de minha mãe.

Adeus, Guilherme, adeus! até ao ceu!...

Novembro 22 de 1845.

XIV

Este *Diario* foi lido por Guilherme do Amaral, na presença de Ernesto Pinheiro, que o ouviu.

Pedi ao ex-poeta e ex-jornalista que invocasse as suas reminiscencias para me dar uma idéa das commoções de Guilherme, no correr da leitura.

Ernesto concentrou-se, e respondeu:

—Guilherme leu de um folêgo todas as paginas do *Diario*, que tu resumiste a metade. Não o devias ter feito.

—Reciei que o enfado...

—O enfado?! E a profanação? Mutilar este diario foi profanal-o! Estas lagrimas deviam ser vistas uma por uma; porém, se as conveniencias litterarias sobrelevam a todos os respeitos, andaste bem

em não lesar a tua reputação, desattendendo o gosto dos teus leitores. De Guilherme dir-te-hei que o ouvi em alguns relanços exclamar: «isto não se podia dizer melhor!—Magnificamente escripto!—Admiravel trecho!—*et cætera.*»

—E lagrimas?

—Perguntas-me se Guilherme do Amaral chorou?

—Sim.

—Não chorou.

—Nem soffreu?

—Soffreu dez minutos infernalmente, ao cabo dos quaes exclamou: «Tenho de morrer doido.»

Sorri-me, e Guilherme proseguiu: «Por que a expiação é inevitavel. O caminho, que me hade levar ás trevas, não sei. Que instrumentos de castigo me prepara a Providencia, não posso antevêl-os. Virginia deixou morrer, quasi sem choral-o—viu morrer um homem de quem foi amada... Sentiu o que eu estou sentindo agora: angustia que não é paixão. Morreu depois... e eu heide morrer, em condições que me façam lembrar esta mulher, que eu podia arrancar á morte...

—A justiça eterna—atalhei eu—não tem a complacencia de te dar a intuição do seu processo de castigo. Cuida tu em não dar passo sobre terreno declivado: evita as ladeiras para evitares os abysmos. Conheço sujeitos que deixaram assim, ou pouco mais ou menos, morrer mulheres. Alguns, em con-

dições mais aggravantes que tu, primeiro as mataram nos creditos, e consentiram que a sociedade as sepultasse em lama, antes que a pedra da campa as fechasse no sagrado da morte. E, não obstante, estes sujeitos, que tu e eu conhecemos, nem expiam, nem se erguem de noite sacudidos do leito pelos empurrões dos maus sonhos. Encontro-os a comer, a beber, a amar, a seduzir, e a gosarem-se de sua solida reputação de gerifaltes de pombas incautas, pombas que se desacautellam o melhor que podem para serem vistas. A Providencia, pelo que vejo, não faz caso d'elles; elles, porém, tambem não fazem caso nenhum da Providencia. Alguns sei eu que tocaram os cincoenta annos, e contam que, ha vinte e oito, amaram e mataram a primeira mulher. Castigo, que se deixa esperar vinte e oito annos, quando chega, já o castigado o não conhece, e por conseguinte é inutil. Tu sabes, Guilherme — continuei eu — que a tua responsabilidade na morte de Virginia não está nem meramente indiciada. Não podias amal-a; disseste-lh'o; e, se alguma vez n'um rapto de piedade, te desmentiste, isso prova que o teu coração era bom. Assim como a sociedade não tem que devassar em ti da razão por que amas Augusta, é por igual incompetente em averiguar o por quê de não amares Virginia. Ora, Deus que inquestionavelmente é mais sensato que a sociedade, de certo não te inflige a pena de não poderes amar. Em todo o caso, terminei eu, faz por ser bom, de modo que a expiação

te não encontre no caminho do crime. Se ella te alcançar em boa paz com a tua consciencia, então beijarás as disciplinas que te ferirem, certissimo de que é a Providencia que te castiga.

Terminou o incidente da leitura do *Diario*. Guilherme foi para o Candal, onde eu, no dia seguinte, o fui achar serenamente melancolico, sentado na othomana, cujo encosto ajustava a um lado do piano, no qual Augusta estava tocando os seus admiraveis ensaios.

Volvidos alguns dias—proseguiu Ernesto Pinheiro—fui ao cemiterio do Prado vêr as sepulturas de Virginia e de Rachel. Esta segunda senhora tinha eu conhecido no ultimo anno de sua vida. Movia-me agora mais á compaixão, e a um ideal de triste poesia, a leitura do romancinho, que Virginia escrevêra. Lá estava a roseira, com pouquinhas folhas, n'um dos quatro cantos do jazigo. Levantei-lhe uma haste vergada pelo vento, e amparei-a entre as bordaduras da gradaria. D'ali fui ao mais proximo tumulo, que era o de Virginia. Contemplei o cypreste, que ella plantara, e pareceu-me vêr o esgalho d'onde ella quebrara o ramo, que Amaral me mostrara. Quando eu assim estava, ouvindo o murmurar das ramagens, e olhos fitos na lapide de Virginia, accercou-se de mim o guarda do cemiterio, e disse-me:

—O senhor é o senhor Guilherme do Amaral?

—Não sou.

—Então perdoará.

—Queria alguma coisa ao senhor Amaral?

—Sim, se fosse V. de certo queria.

—Poderei levar-lhe algum recado.

—Não é preciso.

E retirou-se.

Contei a Guilherme do Amaral o successo com o guarda do cemiterio.

—Que será?—perguntou-me elle.

—Um mysterio que merece a pena descobrir.

—Irei lá um dia—tornou Amaral.

—Acho cedo. Se te podes dispensar de soffrer...

—Heide ir ámanhã.

E foi.

Guilherme encostou-se ao tumulo de Virginia, reconheceu a fronde cortada do cypreste, e ouviu um como vivo som das palavras d'ella, dizendo assim: «*Alguma vez verás reverdecido de nova folhagem aquelle ramo cortado... Eu é que vou e para sempre...*»

Momentos depois, estava á beira d'elle o guarda, perguntando:

—Vossa excellencia é o senhor Guilherme do Amaral?

—Sou.

—Tenho uma carta para lhe entregar.

—De quem?

—De uma pessoa, que algumas vezes vem visitar esta sepultura... Agora me recordo que o vi, ha tempos, com a senhora, que morreu, aqui. A se-